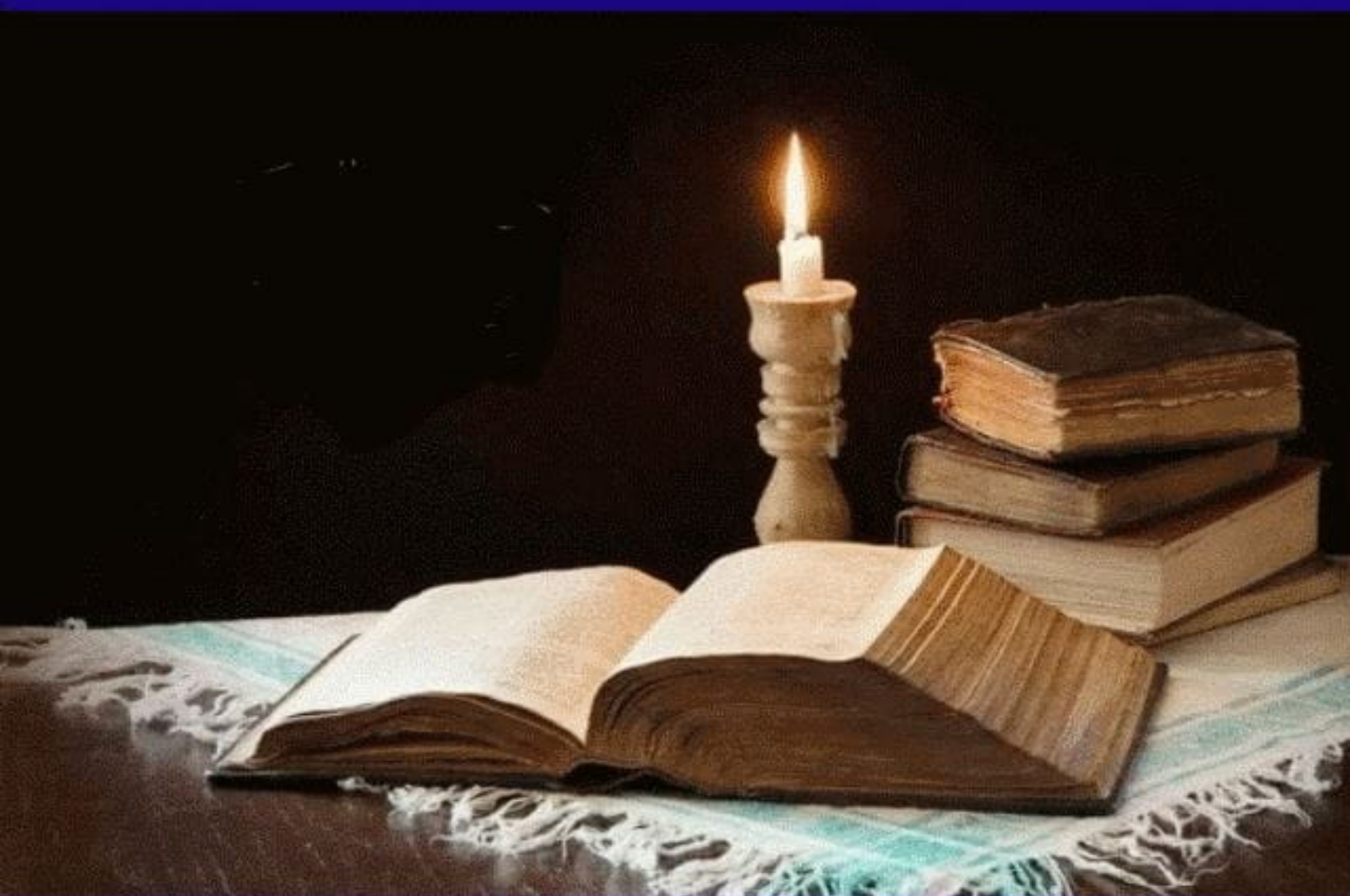


*MEDITAÇÕES*  
*TEMPO COMUM*  
*(Semanas I A VII)*



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES  
TEMPO COMUM  
(SEMANAS I a VII)**

**FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM**

[opusdei.org/pt-pt](http://opusdei.org/pt-pt)

## **Meditações Tempo Comum**

1. Segunda-feira da I semana do Tempo Comum
2. Terça-feira da I semana do Tempo Comum
3. Quarta-feira da I semana do Tempo Comum
4. Quinta-feira da I semana do Tempo Comum
5. Sexta-feira da I semana do Tempo Comum
6. Sábado da I semana do Tempo Comum
7. II domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
8. II domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
9. II domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
10. Segunda-feira da II semana do Tempo Comum
11. Terça-feira da II semana do Tempo Comum
12. Quarta-feira da II semana do Tempo Comum
13. Quinta-feira da II semana do Tempo Comum
14. Sexta-feira da II semana do Tempo Comum
15. Sábado da II semana do Tempo Comum
16. III domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
17. III domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
18. III domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
19. Segunda-feira da III semana do Tempo Comum
20. Terça-feira da III semana do Tempo Comum
21. Quarta-feira da III semana do Tempo Comum

22. Quinta-feira da III semana do Tempo Comum
23. Sexta-feira da III semana do Tempo Comum
24. Sábado da III semana do Tempo Comum
25. IV domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
26. IV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
27. IV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
28. Segunda-feira da IV semana do Tempo Comum
29. Terça-feira da IV semana do Tempo Comum
30. Quarta-feira da IV semana do Tempo Comum
31. Quinta-feira da IV semana do Tempo Comum
32. Sexta-feira da IV semana do Tempo Comum
33. Sábado da IV semana do Tempo Comum
34. V domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
35. V domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
36. V domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
37. Segunda-feira da V semana do Tempo Comum
38. Terça-feira da V semana do Tempo Comum
39. Quarta-feira da V semana do Tempo Comum
40. Quinta-feira da V semana do Tempo Comum
41. Sexta-feira da V semana do Tempo Comum
42. Sábado da V semana do Tempo Comum
43. VI domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
44. VI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

45. VI domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
46. Segunda-feira da VI semana do Tempo Comum
47. Terça-feira da VI semana do Tempo Comum
48. Quarta-feira da VI semana do Tempo Comum
49. Quinta-feira da VI semana do Tempo Comum
50. Sexta-feira da VI semana do Tempo Comum
51. Sábado da VI semana do Tempo Comum
52. VII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
53. VII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
54. Segunda-feira da VII semana do Tempo Comum
55. Terça-feira da VII semana do Tempo Comum
56. Quarta-feira da VII semana do Tempo Comum
57. Quinta-feira da VII semana do Tempo Comum
58. Sexta-feira da VII semana do Tempo Comum
59. Sábado da VII semana do Tempo Comum

## Segunda-feira da I semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da I semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus chama-nos a ser apóstolos; a missão de Zebedeu e de José como pais; contamos com a ajuda de Deus.*

### Sumário

- Deus chama-nos a ser apóstolos.
- A missão de Zebedeu e de José como pais.
- Contamos com a ajuda de Deus.

---

DEPOIS DE CELEBRAR a festa do Batismo do Senhor, somos enviados, como Jesus, a anunciar a alegria que recebemos. Assim, começa, novamente, o Tempo Comum, «Convertei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15), diz o anúncio de Cristo. Para Simão, André, Tiago e João, pescadores que tinham sido chamados enquanto trabalhavam junto ao lago ou na barca, essa conversão concretizou-se numa missão: ajudar Jesus a encher as redes da barca. Certamente, não esqueceram nunca esse instante. «Não devemos esquecer nunca o tempo e a forma como Deus entrou na nossa vida: ter fixo no coração e na mente esse encontro com a graça, quando Deus mudou a nossa existência»<sup>[1]</sup>.

Não pretendemos entender a razão pela qual Deus nos elege, pela qual conta connosco, porque o atrai tanto a nossa companhia. Contudo, ouvimo-lo dizer claramente que precisa de nós na sua barca, empenhados nas suas lidas de pesca, sulcando os mares, compartilhando a alegria de o pecado ter sido vencido. «O apostolado – diz S. Josemaria –, essa ânsia que come as entranhas do cristão corrente, não é algo diferente da tarefa de todos os dias: confunde-se com esse mesmo trabalho, convertido em ocasião de um encontro pessoal com Cristo. Nesse trabalho, ao esforçar-nos, lado a lado, nos mesmos afãs com os nossos companheiros, com os nossos amigos, com os nossos parentes, poderemos ajudá-los a seguir a Cristo, que nos espera

na margem do lago. Antes de ser apóstolo, pescador. Depois de apóstolo, pescador. A mesma profissão que antes, depois»<sup>[2]</sup>.

Converter-nos e acreditar no Evangelho, para ser apóstolos no meio do mundo, supõe deixar que Deus entre diariamente na nossa vida, apesar das nossas evidentes debilidades. «Quantas vezes diante das grandes obras do Senhor, surge, de forma espontânea, a pergunta: mas como é possível que Deus se sirva de um pecador, de uma pessoa frágil e débil para realizar a sua vontade? Contudo, não há nada casual, porque tudo foi preparado na mente de Deus. Ele tece a nossa história e, se nós correspondemos com confiança ao seu plano de salvação, compreenderemos a razão»<sup>[3]</sup>.

---

DEUS PAI deleita-se em nós e, no Evangelho de hoje, confia-nos a mesma missão que a seu Filho: «Segui-me e farei de vós pescadores de homens» (Mc 1, 17). Gostaríamos de lhe dizer imediatamente que sim, como fazem André, Pedro, Tiago e João e também como Zebedeu, pai destes dois últimos. Poderia parecer que este pescador, que ensinou tudo o que sabia a seus filhos, fica à margem da frota de Jesus. Mas nada está mais longe da realidade. É possível que ele próprio tenha animado os seus filhos, com um olhar, para que não deixassem passar essa oportunidade. É fácil imaginar a surpresa que teve este bom pai ao ver que os seus filhos ajudavam nas fainas. Era grande o gozo de ter visto, naqueles últimos anos, como os filhos davam continuidade ao negócio familiar. No entanto, Zebedeu está aberto aos planos de Deus, ainda que se apresentem de forma inesperada. Intui que, com a pesca que lhes anunciou Jesus, todos sairão a ganhar.

Este pai, simples e orgulhoso dos seus filhos, cumpre a sua missão. Acontece-lhe algo de parecido ao que teria experimentado José quando Jesus se perdeu em Jerusalém com os doutores da lei. Quando os seus pais, angustiados, o encontraram, Jesus respondeu que tinha de estar nas coisas de Deus. Para José foi um sinal claro. Isso não o retirava de cena; pelo contrário, dava todo o valor ao que tinha feito, era a confirmação de que estava a cumprir admiravelmente a sua missão. «A paternidade que recusa a tentação de viver a vida dos filhos está sempre aberta a novos espaços. Cada criança traz sempre consigo um mistério, algo inédito que só pode ser

revelado com a ajuda de um pai que respeite a sua liberdade. Um pai é consciente de que completa a sua ação educativa e que vive plenamente a sua paternidade só quando (...) viu que o filho conseguiu ser autónomo e caminha só pelos caminhos da vida quando se põe na situação de José que sempre soube que o Menino não era seu, mas que tinha sido confiado ao seu cuidado»<sup>[4]</sup>.

---

ZEBEDEU conhecia perfeitamente os seus filhos: o seu carácter, a sua impulsividade, os seus anseios. Certamente compreendeu logo porque os começaram a chamar “filhos do trovão” e, aliás, reconheceu-se nessa designação. Muitas noites, em casa, com a sua mulher Salomé, rezaria por eles. Sabia que a missão para a qual Jesus tinha convidado os seus filhos era grande e eles nunca tinham saído das proximidades do pequeno lago da Galileia. Eles afirmavam que podiam beber o cálice de Jesus, mas Zebedeu conhecia bem as suas capacidades, por isso acreditava que a ajuda de Deus era o mais importante. «A chamada leva sempre consigo uma missão para a qual estamos destinados; por isso pede-se-nos que nos preparemos com seriedade, sabendo que é o próprio Deus que nos envia, o mesmo Deus que nos sustém com a sua graça. O primado da graça transforma a existência e torna-a digna de ser posta ao serviço do Evangelho. O primado da graça cobre todos os pecados, muda os corações, muda a vida e faz-nos ver caminhos novos. Não esqueçamos isto!»<sup>[5]</sup>. Quantas graças queremos dar a Deus pelos nossos pais, aos que devemos – como gostava de dizer S. Josemaria – ao menos «noventa por cento da nossa vocação»<sup>[6]</sup>.

Quando Jesus morreu na cruz, Salomé, a mãe de Tiago e João, estava ali para acompanhar a Maria. Ouviu que Jesus disse ao seu filho que Maria era a sua nova madre. Aliás, deu-se conta, como Zebedeu naquele dia na barca, de que João iria embora, mas ela também não sentiu que o perdia. Pelo contrário, encheu-se de santo orgulho porque o seu filho era eleito para cuidar da mãe de Jesus, ainda que tinha consciência de quem ia cuidar e a quem.

---

## NOTAS



- [1] Francisco, Audiência, 30/06/2021.
- [2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 264.
- [3] Francisco, Audiência, 30/06/2021.
- [4] Francisco, *Patris Corde*, n. 7.
- [5] Francisco, Audiência 30/06/2021.
- [6] cf. S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 104.

## Terça-feira da I semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da I semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a graça de Deus atua em nós; Jesus é mais forte do que as nossas fraquezas; admirar-nos com os dons de Deus e compartilhá-los.*

### Sumário

- A graça de Deus atua em nós.
- Jesus é mais forte do que as nossas fraquezas.
- Admirar-nos com os dons de Deus e compartilhá-los.

---

«QUE TENS a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos arruinar?» (Mc 1, 24). Um homem possesso de um espírito impuro recebe Jesus com estas palavras. Talvez sem o exprimirmos tão cruamente, alguma vez tenhamos sentido a tentação de pensar que Deus nos complicou a vida. Talvez em momentos de contradição tenha surgido em nós algum sentimento de queixa ou de autocompaixão. Inquieta-nos que o bem não se imponha de forma mais fácil, rápida e eficaz nas nossas vidas. Por vezes, não chegamos a ver que tudo o que Deus nos pede é, na realidade, um dom que nos oferece.

Não queremos, contudo, que esses raciocínios obscureçam a nossa convicção profunda de que Deus nos quer felizes e que, por isso, nos fez livres. «Não vos surpreendais de não poderdes saltar, de não poderdes vencer: se é própria de nós a derrota! A vitória é da graça de Deus»<sup>[1]</sup>. Por Cristo, com Cristo e em Cristo percorremos confiadamente este caminho em direção à casa do Pai. Contrariamente ao que expressa esse demónio, sabemos que Jesus, a Segunda Pessoa da Trindade, nos é mais íntimo do que nós mesmos.

Não nos preocupam as dificuldades externas nem as pessoais, porque sabemos que, se as pusermos nas mãos de Cristo, atuará através delas.

Quantas vezes tocámos a eficácia da graça! «Também não vos podeis maravilhar nesses momentos –diz S. Josemaria–: é que sois Cristo, e Cristo faz essas coisas por meio de vós, como as fez por meio dos primeiros discípulos. Isto é bom, filhas e filhos meus, porque nos enraíza na humildade, afasta a possibilidade da soberba e nos ajuda a ter boa doutrina. O conhecimento dessas maravilhas que Deus opera por meio do vosso trabalho torna-vos eficazes, fomenta a vossa lealdade e, portanto, fortifica a vossa perseverança»<sup>[2]</sup>.

---

JESUS manda calar o espírito impuro e ordena-lhe que saia imediatamente daquele homem. O demónio tem que ceder perante a força e o poder da graça. «O Evangelho não pode ser negociado. Não se transige: a fé em Jesus não é uma mercadoria a negociar: é salvação, é encontro, é redenção. Não se barateia»<sup>[3]</sup>. Duvidar da força de Cristo é sucumbir. Confiar mais no poder da nossa fraqueza do que na graça é fechar o coração à sua ação.

«Tão assombrados ficaram que perguntavam uns aos outros: Que é isto? Eis um novo ensinamento, e feito com tal autoridade que até manda aos espíritos malignos e eles obedecem-lhe!». Porque surpreende tanto que o pecado retroceda perante a presença de Jesus? Porque damos por vezes tanta importância aos nossos defeitos, por muito arreigados que estejam? Basta uma palavra de Jesus e serão coisa do passado, uma vez e outra. Talvez nessa altura descubramos o papel que têm essas misérias na nossa vida: ajudam-nos a dilatar o coração para que nele habite a graça.

No sacramento da confissão, este milagre realiza-se continuamente. O mal recua perante o poder do Filho de Deus. Através deste sacramento, entra no mundo uma corrente que renova o ar abafado do pecado. Cada vez que nos confessamos, o demónio comprova de novo que não tem nada a fazer, produz-se uma vitória do bem sobre o mal. Nesse tribunal de misericórdia, Jesus reafirma o seu compromisso connosco.

---

QUEREMOS tornar-nos testemunhas deste amor e levá-lo aos nossos amigos, à nossa família, aos nossos colegas de trabalho. Em muitos casos,

talvez não tenham tido a mesma sorte que nós. Essa proximidade da bondade de Deus, essa naturalidade com que a tocamos diariamente, podia levar-nos à habituação. Pedimos ao nosso anjo da guarda que nos encha sempre de assombro perante os prodígios da graça. O Evangelho de hoje fala do espanto dos habitantes de Cafarnaum diante do poder de Jesus. Oxalá que nós também sejamos capazes de nos admirar dia após dia pelos seus dons imerecidos e constantes.

Que melhor forma de os valorizar do que compartilhá-los com os outros? Nessa missão de evangelização, o apóstolo não esquece nunca que o que transmite não é próprio; isso liberta-o do medo de fracassar, de importunar, de não acertar. Sabe que Deus conta com ele para fazer os outros felizes e lança-se a anunciar esta boa notícia. Assim aconteceu aos apóstolos e a muitos cristãos que nos transmitiram a fé. «Quando se trata do Evangelho e da missão de evangelizar, Paulo entusiasma-se, deixa-se arrebatado. Parece não ver nada além desta missão que o Senhor lhe confiou. Tudo nele é dedicado a este anúncio, e ele não tem outro interesse a não ser o Evangelho. É o amor de Paulo, o interesse de Paulo, o ofício de Paulo: anunciar»<sup>[4]</sup>.

À Virgem Maria, Rainha dos apóstolos, pedimos que nos faça boas testemunhas da força do seu Filho. Pedimos-Lhe que nos recorde, um dia e outro, que Deus é igualmente poderoso (cf. Is 59, 1) e que a sua misericórdia é capaz de apagar qualquer rasto de pecado e de tristeza.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, “Agora que começa o ano”, n. 3.

[2] *Ibid.*, n. 5.

[3] Francisco, Audiência, 04/08/2021.

[4] *Ibid.*

## Quarta-feira da I semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da I semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus cura a sogra de Simão; na oração descobrimos os desejos de Deus; rezamos para preparar a nossa alma para a graça divina.*

### Sumário

- Jesus cura a sogra de Simão.
- Na oração descobrimos os desejos de Deus.
- Rezamos para preparar a nossa alma para a graça divina.

---

A SOGRA de Simão está com febre e não parece ser passageira. Por isso, S. Marcos, que recolhe a pregação de S. Pedro, fala-nos da pressa que têm para comunicá-lo a Jesus e pedir-Lhe que a visite. Essa mesma pressa é a que esta boa mulher tem, uma vez curada, para começar a servir o Senhor e os Seus discípulos. A febre baixa e ela imediatamente se dedica a colaborar nas tarefas de Jesus.

Na missão de cada cristão junta-se a graça com a livre correspondência de cada um, toda a iniciativa de Deus com o nosso grãozinho de areia. «Na nossa vida espiritual é essencial observar os mandamentos, mas também aqui não podemos confiar na nossa própria força: a graça de Deus que recebemos em Cristo é fundamental, aquela graça que nos vem da justificação que Cristo nos concedeu, que já pagou por nós. D'Ele recebemos aquele amor gratuito que nos permite, por nossa vez, amar de modo concreto»<sup>[1]</sup>. Essa mulher esquece imediatamente a sua situação e está pronta para compartilhar com alegria o que recebeu. Mas ela só pode fazer isso porque Cristo a curou. Para isso veio, para nos salvar, para realizar os nossos desejos e anseios mais profundos.

Este milagre é o primeiro de uma série de sinais que Jesus realiza nesta cidade à beira do lago. A cidade inteira se aglomerava à porta da casa de

Simão. Jesus está devolvendo o sonho e a esperança a uma geração inteira. A sogra de Simão contribui com o seu serviço e é fácil imaginar o empenho da anfitriã perante a visita do mestre de Nazaré. «Curou muitas pessoas, que eram atormentadas por várias doenças, e expulsou muitos demónios» (Mc 1, 34), narra o Evangelho. A sogra de Simão está feliz por tanta alegria se espalhar na sua casa, à sombra do seu teto.

---

O EVANGELHO de hoje mostra-nos como começam os dias de Jesus: «De manhã, muito cedo, levantou-Se e saiu. Retirou-Se para um sítio ermo e aí começou a orar» (Mc 1, 35). É também uma imagem daquilo que ocupa o lugar prioritário na Sua vida. Pode-se perceber claramente o contraste quando se diz que *de madrugada* sai para rezar e *ao entardecer* acontecem as curas. A força que sai d'Ele, e que cura a todos, vem desse contacto com o Seu Pai. Também na oração aprendemos a identificar-nos com os desejos de Deus. Cuidamos de que o dia não nos surpreenda, não queremos perder a oportunidade de desfrutar da missão de Jesus.

Como Cristo, procurar o primeiro momento do dia para a oração é uma forma de exercer a liberdade. Não nos encontramos com Deus porque é preciso, mas porque, entre as mil coisas do dia, não queremos que o importante nos escape. Talvez a ânsia de Jesus em Se retirar seja surpreendente, visto que já estava em contacto permanente com o Seu Pai. Com este relato, o Filho de Deus mostra-nos que precisa da oração para cumprir a Sua missão. Também antes da paixão em que dará a vida em resgate por nós, O veremos, novamente, retirar-Se para rezar.

Quando Simão sai à procura do seu mestre, tenta convencê-lo de que é preciso reencontrar as pessoas. Diz claramente: «Todos Te procuram» (Mc 1, 37). Mas Jesus mostra-lhe que naquele momento devem ir para outras cidades, quer que todos tenham a possibilidade de encontrar Deus. Recusa ficar ali, satisfeito com o Seu trabalho, mas movem-n'O as almas que O aguardam. Naquela madrugada, Cristo, depois de conversar com o Seu Pai, pôs-Se imediatamente a caminho.

---

PORQUE quer Deus que rezemos? Também Sto. Agostinho perguntava: «Pode parecer estranho que aquele que conhece as nossas necessidades

antes de as expormos nos exorte a rezar, se não compreendemos que o nosso Deus e Senhor não quer que Lhe revelemos os nossos desejos, pois certamente não pode ignorá-los, mas quer que, através da oração, aumente a nossa capacidade de desejar, para que nos tornemos mais capazes de receber os dons que nos prepara. Os Seus dons, de facto, são muito grandes, e a nossa capacidade de receber é pequena»<sup>[2]</sup>. Por isso vamos à oração: para aumentar a capacidade do nosso coração para receber todos os dons que Deus preparou para nós.

Quem deseja e pede mais recebe mais, porque Deus conta com aquele espaço que abre no seu coração. Aquele que sabe que não merece, e por isso se anima a pedir o impossível, abriu espaço na sua alma para as graças que Deus quer derramar a mãos cheias. «Se estimarmos Cristo em pouco, pouco será também o que esperamos receber. Quem, ao ouvir as Suas promessas, acredita que são dons medíocres, peca, e pecamos também nós se não sabemos de onde fomos chamados, quem nos chamou e a que fim nos destinou»<sup>[3]</sup>.

S. Josemaria estava convencido do que Deus era capaz de dar a quem Lhe pedisse: «A oração – mesmo a minha! – é onnipotente»<sup>[4]</sup>. Orando, pedindo sem desfalecer, fazemos eco ao que Deus deseja conceder-nos. O que Lhe pedimos está preparado desde há muito tempo, mas quer que Lho exponhamos para não comprometer a nossa liberdade. «Minha Mãe, que és a Mãe de Deus – implorava também o fundador do Opus Dei, querendo renovar sempre as disposições da sua oração –, diz-me o que tenho que dizer-Lhe, como devo dizer-Lhe para que me escute»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 29/09/2021.

[2] Sto. Agostinho, Carta 130, n. 17.

[3] Autor do século II, Liturgia das horas, XXII domingo do Tempo Comum.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 188.

[5] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, “Rezar com mais urgência”, n. 5.



## Quinta-feira da I semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da I semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus sabe o que é melhor para nós; também nas debilidades encontramos o Senhor; o amor é gratuito, não procura possuir.*

### Sumário

- Deus sabe o que é melhor para nós.
- Também nas debilidades encontramos o Senhor.
- O amor é gratuito, não procura possuir.

---

AO LONGO de toda a Sagrada Escritura, Deus ensina-nos a orar, sugere-nos palavras e disposições. No Evangelho de hoje vemos um leproso que se aproxima de Jesus e ajoelhado suplica-lhe: «Se quiseres, podes purificar-me» (Mc 1, 40). Este modo de pedir ajuda a Deus contém muita riqueza. O próprio facto de rezar já pressupõe que estamos a confiar que Deus nos quer ajudar; no entanto, afirmá-lo expressamente significa, além disso, o reconhecimento de que só Ele sabe na realidade o que é bom para nós. E pela rapidez da resposta de Jesus podemos intuir que essa atitude do leproso o conquistou: «Quero, fica purificado» (Mc 1, 41). Apesar de só terem trocado quatro palavras, o entendimento entre Jesus e o leproso foi total, Deus encontrou a porta aberta no seu coração.

Quando não exigimos coisas a Deus, como se os nossos desígnios fossem mais sábios que os seus, somos capazes de descobrir com maior profundidade o seu amor por nós. Além disso, confiados nas suas mãos e na sua sabedoria, sentir-nos-emos mais seguros, compreenderemos a nossa verdadeira dignidade: a de ser amados e desejados por Deus, não pelo que fizemos, mas pelo que somos, porque saímos das suas mãos. «A liberdade guiada pelo amor é a única que liberta os outros e nós próprios; a liberdade que sabe ouvir sem impor, que sabe querer sem forçar, que constrói e não destrói»<sup>[1]</sup>. Ninguém nos conhece tanto como Jesus e ninguém como Ele se ocupa daquilo que necessitamos em cada instante. Por isso, vale a pena

pedir a sua ajuda com a disposição humilde e totalmente confiada daquele leproso.

---

S. JOSEMARIA comentava assim as palavras do leproso do Evangelho: «Senhor, se quiseres – e Tu queres sempre –, podes curar-me. Tu conheces as minhas fraquezas; tenho estes sintomas e estas debilidades. Mostramos-lhe também com toda a simplicidade as chagas e o pus, no caso de haver pus. Senhor, Tu, que curaste tantas almas, faz com que, ao ter-Te no meu peito ou ao contemplar-Te no Sacrário, Te reconheça como Médico divino»<sup>[2]</sup>. E então, ouvimos que o Senhor quer. Limpa-nos e veste-nos com a sua túnica, com o seu anel, chama os músicos e mata o vitelo gordo. Recorda-nos a nossa dignidade de filhos: «Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha» (Lc 15, 22), diz a Sagrada Escritura.

Apesar de tudo, pode suceder que tenhamos a tentação de nos querermos curar a nós próprios, de nos considerarmos já crescidos, adultos, que não deveríamos necessitar de outra pessoa para nos limpar. Inclusive sonhamos não nos mancharmos e talvez fiquemos perturbados quando isso sucede. Desta maneira, confundimos a verdadeira natureza da nossa correspondência ao amor de Deus. Enchemo-nos de autossuficiência, o nosso pior inimigo. «Foi o amor de Cristo que nos libertou e é ainda o amor que nos liberta da pior escravidão: a do nosso *ego*»<sup>[3]</sup>.

Às vezes podemos esquecer que o Senhor nos espera aconteça o que acontecer, não só nas vitórias. Talvez confundidos pelo desânimo, desaproveitamos essas oportunidades únicas: «Soube oferecer ao Senhor, como expiação, a mesma dor que sinto de o ter ofendido tantas vezes!? Ofereci-lhe a vergonha dos meus rubores interiores e humilhações, ao considerar o pouco que avanço no caminho das virtudes?»<sup>[4]</sup>. Para Deus tudo o que é nosso é importante, também as nossas derrotas. Ele conhece o quanto é grande e sincero o nosso desejo de o amar acima de tudo.

---

«AS SUAS PALAVRAS, “Se quiseres podes purificar-me”, eram o testemunho de uma disponibilidade em aceitar o que Jesus quisesse fazer com ele. Mas a sua fé em Jesus não ficou defraudada! Irmãos e irmãs –

exortava S. João Paulo II —: oxalá a vossa fé em Jesus não seja menos firme e constante daquela demonstrada por estes personagens de que nos falam os Evangelhos!»<sup>[5]</sup>. Pedimos a Deus que nos dê uma fé assim, queremos descobrir que recebemos continuamente tudo de Deus.

«O meu pobre coração está ansioso por ternura — dizia S. Josemaria — (...). E essa ternura que puseste no homem, como fica saciada, inundada, quando o homem te procura, pela ternura (que te levou à morte) do teu divino Coração!»<sup>[6]</sup>. Desejamos o carinho de Deus, mas alguma vez pode suceder que saciemos essas ânsias por vias impuras, onde se olha para os outros não como filhos de Deus que merecem um amor gratuito. Então, podemos procurar unicamente o nosso próprio benefício e ficamos ainda mais vazios.

Pedindo perdão, abrimo-nos ao verdadeiro amor incondicional de Deus. «Se quiseres, podes purificar-me». Aí está o elemento-chave do amor puro. «A castidade consiste em ser livres do desejo de possuir em todos os campos da vida. Só quando um amor é casto é um verdadeiro amor. O amor que quer possuir acaba sempre por tornar-se perigoso: prende, sufoca, torna infeliz. Deus amou o homem com amor casto, deixando-o livre inclusive para errar e opor-se a Ele»<sup>[7]</sup>. Pedindo perdão avançamos pela via da santa pureza que nos permite desfrutar do amor de Deus por cada um. A Virgem Imaculada ajuda-nos a querer todos com essa liberdade que nos fará antegozar o amor de Cristo.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 20/10/2021.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 93.

[3] Francisco, Audiência, 20/10/2021.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 153.

[5] S. João Paulo II, Discurso, 21/02/1981.

[6] S. Josemaria, Apontamentos íntimos, 09/10/1932.

[7] Francisco, *Patris corde*, n. 7.

## Sexta-feira da I semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da I semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: levam o amigo até Jesus; as consequências do perdão dos pecados; todos precisamos de bons amigos.*

### Sumário

- Levam o amigo até Jesus.
- As consequências do perdão dos pecados.
- Todos precisamos de bons amigos.

---

O DESEJO de ver Jesus das pessoas foi crescendo naquela zona. O Evangelho diz que já não havia mais lugar, nem mesmo à porta» (Mc 2, 2). Há alguns dias víamos como as pessoas se aglomeravam do lado de fora da casa de Simão, mas agora já nem sequer aí há lugar. Cumpre-se o que Pedro tinha dito: todos procuram o Mestre. Jesus aqueceu os seus corações, fez ressurgir a esperança num povo ocupado e reprimido; mas desta vez trata-se de uma esperança diferente, muito maior do que imaginavam. As palavras e os milagres de Cristo fizeram com que os sonhos de um povo, que há séculos esperava o Messias, desta vez, parecessem possíveis. E se é, realmente, o Messias?, perguntam-se. E se temos a sorte de o ter na nossa casa em Cafarnaum? Para as pessoas simples que rodeavam Cristo, não há maior privilégio do que ter conhecido aquele que os tinha deslumbrado com a luz da sua doutrina. Eles, personagens secundárias na sociedade do seu tempo, encontraram o grande tesouro; os que sempre tinham sido os últimos foram procurados para encabeçar o povo da promessa.

Entre toda essa multidão, há quatro amigos que tinham ouvido, ou talvez visto, Jesus. Têm um quinto amigo que é parálítico e um deles lembrou-se de que, se conseguissem levá-lo até Jesus, havia muitas possibilidades de poder ser curado. Contudo, ao chegar perto, veem tanta gente ali que não sabem que fazer. Em todos os grupos há sempre alguém que costuma ter ideias um pouco mais peregrinas, e assim este sugere

descer o amigo pelo telhado da casa. Não encontram outra maneira de o pôr na frente de Jesus. Nós, na oração, muitos séculos depois, podemos continuar a fazer algo de parecido com os nossos amigos. «Não se pode comunicar a proximidade de Deus sem dela ter experiência, sem a experimentar todos os dias, sem se deixar contagiar pela sua ternura. Todos os dias, sem poupar tempo, devemos estar frente a Jesus, levar-lhe as pessoas, as situações, como canais sempre abertos entre Ele e a nossa gente»<sup>[1]</sup>.

---

DESCOBRIR JESUS e contar essa descoberta aos outros são duas faces da mesma moeda. Todo o cristão tem a sorte de partilhar da própria missão de Cristo. «A luz da fé permite-nos reconhecer quão infinita é a misericórdia de Deus, a graça que age para o nosso bem. Mas a mesma luz mostra-nos também a responsabilidade que nos foi confiada de colaborar com Deus na sua obra de salvação»<sup>[2]</sup>.

Porém, o apóstolo não é melhor do que os outros. Por isso se enche de agradecimento e saber-se escolhido estimula a sua criatividade, como acontece com estes amigos: «abriram o teto, bem em cima do lugar onde ele estava e, pelo buraco, desceram a maca em que o paralítico estava deitado» (Mc 2, 4). Querem pôr o amigo à frente do Senhor, pensam que isso chega. Vendo a fé, que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados são perdoados”» (Mc 2, 5). De cima, os amigos surpreendem-se, felicitam-se entre si, e talvez Jesus os tenha olhado com cumplicidade, porque se tinham saído bem. De qualquer modo, colaram o amigo ao coração do mestre. Conseguem ver a cara de alegria do amigo, muito diferente da angústia que certamente contraía o seu rosto enquanto era descido do teto. Talvez também lhes cause surpresa que Jesus lhe perdoe os pecados, mas a cara do amigo diz tudo: agora sente-se libertado.

Da mesma maneira queremos nós sentir-nos de cada vez que somos curados por Jesus. «Não fiquéis desanimados se tiverdes feito algum disparate, ou doze seguidos – diz S. Josemaria –. Que pensais? Que sois impecáveis? Eu tenho sessenta e oito anos: bem, quarenta e um e um pouco mais... vou-vos desenganar: não penseis que tudo será calmo quando

ficardes velhos. Continuam as mesmas paixões, e talvez até mais retorcidas. É assim, porque toda a vida é luta, mas é fácil!»<sup>[3]</sup>.

---

DEPOIS DE JESUS ter pronunciado as suas palavras de perdão, surge uma pequena discussão. Alguns dos que estão dentro ficam zangados. Inquieta-os que Jesus diga que perdoa os pecados do parálítico, porque isso compete somente a Deus. Chama a atenção a postura física em que se encontram estas pessoas, que o evangelista refere, inspirado pelo Espírito Santo: «Estavam ali sentados alguns escribas» (Mc 2, 6). Sabemos que aqueles que amam de verdade o parálítico estão a olhar para a cena empoleirados no telhado. Pelo contrário, os que se queixam por Jesus perdoar os pecados, estão comodamente sentados. O apóstolo, tal como estes amigos do Evangelho, não espera sentado que as coisas aconteçam. A sua fé em Deus leva-o a confiar no Espírito, verdadeiro protagonista da sua missão, e põe-se a caminho todos os dias.

De facto, eles nem sequer pedem a Jesus que o cure, nem se zangam porque ao princípio só lhe perdoa os pecados. Não indicam o caminho a Deus, antes se ajustam ao ritmo de Jesus. A conversa prossegue mantendo a expectativa. Jesus pergunta-lhes: «Por que pensais essas coisas no vosso coração?» (Mc 2, 8). Talvez todos se tenham sentido interpelados, embora a pergunta tenha sido dirigida aos escribas. Estes sabiam perfeitamente a quem se referia, mas Jesus não os deixou responder: «Eu te digo – disse ao parálítico –: levanta-te, pega na tua maca e vai para casa» (Mc 2, 11).

A alegria dos que olhavam pelo buraco explode em prazer e gratidão. Veem o amigo a andar, a pegar na sua maca e sair pelo seu próprio pé. Certamente correram a abraçá-lo. Como seria o agradecimento do que tinha sido parálítico aos seus amigos? Como abraçou cada um e talvez especialmente ao que teve a atrevida ideia de o descer pelo teto? Todos precisamos de bons amigos que nos ponham diante de Jesus. E ninguém como a mãe de Jesus para cumprir essa missão. A sua imaginação e a sua simpatia sempre tornarão atrativo o caminho de regresso à sua companhia. «Nossa Mãe, damos graças pela vossa intercessão por nós diante de Jesus; sem vós, não teríamos podido ir até Ele. Como é verdade que a Jesus sempre se vai e se torna a ir por Maria!»<sup>[4]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Discurso, 12/09/2019.

[2] Francisco, Audiência, 29/09/2021.

[3] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 05/04/1970.

[4] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 10/04/1937.



## Sábado da I semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditação no sábado da I semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o "sim" rápido e decisivo de S. Mateus; os pedidos de Deus são dons; dar graças na Santa Missa.*

### Sumário

- O "sim" rápido e decisivo de S. Mateus.
- Os pedidos de Deus são dons.
- Dar graças na Santa Missa.

---

JESUS PASSA pelas nossas vidas e chama-nos. Fê-lo ontem, fá-lo hoje, e continuará a fazê-lo. Tal como fez com Mateus, o Senhor vem ao nosso encontro no meio do nosso trabalho: “Segue-me” (Mc 2, 14). Contemplamos a resposta rápida daquele que iria tornar-se um apóstolo e evangelista. Ele não hesitou em abandonar a sua segurança, «conhecer Cristo e segui-l'O foi uma só coisa»<sup>[1]</sup>. Talvez a presença de Jesus, só por si, lhe tenha dado confiança suficiente para assumir o risco, nem sequer precisou de tempo para pensar no que iria deixar para trás. Sendo astuto, talvez pressinta um *bom negócio* e saiba que desta vez a sua felicidade será a recompensa.

Talvez por vezes nos perguntemos se seremos capazes de seguir Jesus até ao fim, se podemos ser fiéis, se não cairemos na rotina e no desânimo. Quais são as razões que frequentemente atrasam a nossa resposta afirmativa ao que Jesus nos pede? Obviamente, o discernimento é necessário para orientar a nossa vida. Normalmente a vocação não aparece de uma forma óbvia, por isso não nos devemos preocupar se surgirem dúvidas. «Assustaste-te um pouco ao ver tanta luz... – diz S. Josemaria – tanta que te parece difícil olhar e mais ainda ver. Fecha os olhos à tua evidente miséria; abre o olhar da tua alma à fé, à esperança, ao amor, e continua para a frente, deixando-te guiar por Ele, através de quem dirige a tua alma»<sup>[2]</sup>.

Mateus não sabe o que será da sua vida, dos seus negócios, dos seus bens; pode não saber onde viverá amanhã, como reagirão os seus colegas de trabalho, ou se será sempre capaz de permanecer perto do Mestre. Para ele tudo é novo, mas tem a mente aberta e é suficientemente humilde para não se deter no que já sabe, nos seus limites ou no que os outros irão pensar. Deixa-se conquistar pela gratuidade da oferta que o Senhor lhe fez. «Ele, o nosso mestre, suporta todo o peso da cruz, deixando apenas a parte mais pequena e insignificante para mim. Ele não é apenas um espetador do meu combate, mas participa nele, vence e leva ao pleno êxito toda a luta»<sup>[3]</sup>.

---

«MAIS UMA VEZ encontramos-nos perante o paradoxo do Evangelho: somos livres para servir, não para fazer o que queremos. Somos livres quando servimos, e é disto que vem a liberdade; encontramos-nos plenamente na medida em que nos doamos. Encontramos-nos plenamente na medida em que nos doamos, em que temos a coragem de nos doar; possuímos a vida se a perdermos (cf. Mc 8, 35). Isto é Evangelho puro!»<sup>[4]</sup>. Qualquer pedido que Deus nos dirija é, na realidade, uma dádiva. Contrapor liberdade e rendição, vontade de Deus e felicidade, é a grande mentira que o demónio nos sussurra. O Maligno tem todo o interesse em que não percebamos os dons que Deus nos quer dar nem a beleza da entrega.

Pode acontecer que pensemos que os compromissos limitam a nossa liberdade. Por vezes não confiamos em que seremos capazes de cumprir a nossa palavra se, em algum momento, as circunstâncias mudarem ou mudarem os nossos afetos, que agora nos fazem felizes numa determinada situação. Mas seremos capazes de responder com amor, de comprometer a nossa liberdade sem medo, apenas se primeiro nos tivermos deixado conquistar por Ele. Só responderemos com o dom da nossa vida se primeiro tivermos descoberto que recebemos muito mais do que o que nos é pedido. Quem erroneamente pensar que está a dar um presente semelhante ao que recebeu, em breve encontrará razões para dizer não, que se enganou, que talvez não valha a pena. Aqueles que tomarem consciência da imensidão do que receberam não deixarão de se espantar e tentarão encher-se de sincera gratidão.

---

«É VERDADEIRAMENTE nosso dever, é nossa salvação dar-Vos graças, sempre e em toda a parte», repetimos muitas vezes na Santa Missa. É assim que começam muitos prefácios, e é assim que queremos permanecer: em contínua ação de graças. Inclusivamente, dizermos sim a Deus em tantas coisas que ainda não conhecemos pode ajudar-nos a dar graças antecipadamente. Haverá dias em que o caminho será um pouco mais árduo, quando for a nossa vez de subir em direção ao Calvário. Podemos pensar, então, que Jesus antecipou a entrega do seu corpo na noite de Quinta-feira Santa, e fê-lo numa celebração de ação de graças. Sempre que participamos na Eucaristia estamos conscientes dessa atitude: «Dando graças, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo...».

A ação de graças é a melhor forma de acolher um dom. É reconhecê-lo como tal, é apreciar a gratuidade do amor de quem no-lo dá. Dar graças por algo que nos custa tem a grande vantagem de nos ajudar a desprender-nos do cálculo, da renúncia que implica. Mateus agradeceu a Jesus pela sua chamada com um banquete. Não se importou de convidar os seus amigos, pecadores como ele: era o seu presente para Jesus. «Um dia Deus exclamará com gratidão: “Agora é a minha vez”. E que veremos então? – escrevia Sta. Teresa de Lisieux – Que será essa vida que não terá fim? Deus será a alma da nossa alma... mistério insondável! O olho do homem não viu a luz incriada, o seu ouvido não escutou as harmonias incomparáveis e o seu coração não pode sonhar o que Deus tem reservado para aqueles que ama»<sup>[5]</sup>.

Não há melhor momento do que a Missa para agradecer a Deus pela nossa vocação, mesmo que ainda estejamos a tentar discernir o que o amor de Deus nos quer dar. Colocar ali a nossa vocação todos os dias, juntamente com a entrega de Jesus, para que Deus Pai as receba unidas, formando um só sacrifício, pode ser a maior fonte de alegria. E como é maravilhoso que a nossa mãe, a Virgem Maria, seja aquela que nos ensinou a dar graças desde o primeiro momento: «A minha alma exulta no Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 46-47).

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 6.

[2] *Ibid.*, n. 1015.

[3] S. Paulo Le-Bao-Tinh, Carta, 1843, citado em Liturgia das Horas, 24 de novembro.

[4] Francisco, Audiência, 20/10/2021.

[5] Sta. Teresa de Lisieux, Carta 94 a Celina, 14/07/1889.

## II domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no II domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: guias que nos ajudam a reconhecer Deus; um encontro que muda a vida; compartilhar a alegria.*

### Sumário

- Guias que nos ajudam a reconhecer Deus.
- Um encontro que muda a vida.
- Compartilhar a alegria.

---

A LITURGIA deste domingo fala-nos da vocação. A primeira leitura conta-nos a história do chamamento de Samuel, um menino que morava no templo. Uma noite, ouviu que alguém chamava pelo seu nome três vezes seguidas enquanto dormia e outras tantas vezes correu até ao sacerdote Heli, pensando que era ele quem o chamava. Quando apareceu pela terceira vez, Heli compreendeu «que era o Senhor que chamava pelo jovem. Disse Heli a Samuel: «Vai deitar-te; e se te chamarem outra vez, responde: ‘Falai, Senhor, que o vosso servo escuta’» (1Sm 3, 8-9). A partir daí, Samuel aprendeu a identificar a voz de Deus e tornou-se profeta. O Evangelho apresenta-nos uma cena semelhante. Estando João Batista com dois dos seus discípulos, viu o Senhor passar e disse-lhes: «Eis o Cordeiro de Deus» (Jo 1, 36). Então os dois começaram a seguir Jesus e, depois de passarem aquele dia com Ele, reconheceram que era realmente o Messias. Então comunicariam aos outros o que tinham descoberto e assim se formaria o primeiro grupo de Apóstolos.

Estes textos sublinham «o papel decisivo do guia espiritual no caminho de fé e, em particular, na resposta à vocação»<sup>[1]</sup>. Samuel e os dois discípulos aprenderam a reconhecer o Senhor graças aos conselhos de Heli e do Batista. Deus conta com a mediação dos homens para comunicar o seu chamamento. Em primeiro lugar, são os pais que, «com a sua fé genuína e jubilosa e com o seu amor conjugal, mostram aos filhos que é bom e

possível construir toda a vida no amor de Deus»<sup>[2]</sup>. Por isso S. Josemaria dizia que os membros da Obra «devem noventa por cento da sua vocação aos seus pais, porque os souberam educar e os ensinaram a ser generosos»<sup>[3]</sup>. Mais tarde, o testemunho de um amigo ou de um irmão mais velho pode abrir horizontes e encorajar-nos a ser «sal e luz de Cristo»<sup>[4]</sup>. Tal como o Batista, essa pessoa indica-nos onde encontrar Jesus e convida-nos a descobrir a alegria de viver com Ele. Neste tempo de oração, podemos agradecer a Deus por todos aqueles que nos acompanharam no caminho da fé e da vocação, e podemos pedir-Lhe que nos ajude a ser como Heli e o Batista e saber mostrar o caminho até o Senhor às pessoas ao nosso redor.

---

QUANDO os dois discípulos – João e André – aparecem diante de Jesus e Lhe perguntam onde mora, o Senhor responde-lhes: «Vinde ver». Não lhes fornece informações detalhadas, que talvez tenham solicitado como um nobre gesto de admiração ou mesmo para satisfazer a sua curiosidade. Cristo, por outro lado, convida-os a porem-se em movimento, a mergulhar em algo mais profundo: abre-lhes as portas da Sua casa e do Seu coração. E é isso que eles fazem: «foram ver onde morava e ficaram com Ele nesse dia» (Jo 1, 39). João ficou tão impressionado com aquele momento com o Senhor que mesmo décadas depois, enquanto escrevia o seu Evangelho, se lembrava da hora em que tinha acontecido: quatro da tarde (cf. Jo 1, 39). «Isto é algo que nos faz pensar: cada encontro autêntico com Jesus permanece vivo na memória, nunca é esquecido. Esquecemos muitos encontros, mas o verdadeiro encontro com Jesus permanece sempre. E eles, muitos anos mais tarde, lembraram-se até da hora, não podiam esquecer este encontro tão feliz, tão cheio, que tinha mudado a vida deles»<sup>[5]</sup>.

Talvez João e André se tenham aproximado de Jesus com a intenção de obter uma resposta direta e precisa, para saber a quem recorrer noutros momentos de necessidade. Outras personagens do Evangelho também irão até Ele em busca de respostas claras, como o jovem rico: «Mestre, que hei de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?» (Mt 19, 16). O Senhor responde sempre convidando-nos a partilhar a vida com Ele: este é o ideal autêntico que satisfaz os nossos anseios de felicidade. «Podemos ter muitas experiências, fazer muitas coisas, estabelecer relações com muitas pessoas, mas só o encontro com Jesus, naquela hora que Deus conhece, pode dar

sentido pleno às nossas vidas e tornar frutíferos os nossos projetos e iniciativas»<sup>[6]</sup>. Qualquer que seja a nossa vocação – seja no casamento ou no celibato – é um chamamento a partilhar a própria vida com Deus e a dá-la aos outros. Certamente João, ao relembrar a escrita do seu Evangelho, não teria mudado nada pela oportunidade de seguir a Cristo. É assim que Deus age em cada pessoa: «O nobre amor de Jesus encoraja-nos a fazer grandes coisas e move-nos a desejar sempre o mais perfeito. O amor quer estar no mais alto e não ser detido por nenhuma coisa baixa»<sup>[7]</sup>.

---

JOÃO, ao recordar aquele primeiro encontro com Jesus, regista a reação imediata de André: foi procurar o seu irmão Simão Pedro e anunciou-lhe que tinha descoberto o Messias. Mas ele não estava satisfeito com a palavra, queria que ele mesmo o visse com os seus próprios olhos. Por isso o levou até ao Senhor e Ele, olhando-o, disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás de chamar-te Cefas» (Jo 1, 42).

Quando se recebe uma boa notícia, ou acontece algo que nos enche de alegria, a primeira reação natural é partilhar isso com as pessoas queridas. E isso, ao mesmo tempo, multiplica a alegria, pois espalha aos outros o motivo da nossa felicidade. Isto é o que aconteceu com André e o resto dos apóstolos. Quando difundiram o Evangelho, não se limitaram a transmitir instruções, mas comunicaram uma realidade que os encheu de alegria e que eles próprios testemunharam com a sua vida. Por isso S. Josemaria escreveu: «Tu, que vives no meio do mundo; que és um cidadão mais, em contacto com os homens a que chamam bons ou maus...; tu hás de sentir o desejo constante de dar aos outros a alegria de que gozas pelo facto de seres cristão»<sup>[8]</sup>.

A Virgem Maria levou à sua parente Isabel a alegria de ter concebido o Messias. No *Magnificat*, louvou o que o Senhor tinha feito na sua alma e manifestou que a Sua misericórdia alcançará todos os homens (cf. Lc 1, 46-56). «A nossa oração pode acompanhar e imitar essa oração de Maria. Tal como Ela, sentiremos desejo de cantar, de proclamar as maravilhas de Deus, para que a Humanidade inteira e todos os seres participem da nossa felicidade»<sup>[9]</sup>.

---

## NOTAS

- [1] Bento XVI, Angelus, 15/01/2012.
- [2] *Ibid.*
- [3] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 104.
- [4] S. Josemaria, *A sós com Deus*, n. 273.
- [5] Francisco, Angelus, 17/01/2021.
- [6] *Ibid.*
- [7] Tomás de Kempis, *A imitação de Cristo*, 3, 5.
- [8] S. Josemaria, *Sulco*, n. 321.
- [9] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 144.



## II domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no II domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: Deus chama-nos pelo nosso nome; a unidade nasce do desejo de nos enriquecermos com os outros; Maria cuida da unidade.*

### Sumário

- Deus chama-nos pelo nosso nome.
- A unidade nasce do desejo de nos enriquecermos com os outros.
- Maria cuida da unidade.

---

QUANDO CONHECEMOS alguém, a primeira coisa que lhe perguntamos é como se chama. Todo o nome próprio esconde duas dimensões: por um lado permite a cada pessoa distinguir-se como alguém único e irrepetível; e, ao mesmo tempo, dar a conhecer o nosso nome permite-nos entrar em relação com os outros, permite-nos formar uma comunidade.

«Os povos verão a tua justiça e todos os reis a tua glória; dar-te-ão um nome novo que o próprio Senhor escolheu» (Is 62, 2). Estas palavras do profeta Isaías, dirigidas a Jerusalém, podem também referir-se às nossas vidas. No rito de receção do Batismo, pergunta-se que nome é dado àquele que vai receber o sacramento, porque «Deus chama cada um pelo nome, amando-nos individualmente, na nossa história concreta»<sup>[1]</sup>. Cada um de nós é amado por Deus com um amor de predileção. O nosso nome está na sua boca como o de uma criança nos lábios da sua mãe quando ela o quer fazer sorrir ou consolá-lo após uma queda. O profeta continua: «Não mais te chamarão “Abandonada”, nem a tua terra será chamada “Deserta”; serás chamada “Predileta”, e a tua terra “Desposada”, porque o Senhor é a ti que prefere» (Is 62, 4). Sentimos habitualmente no nosso interior as palavras de ânimo e consolo que o Senhor nos dirige a todo o momento?

Por vezes, podemos pensar que a nossa oração consiste sobretudo em dirigir palavras a Deus. Mas, antes, talvez nos fizesse bem ouvir como Deus pronuncia o nosso nome e nos convida a abrir a nossa vida à sua presença. A nossa vocação está ancorada nessa relação amorosa com Deus. E, tal como cada um tem um nome pessoal que o torna único aos olhos da Santíssima Trindade, também nós sabemos como Deus Se chama: «Amor é o nome próprio de Deus»<sup>[2]</sup>.

---

«HÁ DIVERSIDADE de carismas, mas o Espírito é o mesmo; os ministérios são diversos, mas o Senhor é o mesmo; e as operações são diversas, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos» (1Cor 12, 4-5). São conhecidas estas palavras de S. Paulo com as quais ele procura sublinhar a unidade da Igreja que sustenta a sua admirável pluralidade. Deus convida cada um de nós a segui-l’O num caminho pessoal, de íntima união com Ele, e por isso nos chama pelos nossos nomes. Ele interessa-Se pelas nossas biografias, pelos talentos que nos concedeu e pelas limitações que experimentamos quando tentamos pôr em prática o que Ele nos sugere. Mas, ao mesmo tempo, a chamada de Deus tem como um dos seus frutos mais deliciosos a formação de uma família à qual pertencem pessoas com diferentes dons e sensibilidades. Que alegria podemos experimentar ao saber que fazemos parte de uma família com tanta riqueza!

«A legítima diversidade não se opõe de forma alguma à unidade da Igreja, antes aumenta a sua honra e contribui significativamente para o cumprimento da sua missão»<sup>[3]</sup>. Na Igreja existem diferentes modos de anunciar o Evangelho porque a sua unidade se baseia num amor criativo. Os nossos nomes, que Deus pronuncia com tanto carinho, abrem-nos aos outros para que também eles nos possam chamar e, juntos, possamos levar o bom odor de Cristo a todos os cantos do mundo.

«Desde 1928 não me tenho cansado de repetir – explicava S. Josemaria – que a diversidade de opiniões e de comportamentos no terreno temporal e no campo teológico opinável não constitui problema algum para a Obra: a diversidade que existe e existirá sempre entre os membros do Opus Dei é, pelo contrário, uma manifestação de bom espírito, de vida honesta, de respeito pelas opiniões legítimas de cada um»<sup>[4]</sup>. Também nesta *partezinha*

da Igreja – a Obra – queremos admirar-nos ante a grande variedade de sensibilidades. Ser cada dia uma família mais unida consiste, precisamente, em fomentar o nosso próprio modo de ser e pensar; e, ao mesmo tempo, manifestar um interesse real em querer enriquecer-nos com as visões e atitudes dos que nos rodeiam.

---

O EVANGELHO da Missa de hoje introduz-nos no ambiente pitoresco de um casamento judaico em Caná da Galileia. Chama a atenção que, pouco depois de escolher os seus primeiros discípulos, Jesus os convide a participar numa celebração com um significado comunitário tão profundo. Ao mesmo tempo que nos exorta a sentir uma profunda responsabilidade pessoal na nossa vida familiar e profissional, lembra a cada um de nós uma outra dimensão: o sentido de comunidade. Fazer parte da Igreja, da família de Deus, consiste também em saber desfrutar da companhia de outros.

No meio da animada celebração, acaba o vinho. Só uma mulher discreta e delicada se dá conta da grande angústia que experimentam os organizadores do evento. Num breve instante, o ambiente descontraído e alegre poderia ter-se convertido numa grande desilusão. Mas Maria intercede junto do seu Filho e diz-Lhe: «Não têm vinho» (Jo 2, 3). Num banquete, o vinho pode ser uma imagem de unidade, de concórdia, e a nossa Mãe, que cuida da Igreja com infatigável preocupação, não quer que acabe. Ela intercede sempre para que a nossa diversidade possa ser fonte de compreensão e admiração mútua, em vez de a dificultar.

«Fazei tudo o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). Com estas palavras, Maria oferece-nos uma frase que pode condensar toda a nossa vida. A chamada que Deus nos fez – esse nome que nos deu – leva-nos a construir a Igreja com as nossas vidas entregues. «A vocação divina dá-nos uma missão, convida-nos a participar na tarefa única da Igreja, para sermos assim testemunhas de Cristo perante os nossos iguais, os homens, e para levarmos todas as coisas a Deus»<sup>[5]</sup>. Podemos pedir à nossa Mãe, a Senhora do doce nome, que também nós queiramos cuidar da unidade da Igreja, na medida em que vivemos com alegria e carinho a nossa própria vocação.

---

## NOTAS

- [1] Francisco, Audiência, 18/04/2018.
- [2] Bento XVI, Homilia, 03/05/2010.
- [3] S. João Paulo II, *Ut unum sint*, n. 50.
- [4] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 38.
- [5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 45.

## II domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no II domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: a Igreja e o cristão, reflexos da luz de Cristo; conhecer Jesus cada vez mais; a salvação trazida pelo Cordeiro de Deus.*

### Sumário

- A Igreja e o cristão, reflexos da luz de Cristo.
- Conhecer Jesus cada vez mais.
- A salvação trazida pelo Cordeiro de Deus.

---

«Tu és o meu servo, ó Israel, em quem me glorifico – diz Deus ao profeta Isaías –. Vou fazer de ti luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra» (Is 49, 3.6). Estas palavras, originalmente aplicadas ao povo de Israel, encontram a sua plena realização em Jesus e na sua Igreja. O novo povo de Deus não está confinado a uma região, a uma cultura ou a uma sociedade: o Senhor estende a sua salvação a todas as nações e a todos os povos.

Desde o tempo dos primeiros discípulos de Jesus, «a Igreja é chamada a fazer brilhar a luz de Cristo no mundo, refletindo-a em si mesma como a lua reflete a luz do sol»<sup>[1]</sup>. Nela se cumprem as profecias relativas à cidade de Jerusalém: «Levanta-te, resplandece, pois, a tua luz está a chegar! (...) As nações caminharão à tua luz, os reis ao resplendor da tua aurora» (Is 60, 1-3). Por este motivo, a Igreja, na sua vocação para iluminar cada momento histórico concreto, interpreta os sinais dos tempos à luz do Evangelho. Tudo faz tendo sempre presente a sua missão. Deste modo, não deixará de «responder às permanentes perguntas dos homens sobre o sentido da vida presente e futura»<sup>[2]</sup>.

Todo o crente é chamado a fazer chegar aos homens essa luz que Cristo acendeu na sua alma. «Na Igreja há uma diversidade de ministérios, mas há apenas um objetivo: a santificação dos homens. E nesta tarefa todos os

cristãos participam de alguma forma, pelo carácter recebido através dos sacramentos do Batismo e da Confirmação. Todos nos devemos sentir responsáveis por esta missão da Igreja, que é a missão de Cristo»<sup>[3]</sup>. Somos todos apóstolos. Com isto em mente, e com a convicção de que a união pessoal com Jesus é a coisa mais importante numa tarefa que depende de Deus, S. Josemaria salientava: «O mundo e Cristo. A nossa missão. Somos poucos, será que queremos ser mais? Sejamos melhores!»<sup>[4]</sup>.

---

JOÃO BATISTA estava consciente de que a sua grandeza provinha d'Aquele que o precedeu. Toda a sua vida girava em torno do Messias. A sua missão era a de preparar os corações dos homens para a sua vinda. Por isso, quando o viu passar, quis que os presentes reconhecessem Aquele que deu sentido à sua existência: «Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo! Este é aquele de quem eu disse: depois de mim vem um homem que é superior a mim, porque existia antes de mim. Eu não o conhecia, mas vim batizar em água para Ele se manifestar a Israel» (Jo 1, 29-31). De modo semelhante, o cristão sabe que a luz que tem de transmitir não é sua, mas do Senhor.

É talvez surpreendente que o Batista tenha dito «Eu não o conhecia». Quando estava no ventre de Isabel já tinha experimentado a proximidade de Cristo quando Maria visitou a sua mãe (cf. Lc 1, 41-42). Podemos também supor que noutras alturas, quando eram crianças ou jovens, se teriam encontrado. No entanto, não importa quantas vezes João esteve com Jesus, não o seria suficiente conhecê-lo profundamente: descobriria sempre novos aspetos da sua pessoa e da sua missão.

«Aprendamos de João Batista a não tomar como certo que já conhecemos Jesus, que já sabemos tudo sobre ele. Não é assim. Detenhamo-nos no Evangelho, talvez até contemplando um ícone de Cristo, um “Rosto Santo”. Contemplemos com os nossos olhos e ainda mais com o nosso coração e deixemo-nos instruir pelo Espírito Santo que dentro de nós nos diz: É Ele! Ele é o Filho de Deus feito cordeiro, imolado por amor»<sup>[5]</sup>. Se olharmos para Jesus desta forma, como o Batista, sempre com uma abertura para conhecer cada vez mais o Senhor, seremos capazes de

transmitir aquela luz que vem de Deus, que não se apaga, e que tantas pessoas procuram às cegas.

---

JOÃO apresenta Jesus como «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1, 29). Talvez tenham associado estas palavras ao cordeiro da Páscoa, cujo sangue foi derramado na noite em que os judeus foram libertados da escravatura no Egito. Todos os anos, um era sacrificado no Templo para recordar a libertação que Deus tinha concedido ao seu povo. Tudo isto era, na realidade, uma imagem de Cristo que com o sacrifício no Calvário pediria perdão em nome de toda a humanidade. «Ele é o verdadeiro Cordeiro que tirou o pecado do mundo, ao morrer destruiu a nossa morte e ao ressuscitar dos mortos restaurou a vida»<sup>[6]</sup>.

João Batista desde cedo apresenta o Messias como aquele que, pela sua morte, salvará o mundo. Esta conceção do Salvador, no entanto, não coincidiu com a da maioria dos seus contemporâneos. Muitos esperavam uma libertação política e terrena, semelhante à que tinham conseguido no Egito, o que desta vez os libertaria do domínio romano. Por esta razão, a morte do Salvador não seria concebível como um triunfo. No entanto, esta não é a lógica de Deus. Ao longo da sua vida, Jesus anunciará as armas, tão diferentes das da guerra física, que marcarão a sua mensagem de salvação: misericórdia, serviço, caridade, mansidão, paz...

Por vezes, porém, podemos ter uma mentalidade semelhante à dos compatriotas do Batista; ou seja, podemos pensar que a vitória de Cristo sobre o mal pode assegurar-nos uma vida segura e confortável, ou que se trata de uma superioridade terrena de algum tipo. Pelo contrário, S. Josemaria disse: «Não existem fracassos – convence-te –, se atuares com retidão de intenção e com desejo de cumprir a Vontade de Deus. Nesse caso, com êxito ou sem ele, triunfarás sempre, porque terás feito o trabalho com Amor»<sup>[7]</sup>. Podemos pedir a Maria que nos ajude a compreender melhor a verdadeira vitória que o seu filho, o único Cordeiro de Deus, nos trouxe.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 06/01/2006.

[2] S. João Paulo II, *Veritatis Splendor*, n. 2.

[3] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 32.

[4] S. Josemaria, *Apontamentos*, dezembro de 1935, citado em *Camino, edición crítico-histórica* preparada por Pedro Rodríguez, comentário ao ponto 984, Rialp 2004 (3.<sup>a</sup> edição), p. 1041.

[5] Francisco, Homilia, 19/01/2020.

[6] Missal Romano, Prefácio da Páscoa I.

[7] S. Josemaria, *Forja*, n. 199.



## Segunda-feira da II semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da II semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus é o bom caminho; a obediência está em ouvir a Deus; a vida de oração é criativa.*

### Sumário

- Jesus é o bom caminho
- A obediência está em ouvir a Deus
- A vida de oração é criativa

---

«A TODO HOMEM que procede retamente, eu mostrarei a salvação que vem de Deus» (Sl 49, 23). Este versículo do Salmo 49 expressa, de forma condensada, o objetivo a que aspiramos e os meios para o alcançar. Desejamos de todo o coração experimentar a salvação de um Deus que nos ama e que não quer nem o mal nem a morte para nós. Estamos, portanto, convencidos de que tanto as alegrias quotidianas como os momentos de dificuldade podem abrir-se à nova vida que Ele quer nos dar. Deus está a salvar-nos em todos os momentos.

«Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6), diz Jesus. Portanto, seguir o bom caminho que o salmista nos propõe não consiste em preencher o nosso dia com regras formais ou, menos ainda, em viver com medo de não alcançarmos o ideal para o qual Deus nos chama. Grande parte da maturidade e vitalidade da nossa vida interior depende de descobrirmos, com toda a sua profundidade, que a nossa existência consiste em andar com uma pessoa: Jesus Cristo. Então, não ficaremos ansiosos com a preocupação de estarmos ou não no caminho certo, mas estaremos permanentemente abertos à sua palavra para saber onde quer nos levar. A nossa vida torna-se uma aventura divina.

«A oração, iniciada com essa ingenuidade pueril, desenvolve-se agora em caudal largo, manso e seguro, porque vai ao passo da amizade por

Aquele que afirmou: *Eu sou o Caminho*»<sup>[1]</sup>. Só podemos abrir-nos a Jesus Cristo através do diálogo com ele. Queremos que toda a nossa vida passe pelo filtro do seu olhar, para nos transformar. Estamos conscientes que um sorriso ou um gesto de serviço, nascido do impulso de saber que somos acompanhados por Jesus, não é igual a uma vida em que ele está ausente. Desta forma, tudo o que fazemos assume uma dimensão muito mais profunda: é uma manifestação do amor de Deus.

---

NUMA passagem da Escritura, o profeta Samuel chega ao rei de Israel com uma mensagem importante e surpreendente. Saul pensava ter feito o que Deus tinha pedido: derrotar o povo inimigo. No entanto, a sua obediência não tinha sido completa porque tinha decidido ficar com os despojos. Tinha escondido este pequeno ato de rebelião contra as palavras do Senhor sob um manto de razões sobrenaturais: justificou-se pensando que os animais do povo inimigo poderiam ser usados para sacrifícios a Deus. Samuel faz que ele veja que isso é um autoengano: «O Senhor quer holocaustos e sacrifícios, ou quer a obediência à sua palavra? A obediência vale mais que o sacrifício, a docilidade mais que oferecer gordura de carneiros» (1Sm 15, 22).

Um dos grandes desafios da nossa vida é unir as nossas ocupações diárias à voz de Deus que surge na oração. Gostaríamos que tudo o que fazemos, desde o momento em que acordamos até ao último segundo antes de adormecermos à noite, fosse uma resposta livre e amorosa às instruções de Deus. A obediência não é uma virtude que visa curvar a nossa liberdade a uma autoridade de comando. A obediência cristã consiste, antes, no nosso esforço para ler nos lábios de Jesus os seus constantes convites para fazer o bem.

«Na oração temos que ser capazes de apresentar a Deus as nossas dificuldades, o sofrimento de certas situações, de determinados dias, o compromisso quotidiano de O seguir, de ser cristãos, e também o peso do mal que vemos em nós e ao nosso redor, para que Ele nos infunda esperança, nos faça sentir a sua proximidade, nos conceda um pouco de luz»<sup>[2]</sup>. Podemos pedir ao Senhor com fé que toda a nossa vida possa ser como um grande rio que nasce nos nossos tempos de oração. Assim, na

terra que está ao nosso redor, talvez aparentemente seca em alguns momentos, brotarão flores que nem sequer imaginávamos que precisavam de um pouco de água para florescer.

---

UMA RELAÇÃO de amor permanente com Cristo, aquecida em oração, leva a um desejo constante de conversão. Não queremos que a nossa vida interior seja um mero cumprimento externo, mas desejamos saber sempre, no fundo da nossa alma, o que Deus espera de nós. A vida de oração torna-se assim um apelo constante a viver «a criatividade do amor»<sup>[3]</sup> e a afastar-se de uma rotina mal compreendida. Talvez seja o momento de nos prepararmos para ouvir novamente os pedidos de Deus para esse trabalho, para essa forma de lidar com um membro da família, ou para essa iniciativa apostólica. O Senhor, tal como o vento, nunca se repete.

É Jesus que, no Evangelho da Missa de hoje, nos convida a ousar seguir caminhos inexplorados: «Ninguém põe um remendo de pano novo numa roupa velha; porque o remendo novo repuxa o pano velho e o rasgão fica maior ainda. Ninguém põe vinho novo em odres velhos; porque o vinho novo arrebenta os odres velhos e o vinho e os odres se perdem. Por isso, vinho novo em odres novos» (Mc 2, 21-22). Em cada momento de oração temos a oportunidade de nos perguntarmos se estamos realmente a receber o vinho novo dos ensinamentos de Jesus em odres novos, ou seja, num coração que é chamado a ser jovem em todos os momentos.

S. Josemaria repetia que a «Nossa Mãe é modelo de correspondência à graça, e, ao contemplarmos a sua vida, o Senhor nos dará luz para que saibamos divinizar a nossa existência de todos os dias (...). Procuremos aprender também o seu exemplo de obediência a Deus, nessa delicada combinação de escravidão e fidalguia. Em Maria não há nada que lembre a atitude das virgens néscias, que obedecem, mas estouvadamente. Nossa Senhora ouve com atenção o que Deus quer, pondera o que não entende, pergunta o que não sabe. Depois, entrega-se por completo ao cumprimento da vontade divina: *Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*. Vemos a maravilha? Santa Maria, mestra de toda a nossa conduta, ensina-nos agora que a obediência a Deus não é servilismo, não

subjuga a consciência; pelo contrário, move-nos interiormente a descobrir a *liberdade dos filhos de Deus*»<sup>[4]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 306.

[2] Bento XVI, Audiência, 01/02/2012.

[3] Francisco, Mensagem em vídeo, 03/04/2020.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 173.

## Terça-feira da II semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da II semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: agir com a desenvoltura de filhos; Jesus é a plenitude do culto e da moral; a virtude da magnanimidade.*

### Sumário

- Agir com a desenvoltura de filhos
- Jesus é a plenitude do culto e da moral
- A virtude da magnanimidade

---

PROVAVELMENTE, muitas das jornadas que os apóstolos passavam com Jesus eram extenuantes. A multidão aglomerava-se diversas vezes em volta do mestre de Nazaré. Seria preciso acrescentar às curas e aos discursos cheios de vida, os muitos quilómetros percorridos. Os discípulos estavam certamente mais ou menos habituados a momentos de cansaço e fome. Compreendemos, por isso, a cena que o Evangelho da Missa de hoje relata: ao passar por um campo de trigo, os apóstolos não duvidam um segundo em arrancar algumas espigas. Nós também, depois de um dia de luta e trabalho, talvez só pensemos num merecido descanso e Jesus não desaprova essa atitude dos seus apóstolos.

Não é o proprietário do campo que se aborrece com os apóstolos famintos; os fariseus é que, escandalizados com o facto de que eles fizessem tal coisa num sábado, começam a murmurar contra os discípulos de Jesus. «Vê como eles fazem ao sábado o que não é permitido» (Mc 2, 24). Talvez chame a atenção a frequência com que vemos na Sagrada Escritura estas autoridades judaicas a julgar os outros, procurando avaliar as atuações de quem os rodeia. Não percebem que esses discípulos caminham pelos campos com Deus feito homem. Nós também, no meio das nossas tarefas normais, podemos sentir a presença, próxima e amável, de Jesus Cristo que, longe de tirar-nos a liberdade, ajuda-nos a agir com mais desenvoltura no meio deste mundo que nos pertence.

«Ao ser fundamento, a filiação divina dá forma à nossa vida inteira: leva-nos a rezar com confiança de filhos de Deus, a comportar-nos com o desembaraço dos filhos de Deus, a raciocinar e decidir com a liberdade de filhos de Deus, a enfrentar a dor e o sofrimento com a serenidade de filhos de Deus, a apreciar as coisas belas como o faz um filho de Deus»<sup>[1]</sup>. Sentir-nos filhos de Deus e, portanto, irmãos de Jesus Cristo leva-nos a trabalhar e a descansar na tranquilidade do seu amor.

---

MESMO CONSIDERANDO a atitude orgulhosa dos fariseus, a resposta de Jesus surpreende, sobretudo se a ouvirmos com os ouvidos dos judeus do seu tempo: «O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. Por isso, o Filho do homem é também Senhor do sábado» (Mc 2, 27). A segunda parte da frase realça a divindade de Jesus. Se o sábado era o dia de Deus por excelência, o Senhor, ao situar-se acima das suas regras e preceitos, deixa claro que o novo sentido do culto e da vida moral é Ele. Esta verdade é de suma importância para a nossa própria vida interior. Podemos, por isso, pedir a Jesus que as nossas práticas de piedade e o cumprimento dos mandamentos não sejam nunca algo vazio, mas que impliquem sempre uma manifestação da plenitude que experimentamos ao segui-l'O.

«Todos os que têm fé em Jesus Cristo são chamados a viver no Espírito Santo, que liberta da Lei, levando-a ao mesmo tempo ao cumprimento segundo o mandamento do amor»<sup>[2]</sup>. Estar enamorados de Jesus Cristo e pedir em todo o momento ao Espírito Santo que nos ajude a discernir a vontade de Deus para nós, torna-nos muito livres. Superamos assim a casuística sobre poder ou não fazer isto ou aquilo – por exemplo, comer das espigas do campo – porque sabemos que Deus não tem o olhar julgador dos fariseus, mas sim o rosto amável e exigente de um bom pai.

Sabendo-nos amados por Deus, queremos também manifestar-Lhe em todos os momentos o nosso amor com pequenos atos de carinho. Os nossos dias transformam-se, assim, em oportunidades estupendas para arrancar de Jesus um sorriso. Por vezes ficaremos cansados e não conseguiremos cumprir todos os propósitos; poderemos inclusivamente cair ou afastar-nos desse amor de Deus. Mas, se não esquecermos que o carinho que Deus nos

dá desinteressadamente é o que realmente importa na nossa vida, então sempre nos resta a liberdade de voltar a procurar o seu amor. «Que o Senhor nos ajude a seguir pelo caminho dos Mandamentos, mas olhando para o amor a Cristo rumo ao encontro com Cristo, conscientes de que o encontro com Jesus é mais importante do que todos os Mandamentos»<sup>[3]</sup>.

---

«O SÁBADO foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. Por isso, o Filho do homem é também Senhor do sábado» (Mc 2, 27). A primeira parte da resposta de Jesus contém um importante ensinamento. O Senhor não quer que, ao seguirmos a sua chamada, a nossa alma se torne pequena, ou que se gerem em nós preocupações desnecessárias. Tudo o que Ele dispôs, inclusivamente nos detalhes quotidianos da nossa vida, está destinado a fazer-nos felizes. Por isso Ele quer, ao mesmo tempo, uma grandeza de horizontes e de coração própria do filho de um rei, pois isso é o que somos. Podemos pedir a Jesus uma virtude muito querida por S. Josemaria e que é indispensável para experimentar a vertigem de uma vida junto de Deus: a magnanimidade.

«Magnanimidade: ânimo grande, alma grande onde cabem muitos. É a força que nos dispõe a sairmos de nós próprios, a fim de nos prepararmos para empreender obras valiosas, em benefício de todos. No homem magnânimo não tem lugar a mesquinhez; não entra a medida estreita, o cálculo egoísta ou a deslealdade interesseira. O magnânimo dedica sem reservas as suas forças ao que vale a pena; por isso é capaz de se entregar a si próprio. Não se conforma apenas com dar: *dá-se*. E então consegue compreender a maior prova de magnanimidade: dar-se a Deus»<sup>[4]</sup>. O magnânimo não perde energias a refletir no quanto é que há de dar ou até onde vale a pena chegar, porque dá-se por completo e só lhe interessa chegar à meta, que é Cristo.

«A minha alma glorifica o Senhor, o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 46). A vida da nossa Mãe foi alegremente magnânima, porque soube alegrar-se com a salvação de Deus. Santa Maria, Porta do Céu e Estrela da manhã, não se cansa de rogar por nós a Deus para que nos sintamos cada vez mais filhos.

---

## NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 3.

[2] Francisco, Audiência, 11/08/2021.

[3] Francisco, Audiência, 11/08/2021.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 80.



## Quarta-feira da II semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da II semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a prioridade é a pessoa; Jesus manifesta como é Deus; o domingo, dia de Deus e do homem.*

### Sumário

- A prioridade é a pessoa.
- Jesus manifesta como é Deus.
- O domingo, dia de Deus e do homem.

---

SEGUINDO a lei estabelecida por Moisés, Jesus ia todos os sábados com os seus discípulos à sinagoga. Lá o povo de Deus congregava-se para ouvir e meditar a lei do Senhor. No Evangelho de hoje contemplamos que um homem, com uma mão parálitica, aparece lá precisamente num sábado, talvez na esperança de se encontrar com o Senhor. Jesus, observando-o, comove-se pela sua doença e decide realizar o milagre. Podemos imaginar que a cura deste homem doente deveria ter sido motivo de alegria para todos; no entanto, para alguns, foi ocasião de suspeitas e discussão.

Os fariseus espiavam os movimentos do Senhor e criticavam-n'O por fazer milagres ao sábado. Jesus conhecia muito bem a hierarquia desviada que reinava nos seus corações: preferiam o cumprimento de uma disposição, que eles próprios tinham estabelecido, ao alívio de uma pessoa que sofre. Muitas prescrições, separadas do seu espírito inicial, tornaram-se um pesado fardo de formalidades. O sábado era importante para Cristo, mas o sofrimento deste homem não Lhe era indiferente. No seu coração, muito humano e muito divino, o amor prevalece sempre. Podemos olhar e aprender com Jesus a cultivar uma boa hierarquia de valores porque, como se vê na discussão, nem tudo tem o mesmo nível de importância.

Antes de realizar o milagre, Jesus tinha colocado o problema aos fariseus: «Será permitido ao sábado fazer bem ou fazer mal, salvar a vida

ou tirá-la?» (Mc 3, 4). O silêncio da resposta entristece o Senhor. «Então, olhando-os com indignação e entristecido com a dureza dos seus corações, disse ao homem: “Estende a mão” (Mc 3, 5). E a sua mão recuperou imediatamente os movimentos. Jesus enfatiza que acima de qualquer preceito ou costume está o valor e o bem da pessoa. «A ordenação das coisas deve submeter-se à ordem pessoal e não ao contrário»<sup>[1]</sup>. A prioridade é sempre cada um, cada uma. Foi assim que Cristo se comportou e é assim que queremos viver os seus discípulos.

---

EMBORA ao sábado não pudessem ser realizadas a maioria das atividades correntes, Jesus aproveita as visitas às sinagogas para curar. Não há nada que possa deter o seu coração misericordioso. «Considerado misticamente – comenta S. Beda – este homem que tinha a mão seca representa o género humana infecundo para o bem, mas curado pela misericórdia de Deus»<sup>[2]</sup>. Todos os milagres de Jesus são momentos para manifestar a sua misericórdia e tornar-nos mais capazes de desfrutar da sua ação salvadora. Não estão circunscritos a uns dias concretos ou a lugares especiais. Todos os dias são bons para fazer o bem, para aliviar uma pena, para dar esperança; também o é uma sinagoga ou um sábado qualquer.

Nesta passagem do Evangelho podemos ver uma dupla escravidão: a do homem com a mão paralisada, escravo da sua enfermidade; e a dos fariseus, escravos da sua religiosidade formalista. Jesus «liberta ambos: faz com que o rígido veja que esse não é o caminho da liberdade; e ao homem da mão paralisada, liberta-o da doença»<sup>[3]</sup>. Deus está inclusivamente acima das *coisas de Deus*, quer que procuremos a nossa segurança apenas n’Ele porque assim seremos verdadeiramente livres. Com esta forma de atuar, o Senhor vai revelando pouco a pouco a sua identidade; vai depurando a imagem de Deus que os seus contemporâneos forjaram e a que nós também forjámos. Jesus é o Messias que o povo esperava há tantos séculos, é Ele que vem definitivamente cortar a distância de Deus com os homens.

---

NO NOVO povo de Deus, a Igreja, o sábado deu lugar ao domingo. Desde o princípio, os cristãos deram um valor muito especial ao dia depois do sábado. Nele se reuniram para recordar a ressurreição do Senhor, da qual

muitos foram testemunhas. Embora durante os primeiros anos mantivessem o costume judaico, com a chegada dos primeiros gentios começam a considerar o primeiro dia da semana como *dies Domini*, o dia do Senhor.

O domingo é o dia de Cristo porque celebramos a sua ressurreição. É um dia de alegria e de esperança. «É a Páscoa da semana, na qual se celebra a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, o cumprimento n'Ele da primeira criação e o início da nova criação»<sup>[4]</sup>. É um dia dedicado a Deus e, ao mesmo tempo, é também o «dia do homem»<sup>[5]</sup>, em que aproveitamos para descansar, cultivando a vida familiar, cultural, social. Os cristãos santificamos o domingo dedicando às nossas famílias «tempo e cuidados difíceis de prestar nos outros dias da semana»<sup>[6]</sup>. E o Catecismo da Igreja recorda que o domingo também é «tradicionalmente consagrado, pela piedade cristã, às boas obras e aos serviços humildes dos doentes, enfermos e pessoas de idade»<sup>[7]</sup>, tal como o Mestre fez na sinagoga.

A “pérola preciosa” que está no centro deste dia é a Eucaristia. «A participação na Missa dominical não tem de ser experimentada pelo cristão como uma imposição ou um fardo, mas como uma necessidade e uma alegria. Reunir-se com os irmãos, escutar a Palavra de Deus, alimentar-se de Cristo, imolado por nós, é uma experiência que dá sentido à vida»<sup>[8]</sup>. A Mãe de Jesus, como é lógico, está especialmente presente neste dia. «De domingo a domingo, o povo peregrino segue os passos de Maria»<sup>[9]</sup>. Não queremos deixar de nos juntar à sua alegria pela ressurreição de Cristo.

---

## NOTAS

[1] Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 26.

[2] S. Beda Venerável, *In Marcum*, 1, 3.

[3] Francisco, Homilia, 09/09/2013.

[4] S. João Paulo II, *Dies Domini*, n. 1.

[5] *Ibid.*, n. 55-73.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2186.

[7] *Ibid.*

[8] Bento XVI, Angelus, 12/06/2005.

[9] S. João Paulo II, *Dies Domini*, n. 86.

## Quinta-feira da II semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da II semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a chamada de Deus é universal; todos procuramos o rosto de Jesus; descobrir a sua presença à nossa volta.*

### Sumário

- A chamada de Deus é universal
- Todos procuramos o rosto de Jesus
- Descobrir a sua presença à nossa volta.

---

EM VÁRIAS ocasiões Jesus leva os seus apóstolos a lugares remotos para descansar com eles. A pregação do Evangelho é um trabalho extenuante. Muitas vezes, nem sequer têm tempo para comer. No entanto, algumas vezes essas tentativas de retirada em busca de tranquilidade não davam bom resultado, porque aqueles que procuravam Jesus conseguiam descobri-los. Assim diz S. Marcos: «Jesus retirou-Se com os seus discípulos a caminho do mar e acompanhou-O uma numerosa multidão que tinha vindo da Galileia. Também da Judeia e de Jerusalém, da Idumeia e da Transjordânia e dos arredores de Tiro e de Sidónia, veio ter com Jesus uma grande multidão, por ouvir contar tudo o que Ele fazia» (Mc 3, 7-8). Tal foi o entusiasmo das multidões que Jesus teve de se proteger para não ser esmagado: «Disse então aos seus discípulos que Lhe preparassem uma barca, para que a multidão não O apertasse» (Mc 3, 9). A fama do Senhor tinha atravessado fronteiras: não foram apenas os galileus, seus conterrâneos, que o escutaram com prazer, mas pessoas de toda a terra, mesmo de lugares longínquos como Tiro e Sidónia. Este percurso que a Escritura faz pelos lugares de origem da multidão é um sinal e prelúdio da universalidade do Evangelho: a chamada de Deus não é para uns poucos, de certa origem geográfica, proveniência cultural ou possuidores de uma bagagem intelectual particular. A chamada é para a humanidade inteira.

A alegria de anunciar o Evangelho levou muitos santos a atravessar o planeta de um extremo ao outro. S. Josemaria sonhava em levar o Evangelho até aos mais longínquos recantos da terra. A evangelização foi para ele um “mar sem margens”, uma tarefa que não tem limites. A este respeito, gostava de usar o mapa do mundo como motivo decorativo, porque o ajudava a rezar pela propagação da fé tanto geograficamente como para estimular mais pessoas no seu próprio lugar. «A universalidade da Igreja provém da universalidade do único plano divino para a salvação do mundo. Este carácter universal aparece claramente no dia de Pentecostes, quando o Espírito inunda a primeira comunidade cristã com a sua presença, para que o Evangelho se espalhe a todas as nações e faça crescer o único Povo de Deus entre todos os povos. Assim, desde as suas origens, a Igreja abraça todo o universo. Os apóstolos dão testemunho de Cristo dirigindo-se aos homens de toda a terra, e todos os compreendem como se estivessem a falar na sua própria língua materna»<sup>[1]</sup>.

---

NESSES primeiros meses em que acompanharam Jesus, os apóstolos puderam tocar com as suas mãos o fruto do seu trabalho apostólico, viram numerosas curas e conversões. Todos eles participaram com alegria no entusiasmo que Cristo suscitou à sua volta. Mais tarde, porém, o Senhor diz-lhes que nem sempre será assim, pois eles também experimentarão a prova das contradições: «Hão de perseguir-vos, entregando-vos às sinagogas e às prisões (...): isto vos acontecerá para dar testemunho (...). Mas nem um só cabelo da tua cabeça perecerá» (Lc 21, 12-17). Com o tempo, estas palavras foram cumpridas, e os seus apóstolos experimentaram na sua própria carne o sabor do fracasso, pelo menos aparente; testemunharam com dor o abandono de muitos discípulos e até mesmo a traição. Todos tiveram de aprender a superar as dificuldades que a pregação do nome de Jesus comportava. Deus chama-nos a «uma maravilhosa entrega cheia de gozo, mesmo que surjam contradições, que não faltam a nenhuma criatura».<sup>[2]</sup> Tanto em tempos de gozo como em tempos de dor, o discípulo não pode esquecer que está com Cristo, e que isto é o que é verdadeiramente decisivo.

Todos os homens e mulheres, consciente ou inconscientemente, procuram o rosto de Jesus. Esta certeza move-nos a não nos determos

quando se levantam obstáculos. «É a Jesus que procurais quando sonhais com a felicidade», exclamou São João Paulo II a uma multidão de jovens que tinham vindo a Roma vindos de todas as partes do mundo. «É Ele que vos espera quando nada do que encontrais vos satisfaz; é Ele a beleza que tanto vos atrai; é Ele que vos provoca com essa sede de radicalidade que não vos permite deixardes levar pelo conformismo; é Ele que vos impele a deixar para trás as máscaras que falseiam a vida; é Ele que vos lê no coração as decisões mais autênticas que outros quereriam asfixiar. É Jesus que suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo grandioso, a vontade de seguir um ideal, a recusa de se deixarem prender pela mediocridade, a valentia de vos comprometerdes com humildade e perseverança para melhorardes a vós próprios e à sociedade, tornando-a mais humana e fraterna»<sup>[3]</sup>. Encontrar Jesus é um dom maior do que qualquer obstáculo no caminho.

---

«COMO tinha curado muita gente, todos os que sofriam de algum padecimento corriam para Ele, a fim de Lhe tocarem» (Mc 3, 10). As pessoas, que vieram dos quatro pontos cardeais, aglomeram-se à volta do Senhor e querem tocá-l'O. Esta é uma imagem daquilo que nós cristãos queremos fazer sobretudo quando recebemos os sacramentos, mas também quando passamos tempo em oração perante o sacrário, ou simplesmente quando beijamos um crucifixo. Procuramos este contacto com Cristo também quando cuidamos dos doentes, dos necessitados ou dos idosos: tocando nas suas «chagas, acariciando-os, é possível adorar o Deus vivo no meio de nós»<sup>[4]</sup>.

Jesus é o caminho para a nossa salvação. A sua humanidade atrai os nossos corações porque sabemos que não cansa nem dececiona. É verdade que no amor reside a nossa felicidade, mas mesmo nas relações humanas mais profundas podemos encontrar «uma certa medida de desilusão»<sup>[5]</sup>, porque ninguém nos pode dar o que nos oferece Deus no seu Filho. «Só Jesus de Nazaré, o Filho de Deus e Maria, a Palavra eterna do Pai, nascida há dois mil anos em Belém de Judá, pode satisfazer as aspirações mais profundas do coração humano»<sup>[6]</sup>.

Para continuar a atrair muitos para Cristo, precisamos de nos aproximar d'Ele nos sacramentos, na oração e nas outras pessoas, para aí receber a vida sobrenatural. O encontro com Jesus dar-nos-á sempre energia e conforto no nosso apostolado. «Sendo Cristo, enviado pelo Pai, fonte e origem do apostolado da Igreja, é evidente que a fecundidade do apostolado (...) depende da sua união vital com Cristo»<sup>[7]</sup>. Ao descobrir Cristo no que nos rodeia, ficaremos cheios de fecundidade apostólica, talvez distinta da que imaginávamos. Maria é testemunha feliz da maré de pessoas que correm atrás do seu Filho, em busca de luz e salvação. Com o alento d'Ela, que é Rainha dos Apóstolos, iremos ao encontro de Cristo para depois o podermos partilhar com outros.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Alocução, 24/11/2012.

[2] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 36.

[3] S. João Paulo II, Discurso, 19/08/2000.

[4] Francisco, Homilia, 03/07/2013.

[5] S. João Paulo II, Homilia, 20/08/2000.

[6] *Ibid.*

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 864.



## Sexta-feira da II semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da II semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o apostolado nasce e vive da oração; sobreabundância de vida interior; a caridade é manifestação de um apostolado autêntico.*

### Sumário

- O apostolado nasce e vive da oração
- Sobreabundância de vida interior
- A caridade é manifestação de um apostolado autêntico.

---

«JESUS SUBIU A UM MONTE. Chamou à sua presença aqueles que entendeu e eles aproximaram-se» (Mc 3, 13). É fácil ver que este é um momento decisivo para o Senhor, pois serão eles que continuarão a sua missão. Na narração de S. Marcos há um detalhe simbólico que nos introduz na importância sobrenatural do momento: «Jesus subiu a um monte». Por aquilo que nos conta a passagem da Escritura, o monte não se refere apenas a um lugar físico, mas é também uma imagem da oração que está acima da azáfama e da atividade de cada dia: simboliza o lugar da comunhão com Deus.

Os apóstolos, portanto, são gerados na oração de Jesus ao Pai, procedem da intimidade Trinitária. «A sua eleição nasce do diálogo do Filho com o Pai, e está ancorada nele»<sup>[1]</sup>. Por isso, Jesus considera cada apóstolo como um dom do Pai e fala dos seus discípulos como «aqueles que Me deste» (Jo 17, 9). Além disso, noutra momento, refere-se ao Pai como o dono da messe, a quem há que pedir operários (cf. Mt 9, 38). A chamada e a missão do apóstolo têm origem e permanecem no diálogo amoroso entre o Pai e o Filho. A partir daí, do seio da Trindade, desse monte que é na realidade um vulcão, brota o fogo que deve mover cada ação apostólica.

Ao partilhar o Evangelho com outros, «nenhuma motivação será suficiente se o fogo do Espírito não arder nos corações»<sup>[2]</sup>; o cristão converte-se em apóstolo no monte da oração. É aí que ele recebe o encargo de Jesus e é aí que o calor desse mandato se renova continuamente. A ocupação mais importante do apóstolo consiste, portanto, em frequentar este cume onde o fogo do amor de Deus é transmitido. Se o apostolado se perde desse centro, é fácil que se torne num conjunto de tarefas vividas, talvez, como uma pesada obrigação que contradiz os próprios desejos, e não como algo natural que surge da nossa identidade de apóstolos.

---

«ESCOLHEU DOZE, para andarem com Ele e para os enviar a pregar» (Mc 3, 14-15). À primeira vista, as duas finalidades para as quais Jesus escolhe os seus podem parecer opostos: estarem junto d'Ele e enviá-los para longe. E, no entanto, são dois aspetos de uma mesma missão. Para os Doze, estar com Cristo será, no início, viver com Ele. Mas, com o tempo, o estar com Jesus acabará por adquirir um significado interior. Os apóstolos terão de passar da comunhão exterior com Jesus para a comunhão interior. Os Doze terão de aprender a viver com Jesus de tal forma que possam estar continuamente com Ele, mesmo quando forem até aos confins da Terra.

Apenas aqueles que vivem no amor de Cristo podem anunciá-l'O aos outros com autenticidade. Se o apostolado não for autêntico, produz fadiga, fastio, mal-estar. Não dá calor porque lhe falta fogo. «Há já muitos anos, considerando este modo de proceder do meu Senhor – dizia S. Josemaria –, cheguei à conclusão de que o apostolado, seja ele de que tipo for, consiste numa superabundância da vida interior»<sup>[3]</sup>.

Dessa comunhão com Cristo, nasce o poder de expulsar os demónios. Jesus enviou-os com a missão de pregar e também «com poder de expulsar demónios» (Mc 3, 15). Um apostolado que não nasce do amor de Cristo, por seu lado, tem os seus próprios demónios: ciúmes, comparações, inveja... O apostolado autêntico é marcado pelo selo da caridade, da fraternidade, da compreensão, da unidade, porque nasce da própria fonte ardente de comunhão com Cristo.

---

O GRUPO DOS DOZES teve de aprender a exercer a caridade. Quando lemos a lista dos doze apóstolos, não encontramos um grupo homogêneo. Não se escolheram uns aos outros, como se escolhem os amigos. Deus escolheu cada um deles, e eles são muito distintos uns dos outros, na sua origem, formas de ser, costumes... Parece que Simão de Caná e Judas Iscariotes pertenciam ao grupo radical dos zelotes. Podemos imaginar como lhes fervia o sangue com tudo o que se referia à ocupação romana. Mateus, no entanto, era um cobrador de impostos: trabalhava para os romanos. Os pescadores Pedro e André, irmãos, dirigiam o que poderia ser uma pequena cooperativa de pesca, na qual os filhos de Zebedeu, Tiago e João, de caráter impetuoso, eram empregados. Como seria a relação entre eles? Teria provavelmente os seus altos e baixos. Filipe e André, por outro lado, têm nomes gregos, e é por eles que são assistidos os visitantes gregos vindos para a Páscoa.

«Pode-se imaginar, então, como foi difícil introduzi-los passo a passo no misterioso novo caminho de Jesus, bem como as tensões que tiveram de superar; quanta purificação foi necessária, por exemplo, ao ardor dos zelotes para se uniformizar com o "zelo" de Jesus, que será consumado na cruz. Precisamente nesta diversidade de origens, temperamentos e formas de pensar, os doze representam a Igreja de todos os tempos, e a dificuldade da sua tarefa de purificar os homens e uni-los no zelo de Jesus»<sup>[4]</sup>. No entanto, apesar de todas estas diferenças, a caridade entre os apóstolos foi, desde o início, a pedra de toque do autêntico apostolado. *Ubi divissio, ibi peccatum*, dizia Orígenes: onde há divisão, aí está o pecado. Pelo contrário, como diz a canção, *Ubi caritas est vera, Deus ibi est*: onde há caridade, aí está o Senhor. Ver como se amam tem sido, desde os inícios da Igreja, o sinal inequívoco da presença de Cristo entre os cristãos. E, também desde os inícios, Santa Maria foi o foco da unidade em torno do qual todos se congregaram (cf. At 1, 14).

---

## NOTAS

[1] Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, Primeira Parte, Capítulo 6.

[2] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 261.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 239.

[4] Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, Primeira Parte, Capítulo 6.

## Sábado da II semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da II semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus está sempre à nossa disposição; Ele é fonte de novidade; a Eucaristia alimenta a nossa sede de almas.*

### Sumário

- Jesus está sempre à nossa disposição.
- Ele é fonte de novidade.
- A Eucaristia alimenta a nossa sede de almas.

---

TANTA GENTE se reunia à volta de Jesus e dos seus discípulos que muitas vezes «nem sequer podiam comer» (Mc 3, 20). O Senhor passa horas e horas a ouvir as pessoas, todas elas muito diferentes. Para uns, tem palavras de perdão e de ânimo, para outros, um gesto de ternura e para alguns, este encontro significa o fim de uma doença ou o início de uma vida nova. Todo aquele que se aproxima de Jesus sente-se ouvido, atendido, amado, mesmo que sejam encontros de poucos segundos. Nós também estamos no meio de uma destas multidões, esperando o momento de ver o Mestre cara a cara. Que Lhe vou pedir? Que gostaria de Lhe contar? Que me preocupa? Que preciso de curar na minha alma? Quem trago hoje no meu coração de maneira especial? Os nossos tempos de oração são tão reais como aqueles encontros que o Evangelho nos relata. O Senhor espera-nos com a mesma atenção.

Uma humanidade necessitada consome as energias do Mestre e dos seus discípulos. O amor pela multidão pode mais que o cansaço, mais que a fome, mais do que qualquer problema pessoal. Jesus Cristo identifica-se de tal modo com a Sua missão salvadora que tudo n'Ele está submetido a ela. Para estar um bocado connosco, Jesus está disposto a ficar sem comer ou a permanecer num Sacrário, sem que o tempo importe. «Ao percorrer as ruas de alguma cidade ou aldeia, confessava S. Josemaria, dá-me alegria descobrir, mesmo que só de longe, a silhueta de uma igreja. É um novo

Sacrário, é mais uma oportunidade para deixar que a alma escape para, com o desejo, estar junto do Senhor Sacramentado»<sup>[1]</sup>.

---

NEM TODOS participam do entusiasmo daquela multidão por Jesus. Alguns dos seus conterrâneos e familiares, que O conhecem desde criança, não admitem que Ele tenha alcançado tal notoriedade. Conhecem o filho do carpinteiro desde sempre, pensam que já sabem o que se pode esperar dele, e por isso, o que está a acontecer não cabe nas suas expectativas. Também nós conhecemos porventura Jesus desde a nossa primeira infância. E, tal como os seus concidadãos, talvez pensemos também que já sabemos o que podemos esperar d'Ele. Isso pode ser um obstáculo para nos abirmos aos Seus dons. Envelhecer espiritualmente significa precisamente já não esperar nada de novo, nem sequer d'Aquele que é a Fonte de toda a novidade. A presença de Jesus rejuvenesce o espírito, torna a fé cada vez mais ousada, a esperança mais segura, a caridade mais genuína.

«A Palavra de Deus no Livro do Apocalipse diz assim: “Eu renovo todas as coisas” (Ap 21, 5). A esperança cristã baseia-se na fé em Deus que cria sempre novidade na vida humana, cria novidade no cosmos. O nosso Deus é o Deus que cria novidade, porque é o Deus das surpresas»<sup>[2]</sup>.

S. Josemaria, cada vez que se aproximava do altar para celebrar a santa Missa, saboreava interiormente o Salmo 43, dirigindo-se a Deus como o Deus que alegra a nossa juventude. Se descobirmos em nós sintomas de envelhecimento espiritual, podemos recorrer ao Banquete Eucarístico para nos renovarmos, para que Deus alegre a nossa vida com uma fé sempre jovem. Então aumentará a nossa convicção de que para Ele, nada é impossível (cf. Lc 1, 37) e de que a Sua mão não diminuiu (cf. Is 59, 1).

---

JÁ É TARDE e eles ainda não comeram. Contudo, Jesus tinha falado aos Seus discípulos de um alimento que eles não conheciam: O Meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou (cf. Jo 4, 34). A multidão que por um lado, os deixa sem poderem comer, por outro, permite-lhes compreender que a vontade do Pai é salvar a todos. E essa vontade do Pai acabará por ser o Seu alimento preferido.

«Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela» (Mt 9,36). Fazer a vontade do Pai produz ainda mais fome de fazer a vontade do Pai. O alimento material sacia quando se come, o alimento espiritual, quanto mais se prova, mais fome nos causa. Depois de um dia passado a fazer o bem a tantas pessoas, os discípulos estão exaustos e famintos, mas ficam também com mais sede de almas. É o que acontece a quem segue Jesus: já não podemos viver de costas voltadas para a multidão e ficamos repletos do desejo de a fazer feliz.

No fim do dia, ter-se-ão finalmente sentado para comer alguma coisa. Tinham comido juntos muitas vezes, mas chegará um dia, já perto do final da Sua passagem por esta Terra, na Última Ceia, em que Cristo lhes dará a comer a Sua própria fome. Na Eucaristia, comemos e enchemo-nos da mesma fome de Cristo, do Seu mesmo desejo salvador, da Sua mesma sede de almas. Podemos pedir ajuda à nossa Mãe para participarmos cada vez com mais amor nesse banquete. E assim, junto dela, o nosso coração se há de compadecer do sofrimento da multidão e se irá enchendo com o desejo de a fazer feliz.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 154

[2] Francisco, Audiência, 23/08/2017.

### III domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no III domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: a conversão dos ninivitas; Jesus mudou a vida dos Apóstolos; recordar o impulso da primeira conversão.*

#### Sumário

- A conversão dos ninivitas.
- Jesus mudou a vida dos Apóstolos.
- Recordar o impulso da primeira conversão.

---

A PRIMEIRA leitura relata a missão que Jonas recebeu da parte do Senhor: «Levanta-te e vai a Nínive, à grande cidade, e apregoa nela o que Eu te ordenar». Pôs-se, então, o profeta a caminho e começou a proclamar: «Dentro de quarenta dias Nínive será destruída!». Os ninivitas souberam acolher as palavras de Jonas e «ordenaram um jejum e vestiram-se de saco». Deus ao ver «como se convertiam do seu mau caminho, e arrependeu-se do mal que tinha resolvido fazer-lhes»: a catástrofe com que tinha ameaçado Nínive acabou por não ter lugar (cf. Jn 3, 1-5. 10).

Toda a conversão requer uma resposta livre: o principal interessado em mudar é o próprio. Mas não se trata simplesmente de modificar certos comportamentos externos, mas de algo muito mais profundo: implica deixar que seja Deus o centro da própria vida, e não os modelos do mundo. «Trata-se de uma mudança decisiva de visão e de atitude. Com efeito, o pecado, especialmente o pecado da mundanidade que é como o ar, permeia tudo, e trouxe uma mentalidade que tende à afirmação de si mesmo contra os outros e também contra Deus»<sup>[1]</sup>. Os habitantes de Nínive deixaram atrás as suas velhas seguranças, aquela perversidade que tinha chegado à presença do Senhor (cf. Jn 1, 2), e abraçaram o sacrifício e a penitência para ganharem o favor divino, que não era senão ganharem a sua própria felicidade.



A mensagem que o Senhor dirigiu aos ninivitas convidava-os a distanciarem-se das realidades mundanas e a reconhecerem que só o que provém d'Ele os pode tornar ditosos. Acolher esse chamamento implica, antes de mais, confiar na Sua palavra, deixar-se curar por Deus e abirmo-nos à Sua companhia. Desse modo, Ele atua sobre os nossos desejos bons e fortalece os nossos esforços para O seguir. «Para um filho de Deus – comentava S. Josemaria –, cada jornada tem de ser uma ocasião para se renovar, com a segurança de que, ajudado pela graça, chegará ao fim do caminho, que é o Amor. Por isso, vais bem, se começares e recomeçares. Se tiveres moral de vitória, se lutares, com o auxílio de Deus vencerás! Não há dificuldade que não possas superar!»<sup>[2]</sup>.

---

O EVANGELHO também nos fala do convite de Jesus para uma nova vida. Quando soube que João tinha sido preso, o Senhor foi para a Galileia pregar: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e acreditai no Evangelho». E, em seguida, S. Marcos relata a vocação dos primeiros discípulos: «Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes Jesus: “Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens”» (Mc 1, 14-18).

Cristo é a «grande luz» (Is 9, 1) que iluminou os habitantes da Galileia e os Apóstolos. O fundamento da conversão e da vocação dos discípulos é Ele próprio. Se nesse momento aqueles homens mudaram as suas vidas, foi precisamente porque Jesus os chamou. Às vezes pode parecer impossível «abandonar o caminho do pecado, porque concentramos o compromisso de conversão apenas em nós mesmos e nas próprias forças, e não em Cristo e no seu Espírito. (...) Mas a nossa adesão ao Senhor não pode ser reduzida a um esforço pessoal, mas deve ser expressa numa abertura confiante de coração e mente para acolher a Boa Nova de Jesus»<sup>[3]</sup>.

Os primeiros discípulos souberam reconhecer em Jesus essa grande luz que iluminava as suas vidas. Esse encontro transformou a orientação do seu futuro. Por isso, «imediatamente largaram as redes e seguiram-n'O» (Mt 4, 22). Aquilo que tinha sido a parte essencial do seu dia a dia – a pesca – fica então integrado e subordinado aos planos que o Mestre lhes confere.

Certamente, que o Senhor não pede a todos os homens que deixem as redes dessa maneira. Porém, toda a vocação «é um fenómeno que comunica ao trabalho um sentido de missão, que enobrece e dá valor à nossa existência. Jesus intervém com um ato de autoridade na alma, na tua, na minha: é esse o chamamento»<sup>[4]</sup>.

---

ABRIR o coração e responder ao chamamento de Deus à conversão é o primeiro passo no caminho para a santidade. Os Apóstolos decidiram seguir Jesus, mas ainda tinham muito que mudar nas suas vidas. Nesse sentido, S. Josemaria escreveu: «A conversão é coisa de um instante; a santificação é tarefa para toda a vida. A semente divina da caridade, que Deus pôs nas nossas almas, aspira a crescer, a manifestar-se em obras, a dar frutos que correspondam em cada momento ao que é agradável ao Senhor. Por isso, é indispensável estarmos dispostos a recomeçar, a reencontrar – nas novas situações da nossa vida – a luz, o impulso da primeira conversão»<sup>[5]</sup>.

Jesus não exige que levemos uma vida perfeita. Ele deseja que não nos separemos d'Ele: essa é a raiz da nossa eficácia, e não tanto a ausência de debilidades. Por isso, o importante não é nunca cair, mas querer recomeçar em cada momento e procurar sempre a união com o Senhor. Ao reconhecer a nossa fragilidade, conhecemo-nos melhor a nós mesmos e conhecemos também a maneira de atuar de Deus, que sempre volta para nos encontrar, e o faz com especial delicadeza, quando descobrimos e aceitamos os nossos defeitos. A recordação do nosso primeiro chamamento, quando deixámos que Jesus fosse o centro da nossa vida, poderá ajudar-nos quando os nossos erros sejam talvez mais evidentes e nos encham de confusão.

«Recorda a tua Galileia, e caminha para a tua Galileia. É o “lugar” onde conheceste pessoalmente Jesus, onde Ele deixou de ser, para ti, uma personagem histórica como outras, tornando-se *a pessoa da tua vida*: não é um Deus distante, mas o Deus próximo, que te conhece melhor do que ninguém e te ama mais do que qualquer outra pessoa»<sup>[6]</sup>. Talvez Pedro, quando chorou por ter negado Jesus por três vezes, tenha recordado alguns momentos partilhados com Ele: o dia do seu chamamento, as conversas íntimas, a alegria de presenciar os milagres... E foi talvez isso que o impeliu a não cair em desespero e lhe recordou algo que também nós já

experimentámos: que precisamos de acolher, com frequência, a misericórdia divina. Nos momentos difíceis, a Virgem Maria também nos ajudará a procurar o olhar do seu Filho e a recordar que Deus nos chama sempre.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 24/01/2021.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 344.

[3] Francisco, Angelus, 26/01/2020.

[4] S. Josemaria, *Carta 3*, n. 9.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 58.

[6] Francisco, Homilia, 08/04/2023

### III domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no III domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: confiar na luz de Cristo; fixar-se no que une; Jesus ilumina a nossa vida.*

#### Sumário

- Confiar na luz de Cristo.
- Fixar-se no que une.
- Jesus ilumina a nossa vida.

---

O PROFETA Isaías fala de um povo que andava nas trevas e viu «uma grande luz» (Is 9, 1). Os seus habitantes, acostumados a viver entre sombras, enchem-se de alegria porque a escuridão que os envolve se dissipa. Esta profecia anuncia o que significa a chegada de Jesus ao mundo: Ele é essa «grande luz» que dá sentido à vida dos homens e liberta da escuridão do pecado.

A razão da nossa alegria não é outra senão a de nos sabermos salvos por Cristo. «O Senhor é minha luz e salvação – exclama o salmista –: de quem terei medo?» (Sl 27, 1). Ele oferece-nos uma paz que não depende das circunstâncias externas ou do nosso estado de ânimo, mas de algo muito mais seguro: a certeza de que Deus se fez homem, salvou-nos dos nossos pecados e está sempre connosco. Por isso podemos repetir também com o salmista: «O Senhor é o baluarte da minha vida: quem me assustará?» (Sl 27, 1). O cristão não teme nada, pois sabe que Jesus o acompanha sempre. «Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?» (Rm 8, 31).

Certamente, todos nós passamos por situações difíceis. Algumas serão mais vulgares – uma incompreensão, uma mudança de planos, uma dor física –, e outras mais extraordinárias – uma doença, a perda de emprego, um problema familiar –. Pretender que tudo isto não nos afete pode ser ingênuo. Ao mesmo tempo, essas circunstâncias conduzem-nos

precisamente a apoiar-nos no que é importante para nós: Jesus, que nos oferece consolo e sentido. «O homem é feito para a felicidade. A vossa sede de felicidade, portanto, é legítima. Cristo tem a resposta para as vossas expetativas. Mas pede-vos que tenhais confiança n'Ele»<sup>[1]</sup>.

---

S. PAULO tinha ouvido falar das divisões produzidas na comunidade cristã de Corinto. Aparentemente, tinham-se formado diversos grupos à volta de personalidades importantes que os levavam a dizer: «“Eu sou de Paulo”, “Eu sou de Apolo”, “Eu sou de Cefas”». O apóstolo acaba a sua enumeração com uma expressão que poderia ser interpretada como irónica: «Eu sou de Cristo» (1Cor 1, 12). É como se dissesse: *Vós sois de todos eles, mas eu sou de Jesus*. Deste modo, São Paulo sublinhava como eram absurdos estes grupos, porque a única coisa que conta é pertencer ao Senhor.

É normal que nas relações com os outros sintamos que somos todos muito diferentes. Às vezes podemos mesmo acreditar que essas diferenças são insuperáveis, que não existe forma de conciliar esse carácter ou modo de pensar com o nosso. E ainda que aí possa existir alguma verdade, na realidade é muito mais decisivo o que nos une do que o que nos separa. Saber-mo-nos irmãos em Cristo levar-nos-á a relativizar aquilo que nos distancia dos outros e a valorizar essa origem comum, procurando – com paciência e esperança – os modos possíveis de ir ganhando em conhecimento e compreensão mútua. Assim, poderíamos dizer com o apóstolo: *nós, apesar de sermos diferentes ou de pensarmos de maneira distinta, somos de Jesus*.

Às vezes basta escolher um bom ponto de vista para apreciar de maneira diferente e melhor as ações dos outros, até nos aproximarmos um pouco mais do modo de ver de Deus. Neste sentido, S. Josemaria procurava olhar para as pessoas com os olhos com os quais o faria a sua própria mãe. Esta experiência levou-o a escrever aquele ponto de *Caminho*: «Não admitas um mau pensamento acerca de ninguém, mesmo que as palavras ou obras do interessado deem motivo para assim julgares razoavelmente»<sup>[2]</sup>.

---

QUANDO Jesus ouviu dizer que João fora preso, retirou-se para a Galileia. O evangelista refere que assim se cumpria a profecia de Isaías sobre o povo que andava nas trevas, mas viu «uma grande luz» (Is 9, 1). Cristo começaria então a pregar e a chamar os seus primeiros discípulos: «Jesus viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: “Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens”» (Mt 4, 18-19).

Jesus chama à conversão os habitantes da Galileia porque já tinham recebido a luz. «Convertei-vos – diz-lhes –, porque está próximo o Reino dos Céus» (Mt 4, 17). Este é o fundamento desse convite: o Senhor chamou-os. Às vezes pode parecer impossível «abandonar o caminho do pecado porque o compromisso de conversão se centra só em si mesmo e nas próprias forças e não em Cristo e no seu Espírito»<sup>[3]</sup>. Acolher esse chamamento implica, antes de mais, confiar na sua palavra, deixar-se curar por Deus e abrir-nos à sua companhia. Deste modo, Ele atuará nos nossos bons desejos e nos nossos esforços por segui-l’O.

Os primeiros discípulos souberam reconhecer em Jesus essa grande luz que iluminava as suas vidas. Esse encontro transformou o seu futuro. Por isso, «deixando no mesmo instante o barco e o pai, seguiram-n’O» (Mt 4, 22). Aquilo que tinha sido parte essencial do seu dia a dia – a pesca – fica então integrado e subordinado aos planos que o Mestre lhes confere. Certamente, o Senhor não pede a todos os homens que *deixem as redes* dessa maneira. No entanto, qualquer vocação «é um fenómeno que comunica ao trabalho um sentido de missão, que enobrece e dá valor à nossa existência. Jesus mete-se na alma com um ato de autoridade, na tua, na minha: o chamamento é isso»<sup>[4]</sup>. Podemos pedir a Maria que saibamos acolher a luz do Seu Filho para que a nossa vida possa iluminar as pessoas que nos rodeiam.

---

## NOTAS

[1] S. João Paulo II, Discurso, 25/07/2002.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 442.

[3] Francisco, Angelus, 06/01/2020.

[4] S. Josemaria, *Carta* 3, n. 9.

## III domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no III domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: Deus está próximo na Sagrada Escritura; Jesus é a Palavra feita carne; abrir a nossa alma à vida de Jesus.*

### Sumário

- Deus está próximo na Sagrada Escritura.
- Jesus é a Palavra feita carne.
- Abrir a nossa alma à vida de Jesus.

---

O DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS, que hoje celebramos, foi instituído para que cresça em nós «a familiaridade religiosa e assídua com a Sagrada Escritura»<sup>[1]</sup>. Por isso a Igreja nos sugere «que na celebração eucarística o texto sagrado seja entronizado, a fim de tornar evidente à assembleia o valor normativo da Palavra de Deus»<sup>[2]</sup>.

Vemos a origem desta atitude numa passagem do livro de Neemias. O povo de Israel tinha acabado de regressar à Terra Prometida após longos anos de exílio na Babilónia. Uma vez em Jerusalém, o sacerdote e escriba Esdras reúne a assembleia, homens e mulheres, todos aqueles que são capazes de compreender, e começa a ler o livro da lei numa tribuna de madeira construída para a ocasião. A leitura durou desde o amanhecer até ao meio-dia. É comovente a atitude dos presentes na escuta e veneração das Escrituras. «Esdras, o escriba, abriu o livro à vista de todos, pois estava em plano superior a todo o povo, e quando o abriu, todos se levantaram. Então Esdras glorificou o Senhor, o grande Deus, e todo o povo respondeu, erguendo as mãos: “Amen! Amen!”. E, prostrando-se de rosto por terra, adoraram o Senhor» (Ne 8, 5-6). Com a leitura e explicação dos textos, as pessoas puderam encontrar nessas palavras o significado mais profundo dos acontecimentos que tinham vivido. Muitos reagiram com emoção, até às lágrimas.



Durante a sua história de salvação, o povo escolhido experimentou muitas vezes a proximidade de Deus. Trata-se de um Deus que, através das Escrituras, revela ao ser humano a verdade mais profunda da sua condição de criatura amada, bem como a forma de se relacionar com o seu Criador e de ser feliz durante a sua caminhada terrena. Considerando essa bondade e proximidade de Deus, o salmista diz com gratidão: «Os preceitos do Senhor são retos, alegram o coração. Os mandamentos do Senhor são claros e iluminam os olhos» (Sl 19, 8).

---

JESUS REGRESSA a Nazaré, «onde se tinha criado» (Lc 4, 14). Ali, como costumava fazer, foi à sinagoga no sábado. Nesse dia de descanso e oração, os judeus reuniam-se para ouvir as Sagradas Escrituras e para receber os ensinamentos dos mestres. Após várias orações, quem presidia convidava um dos presentes, que estivesse bem preparado, a ler e comentar as Escrituras. Por vezes, alguém oferecia-se para o fazer voluntariamente.

Terá sido assim no caso de Jesus, que se levantou e desenrolou o livro que continha o texto para ler estas palavras do profeta Isaías: «O Espírito do Senhor repousou sobre Mim, pelo que Me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres; enviou-Me para proclamar a redenção aos cativos e a recuperação da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano de graça da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19). Quando a leitura terminou, enquanto Jesus enrolava novamente o livro, «todos na sinagoga tinham os olhos fixos n'Ele» (Lc 4, 20). Foi certamente um momento intenso. Havia uma grande expectativa. Os seus conterrâneos, que O conheciam desde criança, estavam ansiosos por ver se era verdade tudo o que se dizia de milagres e curas, de ensinamentos sábios proferidos com autoridade. Esperavam, embora talvez com algum ceticismo, ouvir algo extraordinário. Mas as palavras que Jesus proferiu, ao comentar a passagem do profeta, foram muito além de qualquer das suas expectativas: «Cumpriu-se hoje esta escritura que acabais de ouvir» (Lc 4, 21).

A Escritura cumpriu-se. O que diz já não são apenas promessas, mas tornou-se uma realidade. A Palavra encarnou em Cristo. Aqueles que O escutam – e nós com eles – são esses cativos, cegos e oprimidos, que agora podem receber a graça do Senhor. Deus, que já se tinha feito próximo na

Sagrada Escritura, agora aproximou-se de nós dum modo inesperado e inaudito: assumindo a nossa condição humana. A palavra de Deus adquire um novo sentido. Descobrimos que, na realidade, toda ela fala de Cristo. «Temos de reproduzir na nossa, a vida de Cristo, conhecendo Cristo à força de ler a Sagrada Escritura e de a meditar»<sup>[3]</sup>.

---

«COMO CRISTÃOS somos um povo que caminha na história, fortalecido pela presença do Senhor no meio de nós, que nos fala e nos alimenta (...). A Sagrada Escritura e os Sacramentos não se podem separar. Quando os Sacramentos são introduzidos e iluminados pela Palavra, manifestam-se mais claramente como a meta de um caminho em que o próprio Cristo abre a mente e o coração ao reconhecimento da sua ação salvadora. É necessário, neste contexto, não esquecer o ensinamento do livro do Apocalipse, quando diz que o Senhor está à porta e bate. Se alguém ouvir a sua voz e Lhe abrir a porta, Ele entra para cearem juntos (cf. 3, 20). Jesus Cristo bate à nossa porta através da Sagrada Escritura; se escutarmos e abrirmos a porta da mente e do coração, então Ele entra na nossa vida e fica connosco»<sup>[4]</sup>.

Nem sempre conseguimos ouvir a Deus. Vivemos num mundo onde há muitas palavras, ruídos, distrações. Temos de admitir que por vezes nos sentimos um pouco sobrecarregados. Isto não nos facilita algo tão aparentemente simples como a escuta, a atenção reflexiva, o acolhimento das palavras que realmente contam. Possivelmente é um aspeto que podemos fomentar: pedir ao Senhor mais desejos de O escutar quando se proclama a sua Palavra durante a Santa Missa, quando lemos por nossa conta a Bíblia, quando fazemos um tempo de oração meditando os textos sagrados.

«Quando se ama uma pessoa – ensinava S. Josemaria – desejam-se conhecer até os mais pequenos detalhes da sua existência, do seu carácter, para que seja possível a identificação com ela. Por isso temos de meditar a história de Cristo, desde o seu nascimento num presépio até à sua morte e ressurreição. Nos primeiros anos do meu trabalho sacerdotal, costumava oferecer exemplares do Evangelho ou livros em que se narrava a vida de Jesus. Porque precisamos de a conhecer bem, de a ter toda na cabeça e no

coração, para que em qualquer momento, sem necessidade de nenhum livro, fechando os olhos, possamos contemplá-la como num filme»<sup>[5]</sup>. Neste caminho de escuta da Sagrada Escritura, «acompanha-nos a Mãe do Senhor, reconhecida como bem-aventurada porque acreditou no cumprimento do que o Senhor lhe tinha dito (cf. Lc 1, 45)». Peçamos à nossa Mãe que, como ela, saibamos acolher e guardar no nosso coração o que o Senhor nos quer transmitir com a sua Palavra.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Aperuit illis*, 30/09/2019, n. 15.

[2] *Ibid.*, n. 3.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[4] Francisco, *Aperuit illis*, 30/09/2019, n. 8.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 107.

---

## Segunda-feira da III semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da III semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o pecado contra o Espírito Santo; a luta é manifestação de amor; a santidade é sempre recomeçar.*

### Sumário

- O pecado contra o Espírito Santo.
- A luta é manifestação de amor.
- A santidade é sempre recomeçar.

---

«EM VERDADE vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e blasfêmias que tiverem proferido; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão: será réu de pecado eterno» (cf. Mc 3, 28-29). São palavras fortes de Jesus que impressionam sempre. Alguns escribas tinham acusado Jesus de atuar pelo poder de Satanás. E o Senhor, depois de demonstrar o absurdo dessa calúnia, pronuncia aquelas palavras: umas palavras «impressionantes e desconcertantes» sobre o «não-perdão»<sup>[1]</sup> que merecerá quem peque contra o Espírito Santo.

Para S. Tomás de Aquino, o pecado contra o Espírito Santo não se pode perdoar porque «exclui aqueles elementos graças aos quais se dá a remissão dos pecados»<sup>[2]</sup>; não é Deus quem se nega a perdoar, mas é o homem que vira as costas ao seu poder misericordioso. Este pecado consiste «na recusa de aceitar a salvação que Deus oferece ao homem, mediante o mesmo Espírito Santo que atua em virtude do sacrifício da Cruz»<sup>[3]</sup>. Deus, como bom Pai, não se cansa de oferecer a sua salvação. E o Espírito Santo procura sempre limpar-nos o olhar sobre as nossas faltas, para nos levar à penitência e distribuir os frutos da Redenção. Mas o homem pode fechar-se a essa oferta, pode negar-se à conversão, pode fazer a sua consciência impermeável e reivindicar um pretenso direito a perseverar no mal. É aquilo que a Sagrada Escritura costuma “dureza de coração” (cf. Sl 81, 13; Jr 7, 24; Mc 3, 5).

Podemos pedir ao Senhor um coração sensível perante o bem e o mal, com a convicção de que o pecado está presente na nossa vida. O Espírito Santo, se formos dóceis aos toques da sua graça, ajudar-nos-á a reconhecermo-nos sempre necessitados do perdão de Deus, a maravilhar-nos com o seu poder, suscitando em nós uma contínua conversão.

---

«VÃO OPOR-SE aos teus desejos de santidade, meu filho, em primeiro lugar, a preguiça, que é a primeira frente onde há que lutar; depois, a rebeldia, o não querer levar sobre os ombros o jugo suave de Cristo, um desejo louco, não de liberdade santa, mas de libertinagem; a sensualidade e, em todo o momento – mais sub-repticiamente, com o passar dos anos –, a soberba; e depois todo um conjunto de más inclinações, porque as nossas misérias nunca vêm sós. Não nos queiramos enganar: teremos misérias. Quando formos velhos, também: as mesmas más inclinações que aos vinte anos. E será igualmente necessária a luta ascética, e teremos que pedir ao Senhor que nos dê humildade. É uma luta constante»<sup>[4]</sup>.

Sempre teremos uma certa inclinação para o mal, fruto do pecado. O seu aspeto e o relevo irão possivelmente mudando com o tempo, pero estará sempre presente, pondo à prova a nossa saúde espiritual. Por isso, precisamos de estar vigilantes, fomentando um delicado espírito de exame e dispostos a lutar alegremente para ser bons filhos do nosso Pai Deus. «Este é o nosso destino na terra: lutar por amor até ao último instante»<sup>[5]</sup>. Assim falava S. Josemaria no primeiro dia do ano de 1972, como que indicando as coordenadas com as quais se desenrolaria a sua vida interior durante esse ano: lutar, porque é aquilo que nos corresponde na terra até ao final, até ao nosso prémio e descanso no céu. Mas lutar sempre por amor: «Luta é sinónima de Amor»<sup>[6]</sup>. A luta é uma afirmação alegre que se desenvolve num clima otimista, confiante e sereno, sem sombra de crispação ou tristeza. A luta, focada como filhos de Deus, traz sempre paz.

---

SE O PECADO contra o Espírito Santo consiste no encerramento radical da alma à ação salvadora de Deus, a santidade, pelo contrário, é uma «permanente abertura a Deus e uma luta por fazer crescer o dom que nos

oferece em nosso benefício dos outros»<sup>[7]</sup>. Quando entendemos que a santidade é uma «relação de amor com Deus que se realiza, mas que está sempre em crescimento, sempre ameaçada, sempre a começar»<sup>[8]</sup>, então poderemos procurá-la realmente na nossa vida quotidiana: no trabalho, no matrimónio, nas relações de amizade, etc.

O clima da nossa santidade é o da misericórdia de Deus. Queremos ser bons filhos e comportar-nos como tal. A perfeição que nos interessa não é a de quem pretende realizar tudo bem e não ter defeitos, mas a de quem deseja amar cada dia mais, com um amor mais forte e purificado. «Podemos talvez passar toda a vida a lutar contra os mesmos defeitos, mas com a graça de Deus, pode-se lutar cada vez com mais amor a Deus e aos outros: isso é caminhar para a santidade»<sup>[9]</sup>.

A Nossa Mãe guia-nos neste caminho de luta interior. Ela «é a mais abençoada dos santos entre os santos, Aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha. E, quando caímos, não aceita deixar-nos por terra e, às vezes, leva-nos nos seus braços sem nos julgar. Conversar com Ela consola-nos, liberta-nos, santifica-nos. A Mãe não necessita de muitas palavras, não precisa que nos esforcemos demasiado para Lhe explicar o que se passa connosco. É suficiente sussurrar uma vez e outra: *Ave-maria...*»<sup>[10]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. João Paulo II, *Dominum et vivificantem*, n. 46.

[2] S. Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, q.14, a. 3.

[3] S. João Paulo II, *Dominum et vivificantem*, n. 46.

[4] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 10.

[5] S. Josemaria, Notas da pregação, 01/01/1972.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 158.

[7] Fernando Ocariz, *Cristianos en la sociedad del siglo XXI*, Cristiandad, Madrid 2020, p. 55.

[8] *Ibid.*

[9] *Ibid.*, p. 118.

[10] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 176.

## Terça-feira da III semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da III semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a chave para abrir a porta da santidade; guia para uma vida feliz; um coração dócil.*

### Sumário

- A chave para abrir a porta da santidade.
- Guia para uma vida feliz.
- Um coração dócil.

---

UMA GRANDE multidão encontra-se junto de Jesus. A sua vida pública ainda mal começou e já despertou todo o tipo de paixões. Muitos escutam-n'O atentamente, entusiasmados com as curas que realiza. Outros, no entanto, já estão a planear como acabar com Ele, pois apresentou-Se como o Filho de Deus e declarou que o homem é mais importante do que o sábado. A multidão à sua volta é tão numerosa que nem mesmo a sua Mãe e os seus discípulos conseguem aproximar-se d'Ele. Quando dizem a Jesus que estes O procuram, responde: «Quem é minha Mãe e meus irmãos?». E imediatamente conclui: «Eis minha mãe e meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe» (Mc 3, 33-35).

Com a pergunta que coloca pode parecer que Jesus mostra uma certa indiferença, como se não soubesse quem é a sua Mãe e os seus irmãos. No entanto, com o que logo a seguir acrescenta, deixa entrever a base do seu *parentesco* com eles. Não são apenas aqueles que O seguem de perto ou com quem tem mais confiança, mas a *familiaridade* com Jesus podem tê-la todos aqueles que procuram fazer a vontade de Deus. Os seus discípulos são os que puseram todas as suas expetativas e sonhos no Senhor, para que as suas vidas decorram como Ele quer. Embora tenham de ir purificando a sua forma de entender e seguir o Mestre, reconhecem que, junto d'Ele, encontrarão a vontade divina para cada um, e que este caminhar juntos se



há de converter em referência para toda a sua existência. Esta é a chave para abrir a porta da santidade: viver segundo a vontade de Deus<sup>[1]</sup>. Como Cristo afirmará noutra ocasião: «Nem todo o que Me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus» (Mt 7, 21).

---

SÃO MUITOS os momentos em que Jesus afirma que a sua prioridade é cumprir o que seu Pai espera d’Ele. Mesmo quando é criança e permanece em Jerusalém, responde assim quando Maria e José O encontram no Templo: «Não sabíeis que devo ocupar-Me nas coisas de meu Pai?» (Lc 2, 49). Mais tarde dirá também que o seu alimento é fazer a vontade d’Aquele que O enviou (cf. Jo 4, 34). Este foi o desejo que guiou toda a sua existência.

Quem quer imitar Cristo pode constatar que nem sempre sabe o que Deus espera dele. E mesmo que o descubra, pode também sentir contrariedades. Neste sentido, é reconfortante saber que Jesus também experimentou em Getsémani a tensão entre as suas próprias forças e o que seu Pai Lhe pedia: «Se é possível, afasta de Mim este cálice. Todavia, não se faça como Eu quero, mas sim como Tu queres» (Mt 26, 39). Sabia que era difícil levar a cabo aquilo pelo qual tinha vindo ao mundo. Mas o desejo de fazer a vontade de seu Pai era maior do que esse peso.

O amor à vontade de seu Pai deu a Jesus uma visão adequada sobre o valor das realidades terrenas: «O meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a d’Aquele que Me enviou» (Jo 5, 30). É este critério que nos permite levar uma vida feliz, pois Deus é o primeiro a desejar o nosso bem na terra e no céu. Ninguém melhor que Ele sabe como construir essa felicidade, que muitas vezes pode ir de mãos dadas com o sacrifício e a dor. Amar a Sua vontade não é propriamente uma submissão a certas condições, tendo em vista uma recompensa futura, mas sim confiar na bondade dos planos de Deus, que também são para nós: o seu desejo é partilhar a sua felicidade connosco, embora na terra não seja plena. Como escreve S. João: «Sabemos o amor que Deus nos tem e acreditámos nesse amor. Deus é amor; quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus permanece nele» (1Jo 4, 16).

---

COM FREQUÊNCIA, S. Josemaria falava de obediência inteligente: Deus não nos impõe uma obediência cega. De facto, esta virtude não consiste simplesmente em realizar o que alguém nos pediu, mas sim em pôr em prática as nossas capacidades para realizar esse objetivo. Precisamente no Jardim das Oliveiras Jesus está a ponderar como agir face ao que seu Pai Lhe pede. Ao redirecionar a sua vontade humana para o *sim* pleno a Deus, «diz-nos que o ser humano só alcança a sua verdadeira altura, só chega a ser *divino*, conformando a sua própria vontade com a vontade divina»<sup>[2]</sup>.

É normal que por vezes não saibamos qual é a vontade de Deus. Por isso procuramos a ajuda da direção espiritual, de alguém que possa dar-nos um conselho. Ao mesmo tempo, nem sempre será fácil reconhecer o sentido daquilo que nos é proposto quando choca com o que pensávamos. De facto, essa pessoa não é infalível, e ninguém pode transmitir exatamente a vontade de Deus. Mas também sabemos que nós próprios não somos infalíveis e podemos enganar-nos. E mesmo que um conselho nem sempre se identifique necessariamente com o que Deus quer, o Senhor conta com a nossa disponibilidade de o seguirmos, por amor. Isto mesmo foi que o profeta Samuel transmitiu a Saul quando lhe desobedeceu: «O Senhor compraz-se com holocaustos e sacrifícios ou, antes, com quem escuta a voz do Senhor?» (1Sm 22). Deste modo, esclarecia «a hierarquia de valores: é mais importante ter um coração dócil e obedecer do que fazer sacrifícios, jejuns, penitências»<sup>[3]</sup>.

S. Lucas faz notar que, depois de encontrarem Jesus no Templo, nem Maria nem José compreenderam o que tinha acontecido. No entanto, salienta que «sua mãe guardava todas estas coisas em seu coração» (Lc 2, 51). Ou seja, considerava o que lhe acontecia procurando descobrir por que razão o Senhor permitia que isso acontecesse. De facto, há realidades que só com o passar do tempo conseguiremos compreender plenamente. E Maria, com a sua obediência, soube confiar na vontade de Deus.

---

## NOTAS

[1] cf. S. Josemaria, *Caminho*, n. 754.

[2] Bento XVI, Audiência, 01/02/2012.

[3] Francisco, Homilia, 20/01/2020.

## Quarta-feira da III semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da III semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: uma semente que toca o coração; procurar a felicidade profunda; crescer entre cardos.*

### Sumário

- Uma semente que toca o coração.
- Procurar a felicidade profunda.
- Crescer entre cardos.

---

É TÃO GRANDE a multidão que começou a seguir Jesus que é obrigado a usar a criatividade para que as Suas palavras cheguem aos ouvidos de todos. Então decide entrar num barco e de lá falar à multidão. Entre muitas outras parábolas, detém-Se especialmente a descrever as condições para que as sementes deem frutos. É uma imagem com a qual o Senhor quer fazer-nos refletir sobre a nossa disponibilidade para receber a Sua mensagem e que, por isso, apela à sinceridade connosco próprios.

«Os que estão à beira do caminho, onde a palavra foi semeada, são aqueles que a ouvem, mas logo vem Satanás e tira a palavra semeada neles» (Mc 4, 15) O ensinamento de Cristo dirige-se à pessoa inteira. Ou seja, não se refere apenas a determinados aspetos da vida, mas desafia todo o nosso ser e, por isso, exige também uma adesão total, pois o que procura é a nossa felicidade na terra e no céu. Hoje em dia, quando recebemos tantas novidades e estímulos, talvez possamos comportar-nos como caminhantes curiosos. Ouvimos diversas informações sem tempo para avaliá-las lentamente e sem discernir muito bem o que permitimos que entre nos nossos corações. Desta forma, podemos ter dificuldade em perceber com clareza o que pode ser relevante para a nossa vida e o que responde apenas a um determinado interesse superficial.

A semente da Palavra «já está presente no nosso coração, mas fazê-la frutificar depende de nós, depende do acolhimento que reservarmos a esta semente. Muitas vezes somos distraídos por demasiados interesses, por inúmeras solicitações, e é difícil distinguir entre tantas vozes e tantas palavras, a do Senhor, a única que nos torna livres»<sup>[1]</sup>. Jesus convida-nos a deixar que a Sua Palavra toque a nossa cabeça e o nosso coração. Assim poderá criar raízes e crescer, e será mais difícil que o demônio a leve. «A fé não se limita a proporcionar alguma informação sobre a identidade de Cristo, mas supõe uma relação pessoal com Ele, a adesão de toda a pessoa, com a sua inteligência, vontade e sentimentos, à manifestação que Deus faz de Si mesmo»<sup>[2]</sup>.

---

«OS QUE RECEBEM a semente em terreno pedregoso são aqueles que, ao ouvirem a palavra, logo a recebem com alegria; mas não têm raiz em si próprios, são inconstantes, e, ao chegar a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, sucumbem imediatamente» (Mc 4, 16-17). A alegria é um sinal de que o que se ouviu encontra ressonância no próprio coração. Toda a boa notícia vem acompanhada de uma certa alegria. No entanto, Jesus convida-nos a refletir sobre a profundidade da nossa felicidade. Neste mundo tudo o que vale a pena custa, e muitas vezes é no sacrifício que se mostram as prioridades profundas do nosso coração.

Isto não significa que a vida cristã consista em acumular sofrimentos na terra para desfrutar mais tarde na eternidade. «Cada vez estou mais persuadido: – escreveu S. Josemaria – a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»<sup>[3]</sup>. A proposta de Jesus visa antes desejar aqueles ideais que orientam a nossa vida e que nos preenchem completamente, e manifestar esses desejos no nosso comportamento. Ele sabe que existem algumas alegrias que são mais fáceis de alcançar, mas são mais superficiais, e outras que exigem maior esforço interior porque são mais profundas. Um sorriso quando se está de mau humor costuma custar muito mais do que saborear um prato favorito, mas pode proporcionar uma felicidade mais duradoura porque o bem que procuramos é muito mais ambicioso: o desejo de que as circunstâncias externas ou internas não nos impeçam de ser semeadores de paz e de alegria.

Afinal, como dizia o fundador do Opus Dei, a verdadeira felicidade não depende tanto do acumular de experiências intensas ou de prazeres imediatos, mas da disposição interior para se sentir sempre acompanhado por Deus: «Estás passando uns dias de alvoroço, com a alma cheia de sol e de cor. E, coisa estranha, os motivos da tua alegria são os mesmos que outras vezes te desanimavam! É a velha história: tudo depende do ponto de vista: “*Lætetur cor quærentium Dominum!*”, quando se procura o Senhor, o coração transborda sempre de alegria»<sup>[4]</sup>.

---

«OUTROS HÁ QUE recebem a semente entre espinhos. Esses ouvem a palavra, mas os cuidados do mundo, a sedução das riquezas e todas as outras ambições entram neles e sufocam a palavra, que fica sem dar fruto» (Mc 4, 18-19). Às vezes a semente da palavra divina pode perder espaço dentro de nós devido às preocupações do dia a dia. É claro que Jesus não quer que as ignoremos. Possivelmente, como tantas outras pessoas, focamos as nossas vidas no desejo de seguir a Deus no meio do mundo, e é lógico que os assuntos familiares e de trabalho ocupem um espaço importante no nosso tempo e na nossa cabeça.

Estas ocupações constituem uma boa parte do caminho para a santidade. É por isso que o Senhor deseja que estas realidades não fiquem à margem da nossa vida cristã, mas que saibamos vivê-las com Ele. «Dizia uma alma de oração: nas intenções, seja Jesus o nosso fim; nos afetos, o nosso Amor; na palavra, o nosso assunto; nas ações, o nosso modelo»<sup>[5]</sup>. A mensagem de Cristo não é apenas mais um tema da nossa existência, mas o horizonte a partir do qual todos os outros aspetos da nossa biografia são compreendidos e fazem sentido. A semente pode crescer quando encontra um solo bom e mesmo que encontre alguns arbustos no seu desenvolvimento; se buscarmos em todos os momentos a união com o Senhor, pouco a pouco encontraremos uma forma de viver segundo a Sua vontade.

A parábola do semeador, pronunciada por Jesus num barco, pode ajudar-nos a examinar a sinceridade interior com que permitimos que Cristo reine nos nossos corações. Sem dúvida, temos o desejo, como a Virgem, de ser contados entre aqueles em quem a palavra de Deus dá frutos que duram e que dão felicidade a todos os que os rodeiam. «E os que receberam a

palavra em boa terra são aqueles que ouvem a palavra, a aceitam e frutificam, dando trinta, sessenta ou cem por um» (Mc 4, 20).

---

## NOTAS

[1] Francisco, 12/07/2020.

[2] Bento XVI, Homilia, 21/08/2011.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 1005.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 72.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 271.

## Quinta-feira da III semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da III semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: somos portadores da luz de Cristo; divulgação do Evangelho através do trabalho quotidiano; a naturalidade do apostolado.*

### Sumário

- Somos portadores da luz de Cristo.
- Divulgação do Evangelho através do trabalho quotidiano.
- A naturalidade do apostolado.

---

JESUS FALA a linguagem de quem O ouve, uma linguagem baseada na vida quotidiana. Ele pergunta, por exemplo: «Quem acende uma lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Não se acende para a colocar no candelabro?» (Mc 4, 21). Muitos dos seus ouvintes teriam em casa um alqueire, um pequeno recipiente de madeira com forma retangular e uma capacidade de cerca de nove litros. Neste recipiente media-se sobretudo o trigo ou a farinha; era indispensável para fazer pequenos negócios, bem como para calcular os dízimos prescritos pela lei. Quanto às lâmpadas para uso doméstico, eram geralmente feitas de terracota ou de bronze, com formas muito variadas, embora a mais comum fosse uma base circular com uma abertura no centro através da qual se deitava o óleo. Finalmente, os candelabros eram frequentemente um simples nicho na parede. De acordo com alguns arqueólogos, os judeus costumavam deixar uma lâmpada acesa nas suas casas, provavelmente para manter afastados os saqueadores.

Cada cristão recebeu a luz de Cristo, que veio ao mundo para dissipar as trevas do mal e da morte. Pela graça e misericórdia do Senhor, acolhemos essa luz nos nossos corações e, como filhos de Deus, somos chamados a ser «portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas»<sup>[1]</sup>. É um grande dom e uma tarefa imensa. Em certo sentido, «depende de nós que muitos não permaneçam em trevas, mas que andem



por sendas que levem à vida eterna»<sup>[2]</sup>. «Um discípulo e uma comunidade cristã são luz no mundo quando conduzem outros a Deus, ajudando cada um a experimentar a sua bondade e misericórdia. O discípulo de Jesus é luz quando sabe como viver a sua fé fora dos espaços estreitos (...). Fazer luz. Mas não a minha luz, mas a luz de Jesus: somos instrumentos para que a luz de Jesus possa chegar a todos»<sup>[3]</sup>.

---

GOSTARÍAMOS DE COLOCAR o Senhor num lugar muito alto para que a sua luz chegue a todos. Mas como pôr em prática esta exortação evangélica? S. Josemaria explicava que, para a imensa maioria dos cristãos, difundir a luz de Cristo não consiste em deixar as ocupações normais e dedicar-se apenas à pregação da Palavra de Deus; nem consiste simplesmente em dedicar algum tempo todos os dias ou todas as semanas a práticas de piedade ou atividades apostólicas. O fundador do Opus Dei propunha um caminho mais ambicioso: ser santos e apóstolos no exercício da própria profissão ou ofício.

«Tu e eu somos cristãos – escrevia –, mas, ao mesmo tempo, e sem qualquer solução de continuidade, cidadãos e trabalhadores, com obrigações claras que temos de cumprir de forma exemplar, se queremos realmente santificar-nos (...). O trabalho profissional – seja ele qual for – converte-se numa luz que ilumina os vossos colegas e amigos. Por isso, costumo repetir aos que se incorporam no Opus Dei, e a minha afirmação vale também para todos aqueles que me ouviram: que me importa que me digam que fulano de tal é um bom filho meu – um bom cristão – mas um mau sapateiro?! Se não se esforçar por aprender bem o seu ofício, ou por executar o seu trabalho com esmero, não poderá santificá-lo nem oferecê-lo ao Senhor. Ora, a santificação do trabalho ordinário constitui como que o fundamento da verdadeira espiritualidade para aqueles que, como nós, estão decididos a viver na intimidade de Deus, imersos nas realidades temporais»<sup>[4]</sup>.

É muito encorajador saber que o nosso trabalho, realizado por amor a Deus e com espírito de serviço, nos converte em pessoas que transmitem a luz divina aos outros. «Se olhares para a composição de um aparelho elétrico, encontrarás um conjunto de fios grandes e pequenos, novos e

gastos, caros e baratos. Se a corrente elétrica não passar através de tudo isso, não haverá luz. Estes fios somos tu e eu. Deus é a corrente. Temos o poder de deixar passar a corrente através de nós, de nos deixarmos utilizar por Deus, de deixar que se produza luz no mundo, ou então, de nos recusarmos a ser instrumentos e deixar que a escuridão se espalhe»<sup>[5]</sup>.

---

«NÃO HÁ NADA escondido que não venha a descobrir-se, nem oculto que não apareça à luz do dia» (Mc 4, 22), prossegue o Senhor. São palavras de valor escatológico, mas também nos ajudam a considerar o reflexo que, na nossa vida diária, manifesta a luz que Cristo acendeu no nosso interior. Quando um cristão procura manter vivo o seu diálogo com Deus, o seu amor pelas almas impele-o a falar, a partilhar, a comunicar com naturalidade o que significou na sua vida o encontro com Jesus. Isto acontece frequentemente sem qualquer esforço especial. Mas nalgumas ocasiões, talvez seja necessário considerar a grandeza do que está em jogo para superar a própria timidez.

«Propor a verdade de Cristo e o seu reino, mais do que um direito, é um dever do evangelizador – dizia S. Paulo VI –. E é também um direito dos seus irmãos e irmãs receber através dele o anúncio da Boa Nova da salvação. Esta salvação, Deus pode realizá-la em quem Ele quer por vias extraordinárias que somente Ele conhece. E, no entanto, se o seu Filho veio, foi precisamente para nos revelar, pela sua palavra e pela sua vida, os caminhos naturais da salvação. E Ele ordenou-nos, com a sua própria autoridade, transmitir aos outros essa revelação. Sendo assim, não deixaria de ter a sua utilidade que cada cristão e cada evangelizador aprofundasse na oração este pensamento: mesmo que nós não lhes anunciemos o Evangelho, os homens poderão salvar-se por outras vias, graças à misericórdia de Deus; mas nós, poder-nos-emos salvar se nos omitirmos de o anunciar, por negligência, por medo ou por vergonha – aquilo que São Paulo chamava exatamente “envergonhar-se do Evangelho” –, ou por seguirmos ideias falsas?»<sup>[6]</sup>.

Peçamos à nossa Mãe do Céu a humildade necessária para abrir, com simplicidade, a nossa alma a Jesus; e que, através desse encontro, muitos dos que nos rodeiam possam vir a receber, com naturalidade, a luz de Deus.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 1.

[2] *Ibid.*

[3] Francisco, Angelus, 09/02/2020.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 61.

[5] Sta. Teresa de Calcutá, *Não há maior amor*, c. 67.

[6] S. Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 80.

## Sexta-feira da III semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da III semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: é Deus quem faz crescer o seu Reino; acrescentar a nossa força à do Senhor; procurarmos Jesus como aqueles discípulos.*

### Sumário

- É Deus quem faz crescer o seu Reino.
- Acrescentar a nossa força à do Senhor.
- Procurarmos Jesus como aqueles discípulos.

---

PARA ILUSTRAR como é o Reino de Deus e como se desenvolve, Jesus volta a fazer comparações com aspetos da vida agrícola, muito familiares aos seus ouvintes: «O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga» (Mc 4, 26-29).

O Evangelho da Missa de hoje inclui duas parábolas: a que acabamos de ler, sobre o crescimento da semente de trigo; e a seguinte, sobre a pequena semente de mostarda que se transforma num arbusto frondoso, onde as aves do céu podem fazer os seus ninhos.

«Na primeira parábola, a atenção centra-se no facto de a semente, lançada ao solo, criar raízes e se desenvolver por si mesma, independentemente de o agricultor dormir ou acordar. Confia no poder interior da própria semente e na fertilidade do solo. Na linguagem do Evangelho, a semente é um símbolo da Palavra de Deus (...). Esta Palavra, se for aceite, dá certamente frutos, porque o próprio Deus a faz germinar e amadurecer através de formas que nem sempre podemos verificar, de uma forma que desconhecemos. Tudo isto nos faz compreender que é sempre Deus que faz crescer o seu reino. É por isso que rezamos tanto "Venha a nós

o Vosso reino". É Ele quem o faz crescer; o homem é o seu humilde colaborador, que contempla e se alegra com a ação criadora divina, e espera pacientemente pelos seus frutos»<sup>[1]</sup>.

«Quando te abandonares verdadeiramente a Nosso Senhor – disse S. Josemaria – aprenderás a contentar-te com o que quer que te aconteça, e a não perder a tua serenidade se as tarefas – apesar de todos os teus esforços e meios adequados – não se revelarem do teu agrado...»<sup>[2]</sup>.

---

NA SEGUNDA PARÁBOLA, Jesus usa a imagem da semente de mostarda para descrever o Reino de Deus: «é como um grão de mostarda, que, ao ser semeado na terra, é a menor de todas as sementes que há sobre a terra; mas, depois de semeado, começa a crescer e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra» (Mc 4, 31-32). Na leitura que S. João Crisóstomo faz desta passagem, a semente de mostarda é Cristo que, pela sua encarnação, se fez pequeno e humilde para ser o servo de todos; sofreu pregado na cruz, morreu por nós, e pela sua ressurreição cresceu até ao céu, como uma árvore que nos abriga e nos dá a imortalidade<sup>[3]</sup>.

Sendo infinitamente grande, Cristo tornou-se pequeno, aparentemente irrelevante. Portanto, para entrar na dinâmica do Reino de Deus, é necessário ser pobre de espírito, para que Cristo possa viver em nós; uma pobreza de espírito que nos leva «não a agir para sermos importantes aos olhos do mundo, mas preciosos aos olhos de Deus, que tem uma predileção pelo simples e humilde. Quando vivemos desta forma, o poder de Cristo irrompe através de nós e transforma o que é pequeno e modesto numa realidade que fermenta toda a massa do mundo e da história»<sup>[4]</sup>.

E a mensagem desta segunda parábola reforça a da anterior: «O reino de Deus, embora exija a nossa cooperação, é antes de mais um dom do Senhor, uma graça que precede o homem e as suas obras. A nossa pequena força, aparentemente impotente face aos problemas do mundo, se somada à de Deus, não teme obstáculos, porque a vitória do Senhor é certa (...). A semente brota e cresce, porque o amor de Deus a faz crescer»<sup>[5]</sup>.

---

«JESUS PREGAVA-LHES a palavra de Deus com muitas parábolas como estas, conforme eram capazes de entender. E não lhes falava senão em parábolas; mas, em particular, tudo explicava aos seus discípulos» (Mc 4, 33-34). É assim que S. Marcos conclui o seu relato. O evangelista distingue entre o povo que ouviu os ensinamentos de Jesus pela primeira vez ou apenas ocasionalmente, e os discípulos que seguiram o Senhor regularmente. Com estes últimos, Jesus passa longos períodos de tempo em que lhes explica os seus ensinamentos de forma mais aprofundada. Estes discípulos teriam começado como sendo apenas mais uma das pessoas: um dia, alguém lhes falou de Jesus e eles vieram para o ouvir, talvez por curiosidade. Mas depois de um ou mais contactos com ele, eles tornaram-se discípulos.

Algo de semelhante acontece com cada um de nós. Quando encontramos Jesus nas páginas do Evangelho, imediatamente queremos saber mais, queremos aprofundar o significado da sua vida e das suas palavras. Sentimos que em Cristo «habitam todos os tesouros e sabedoria escondidos»<sup>[6]</sup>, e queremos ser enriquecidos por eles. «Agora também é possível aproximar-se intimamente de Jesus, em corpo e alma. Cristo mostrou-nos claramente o caminho: pelo Pão e pela Palavra, nutrindo-nos com a Eucaristia e conhecendo e cumprindo o que nos veio ensinar, ao mesmo tempo que conversamos com ele na oração»<sup>[7]</sup>. E com toda a naturalidade, mesmo que por vezes também exija esforço, procuramos a companhia assídua de Nosso Senhor. Então compreendemos melhor Maria, que «guardou todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19). Podemos pedir à nossa Mãe que também nós saibamos aceitar a Palavra de Deus e aprofundar no seu significado, para que ela possa dar frutos abundantes.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 14/06/2015.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 860.

[3] cf. S. João Crisóstomo, *Homilia 7* [atribuída], PG 64, 21-26.

[4] Francisco, Angelus, 14/06/2015.

[5] Bento XVI, Angelus, 17/06/2012.

[6] S. João da Cruz, *Cântico espiritual*, canto 36, 3.

[7] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 118.

## Sábado da III semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da III semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o cansaço de Jesus, homem perfeito; abandonar-se em Cristo para chegar a porto seguro; ver Jesus também nas dificuldades.*

### Sumário

- O cansaço de Jesus, homem perfeito.
- Abandonar-se em Cristo para chegar a porto seguro.
- Ver Jesus também nas dificuldades.

---

O LAGO DE GENESARÉ, com os seus 165 quilómetros quadrados de superfície e 43 metros de profundidade, é um lago bastante modesto. No entanto, apesar do seu pequeno tamanho, era rico em peixes e desencadeavam-se tempestades violentas nas suas águas, como ainda hoje acontece. Está localizado numa cavidade de terra, cercada por montanhas, entre as quais passa o vale do Jordão e se encontra a planície de Esdrelão. Por esses corredores naturais chegam fortes rajadas de vento que convergem para o lago, causando ondas furiosas, suficientes até para virar um pequeno barco.

Uma dessas tempestades atingiu o lago enquanto Jesus e os Seus discípulos o atravessavam. Era ao entardecer. Tinha terminado um dia intenso de pregação para uma grande multidão de pessoas. Havia tanta gente, que o Senhor teve que entrar num barco e afastar-Se um pouco da praia para que pudessem vê-l'O e ouvi-l'O. Naquele mesmo barco ia Jesus, mais tarde, cansado: «à popa dormia sobre uma almofada» (Mc 4, 38). É a única vez que os evangelhos O apresentam adormecido. «Cada um destes gestos humanos é gesto de Deus. *Em Cristo habita toda a plenitude da divindade corporalmente.* Cristo é Deus feito homem; homem perfeito; homem cabal. E, na sua humanidade, dá-nos a conhecer a divindade»<sup>[1]</sup>. É comovente contemplá-l'O assim: exausto, depois de um dia de trabalho em



que Se entregou por completo, até ficar sem energia e precisar de um sono profundo para recuperá-la.

«A fadiga de Jesus, sinal da Sua verdadeira humanidade, pode ser vista como um prelúdio da paixão, com a qual Ele completou a obra da nossa redenção»<sup>[2]</sup>. Mostra-se-nos como um homem perfeito, igual a nós em tudo, exceto no pecado. E compreendemos mais facilmente que, com a Sua graça, também nós podemos encarnar a Sua vida, mesmo que às vezes nos seja difícil, mesmo que nos cansemos, ainda que se sinta o peso do trabalho diário feito por amor.

---

DESENCADEIA-SE A TEMPESTADE. As ondas encrespam-se. Ouve-se claramente o ranger da madeira do barco. Os discípulos, pescadores experientes, estão tensos. A sua experiência diz-lhes que a tempestade é perigosa. Espantam-se que, nesta situação crítica, Jesus ainda esteja a dormir. Acordam-n'O com uma frase em que, sob a aparência de reprovação, há muita confiança: «Mestre, não Te importas que pereçamos?» (Mc 4, 38). Ele, despertando, falou imperiosamente ao vento e disse ao mar: «Cala-te, acalma-te!». O vento serenou e fez-se grande calma. Depois disse-lhes: «Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» (Mc 4, 39-40).

Espantados, os discípulos voltam a ter medo, embora agora seja um medo diferente: a grandeza do mar dá lugar à grandeza do mistério de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. «O gesto solene de acalmar o mar tempestuoso é claramente um sinal do senhorio de Cristo sobre os poderes negativos e leva a pensar na sua divindade: “Quem é Este – interrogaram-se admirados e cheios de terror os discípulos – a Quem até o vento e o mar obedecem?” (Mc 4, 41). A sua fé ainda não é sólida, mas está a formar-se; é um misto de medo e de confiança; o abandono confiante de Jesus ao Pai é, pelo contrário, total e puro. Por isso, por este poder do amor, Ele pode adormecer durante a tempestade, completamente seguro nos braços de Deus»<sup>[3]</sup>.

A nossa fé também se está a formar, está sempre a crescer. Muitas vezes nos assustamos, temos medo, ficamos inseguros diante de pequenas ou grandes tempestades: tentações, contratempos, deceções conosco mesmos,

fracassos... É a hora de invocar Jesus para nos ajudar a enfrentar essas situações com paz e abandono. Como aconselhou Santo Agostinho: «Não deixes que as ondas te arrastem para baixo perante as confusões do teu coração. Em todo o caso, ainda que sejamos homens, não desesperemos se o vento soprar os afetos da nossa alma. Despertemos para Cristo: a nossa viagem será tranquila e chegaremos a bom porto»<sup>[4]</sup>.

---

NA PRAÇA DE S. PEDRO completamente vazia, à chuva, diante de um crucifixo e uma imagem da Virgem, em março de 2020, o Papa Francisco presidiu a uma vigília de oração durante um momento difícil para toda a humanidade, em plena pandemia. Escolheu comentar precisamente a passagem evangélica sobre a qual estamos a meditar. As suas palavras também podem ajudar-nos a enfrentar outros momentos de dificuldade que podem aparecer nas nossas vidas.

«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?». Senhor, lanças-nos um apelo, um apelo à fé. Esta não é tanto acreditar que Tu existes, como sobretudo vir a Ti e fiar-se em Ti (...) Chamas-nos a aproveitar este tempo de prova como *um tempo de decisão*. Não é o tempo do teu juízo, mas do nosso juízo: o tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de reajustar a rota da vida rumo a Ti, Senhor, e aos outros. (...) «Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?». O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais»<sup>[5]</sup>.

«Quando chega o padecimento em forma tão humana, tão normal (dificuldades e problemas familiares... ou essas mil e uma miudezas da vida corrente), custa-te ver Cristo por trás disso. - Abre com docilidade as mãos a esses cravos... e a tua dor converter-se-á em alegria»<sup>[6]</sup>.

Por intercessão de Maria Santíssima, *Estrela do mar*, peçamos ao Senhor que aumente a nossa fé, que nos liberte dos nossos medos e nos encha de esperança.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 109.

[2] Bento XVI, *Angelus*, 27/03/2011.

[3] Bento XVI, *Homilia*, 21/06/2009.

[4] Sto. Agostinho, *Sermão* 63, 3.

[5] Francisco, *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*, 27/03/2020.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 234.

## IV domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no IV domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: assombro ao ouvir a palavra de Jesus; medo de dar o salto; rezar com as preocupações.*

### Sumário

- Assombro ao ouvir a palavra de Jesus.
- Medo de *dar o salto*.
- Rezar com as preocupações.

---

O EVANGELHO deste domingo mostra-nos Jesus em Cafarnaum ensinando na sinagoga num sábado. Se noutros momentos uma situação semelhante causaria a rejeição daqueles que O ouviam (cf. Mt 13, 53-57), desta vez o evangelista sublinha que «todos se maravilhavam com a sua doutrina, porque os ensinava com autoridade e não como os escribas» (Mc 1, 22). Desta forma, cumpriu-se a antiga profecia de Moisés, que está registada na primeira leitura: «O Senhor teu Deus fará surgir no meio de ti, de entre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele deveis escutar» (Dt 18, 15).

A palavra de Jesus surpreendeu os habitantes de Cafarnaum porque era radicalmente diferente da dos mestres daquele tempo. Possivelmente, as pessoas estavam acostumadas a ouvir pregações mais ou menos semelhantes, que em muitas ocasiões pouco tinham a ver com os seus reais problemas e preocupações. Além disso, observavam uma certa incoerência entre o que alguns escribas ensinavam e o que faziam mais tarde. Por outro lado, a mensagem do Senhor não era apenas nova, mas respondia aos desejos de salvação que habitavam no coração daqueles israelitas que permaneciam abertos à ação de Deus na sua alma. Além disso, ali mesmo puderam perceber que aquelas palavras eram confirmadas pelas Suas obras, porque assim que um homem apareceu possuído por um espírito impuro, Jesus libertou-o (cf. Mc 1, 24-26).

«Ficaram todos tão admirados, que perguntavam uns aos outros: “Que vem a ser isto? Uma nova doutrina, com tal autoridade, que até manda nos espíritos impuros e eles obedecem-Lhe!”» (Mc 1, 27). Jesus não só fala, mas também atua. Ele salva-nos com a Sua palavra e com as Suas obras: é assim que manifesta a Sua proximidade e preocupação por cada um de nós, hoje através da mediação da Igreja. Cristo «comunica-nos toda a luz que ilumina o caminho, por vezes escuros, da nossa existência; comunica-nos também a força necessária para superar as dificuldades, as provas, as tentações. Pensemos na grande graça que é para nós ter conhecido este Deus tão poderoso e bondoso! Um mestre e um amigo, que nos indica o caminho e cuida de nós, sobretudo quando estamos em necessidade»<sup>[1]</sup>.

---

«QUEM DERA ouvísseis hoje a sua voz: não endureçais os vossos corações» (Sl 94, 8), clama o salmista. Deus fala connosco todos os dias. No entanto, temos consciência de que, dentro de nós, existem alguns princípios que impedem que a Sua palavra crie raízes, germine e amadureça até dar frutos. Na primeira leitura é feita referência a um desses obstáculos: o medo. Quando Moisés anunciou a vinda de um profeta a quem o povo deveria ouvir, os israelitas responderam com algum medo: «Não ouvirei jamais a voz do Senhor meu Deus, nem verei este grande fogo, para não morrer» (Dt 18, 16).

É normal que, ao ouvir os ensinamentos do Senhor, sintamos uma certa vertigem. Por um lado, contemplamos a maravilha de saltar rumo à vida que Ele nos propõe; por outro lado, a nossa própria fragilidade faz-nos acreditar que este salto é impossível. Mas sabemos que Jesus *deu esse salto* antes de nós e nos acompanha em todos os momentos. Ele é aquele profeta de quem falou Moisés: um de nós, nosso irmão (cf. Dt 18, 15). Não se trata de alguém «que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, exceto no pecado. Aproximemo-nos, então, com grande confiança, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna» (Hb 4, 15-16).

S. Josemaria comentava que este *salto* é uma questão de fé: confiar que a vida que o Senhor nos oferece, com as suas alegrias e dores, é mais feliz do que aquela que podemos alcançar com as nossas seguranças. «Aceitemos

sem medo a vontade de Deus, formulemos sem vacilações o propósito de edificar toda a nossa vida de acordo com aquilo que nos ensina e nos exige a nossa fé. Estejamos seguros de que encontraremos luta, sofrimento e dor; mas, se possuímos de verdade a Fé, nunca nos sentiremos infelizes: também com sofrimentos, e até mesmo com calúnias, seremos felizes, com uma felicidade que nos impelirá a amar os outros para os fazer participar da nossa alegria sobrenatural»<sup>[2]</sup>.

---

S. PAULO, na segunda leitura, faz-se eco de outro obstáculo que pode dificultar a escuta da voz de Deus: as preocupações. O apóstolo, depois de alertar os coríntios sobre as preocupações que os podem rodear, conclui: «Digo isto no vosso próprio interesse e não para vos armar uma cilada. Tenho em vista o que mais convém e vos pode unir ao Senhor sem desvios» (1Cor 7, 35).

Os assuntos do dia a dia podem abalar o nosso mundo interior e monopolizar os nossos pensamentos e afetos. Em vez de prestarmos atenção ao que Deus nos quer dizer através destes acontecimentos, talvez demos mais importância ao nosso modo de abordar essas questões. No entanto, podemos alimentar a nossa oração precisamente com essas preocupações, contando-as a Jesus, pedindo a Sua graça e abandonando-as nas suas mãos. Por vezes, até encontraremos uma possível missão. Como muitas dessas distrações podem estar relacionadas com as pessoas a quem queremos bem, podem ser uma oportunidade para preencher a oração com os seus rostos e ver como podemos servi-las como o próprio Jesus faria: assim, o Senhor poderá ajudar-nos a fortalecer o nosso relacionamento com cada pessoa que temos por perto. Desta forma, o que antes talvez pudesse ser um obstáculo, impele-nos a procurar o diálogo divino e a Sua ajuda para voltar a entrar na vida com um significado ainda mais cristão.

Noutras alturas, será necessário fazer um esforço maior para pôr de lado certas preocupações, seja porque não são tão relevantes ou porque apenas nos levam a remoer continuamente o mesmo pensamento. Esse combate<sup>[3]</sup> por dirigir a nossa atenção para o diálogo com Deus, ajudar-nos-á a ter um coração desapegado, atento ao que Jesus nos quer dizer. «Num momento que não conhecemos, a voz do nosso Senhor ressoará: nesse dia, bem-

aventurados os servos que Ele encontrará laboriosos, ainda concentrados no que realmente importa. Não se dispersaram perseguindo todas as atrações que lhes vinham à mente, mas procuraram empreender o caminho certo, praticando o bem e desempenhando a própria tarefa»<sup>[4]</sup> Jesus mostrou-nos a Sua Mãe como modelo do coração que acolhe sem medo a palavra do Senhor e a deixa ressoar dentro de si. Podemos aproveitar a sua intercessão para nos ensinar a ser almas de oração.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 28/01/2018.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 97.

[3] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2729.

[4] Francisco, Audiência, 19/05/2021.

## IV domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no IV domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: Deus escolheu a loucura do mundo; os caminhos impensáveis do Senhor; a debilidade é o mérito do cristão.*

### Sumário

- Deus escolheu a loucura do mundo.
- Os caminhos impensáveis do Senhor.
- A debilidade é o mérito do cristão.

---

QUANDO se trata de realizar um projeto, geralmente é lógico rodear-se das pessoas mais qualificadas. Se alguém, por exemplo, deseja abrir uma empresa, o normal é contar com a ajuda e assessoramento de pessoas especializadas. No entanto, Jesus, na Sua passagem pela terra, não parece agir assim. «Não há entre vós muitos sábios, – escreve S. Paulo aos Coríntios – naturalmente falando, nem muitos influentes, nem muitos bem-nascidos. Mas Deus escolheu o que é louco aos olhos do mundo para confundir os sábios; escolheu o que é fraco, para confundir o forte» (1Cor 26-27).

O que se esperava era que Jesus chamasse as pessoas mais preparadas; aqueles, talvez, conhecidos pela sua piedade e o seu manejo das Sagradas Escrituras. Mas como a Sua missão não é humana, mas divina, o Senhor não deu atenção ao que o mundo considerava importante. Ele escolheu, em primeiro lugar, pessoas que não tinham grandes cargos e se dedicavam a um dos ofícios mais comuns da época: a pesca. Talvez, entre os doze apóstolos, S. Mateus fosse o que mais qualidades tinha aos olhos da sociedade da época; mas também não é inteiramente assim, pois o seu trabalho como cobrador de impostos o tornava, para usar as palavras de S. Paulo, o mais «vil e desprezível» (1Cor 28).



«Eram estes os discípulos escolhidos pelo Senhor – dizia S. Josemaria –; assim os escolhe Cristo; assim se comportavam antes de que, cheios do Espírito Santo, se tornassem colunas da Igreja. São homens correntes, com defeitos, com debilidades, com palavras maiores do que as suas obras. E, contudo, Jesus chama-os para fazer deles pescadores de homens, corredutores, administradores da graça de Deus»<sup>[1]</sup>. A lógica humana não é o principal parâmetro para explicar os planos divinos. Por isso, para ser apóstolo o essencial não é ter grandes talentos, mas escutar o Seu convite para O seguir. Assim será Ele quem brilhará nas nossas vidas, colocando as nossas capacidades – muitas ou poucas – ao Seu serviço.

---

A LÓGICA QUE Jesus seguiu ao não olhar para as qualidades humanas é a que também se reflete no sermão da montanha. Ali declara bem-aventurado aquele que, aos olhos do povo, era na verdade o mais infeliz: o pobre, o que chora, o que sofreu uma injustiça, o perseguido... (cf. Mt 5, 1-12). Com certeza que os presentes ficaram surpreendidos, pois até então pensariam o contrário. Muitos acreditaram –como também agora– que se a vida lhes sorria era porque Deus recompensava as suas boas obras; em vez disso, consideravam os infortúnios como consequência de más ações. Por isso se confundem, pois dizer que os pobres são bem-aventurados seria quase como afirmar que o pecador obterá o máximo favor de Deus.

Se com a escolha dos discípulos Jesus vai além das abordagens humanas para mostrar que é Deus quem opera, com este discurso mais uma vez nos mostra a lógica divina. Não é nas realidades mundanas que encontraremos a felicidade, mas na liberdade de nos abandonarmos em Deus. Por isso, sofrer pobreza ou injustiça é compatível com ser feliz, porque o que é decisivo não são as circunstâncias externas, mas a proximidade com Cristo. As bem-aventuranças indicam um caminho de felicidade livre de amarras, que não depende de sucesso, prazer, dinheiro ou poder. Nos santos vemos pessoas que, embora nem sempre cumprissem os padrões da felicidade humana, foram felizes na terra e souberam contagiar os outros com a sua alegria.

«Deus, para Se doar a nós, escolhe muitas vezes caminhos impensáveis, talvez os dos nossos limites, das nossas lágrimas, das nossas derrotas»<sup>[2]</sup>. É

precisamente nessas situações que o Senhor nos mostra o poder da Sua salvação. É Ele quem «é eternamente fiel à sua palavra; salva os oprimidos, dá pão aos que têm fome» (Sl 146, 7). Porém, é verdade que nem sempre é fácil aceitar contratempos dessa forma. É por isso que podemos pedir a Deus que nos ajude a ver o que o mundo considera um infortúnio como caminho que nos leva à felicidade.

---

POR QUE é que Jesus quebra tantos esquemas? Fê-lo entre aqueles que O rodearam durante o Seu tempo nesta terra e continua a fazê-lo hoje para aqueles que O querem ouvir com sinceridade. Entre muitos motivos, um deles é porque quer libertar-nos do nosso desejo de ter tudo sob controlo. Esta tendência leva-nos a pensar que a missão de ser apóstolo e viver em santidade depende unicamente da nossa maior ou menor capacidade de planear, e de realizar com fortaleza esse plano. E, embora seja verdade que o Senhor conta com o nosso esforço e a nossa criatividade, se confiarmos tudo às nossas capacidades é fácil cair no desânimo, além do facto de que, na realidade, não deixamos Deus agir. É por isso que Jesus nos convida a superar a nossa autossuficiência e reconhecer que sempre precisaremos da Sua ajuda.

«Deus escolheu o que é vil – diz S. Paulo –, e desprezível, o que nada vale aos olhos do mundo, para reduzir a nada aquilo que vale, a fim de que nenhuma criatura se possa gloriar diante de Deus» (1Cor 1, 28-29). E a seguir, citando as Escrituras, o apóstolo dos gentios conclui: «quem se gloria deve gloriar-se no Senhor» (1Cor 31). Este é, afinal, o mérito de que se pode vangloriar o cristão: reconhecer as suas fraquezas e limitações, mas, ao mesmo tempo, saber que tudo é capaz porque tem a graça de Deus.

Esta é precisamente a atitude manifestada pela Virgem Maria no Magnificat: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da Sua serva» (Lc 1, 46-48). O filho não conquista a mãe sendo forte e independente, mas reconhecendo-se como filho, correspondendo ao seu amor com amor e pedindo-lhe ajuda com simplicidade. É por isso que nos podemos apresentar diante da nossa Mãe Celestial assim como somos: necessitados

do amparo e da consolação de Deus. Assim também o Senhor fará grandes coisas na nossa vida.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 2.

[2] Francisco, Audiência, 29/01/2020.

## IV domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no IV domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: Jesus revela-se na normalidade do quotidiano; a fé sincera opera milagres; abrir-se à gratuidade da graça.*

### Sumário

- Jesus revela-se na normalidade do quotidiano.
- A fé sincera opera milagres.
- Abrir-se à gratuidade da graça.

---

DEPOIS de uns meses de pregação, Jesus voltou para Nazaré. A Sagrada Família tinha-se instalado nessa pequena povoação da Galileia depois do exílio no Egito. Viveram em Nazaré trinta anos, com uma existência normal, como a de qualquer outra família judaica. Foi provavelmente aí que S. José morreu e estaria enterrado no seu cemitério. Jesus guardava no seu coração numerosas recordações da vida com Maria e José, ligadas às ruas, aos campos e à pequena sinagoga, onde ia sempre ao sábado para escutar a Palavra de Deus. Depois das suas primeiras correrias apostólicas pela Galileia, o Senhor decidiu visitar os seus conterrâneos. Rodeado pelos discípulos e por muitos curiosos, dirigiu-se à sinagoga no sábado. Depois de ler o texto sagrado, Jesus afirmou: «Hoje cumpriu-se este passo da Escritura que acabais de ouvir» (Lc 4, 21). São palavras fortes, inequívocas. Jesus Cristo atribui-se a profecia de Isaías que anunciava a chegada do Messias: «O Espírito do Senhor repousou sobre mim (...), enviou-me para anunciar a redenção» (Lc 4, 18-19).

A primeira reação das pessoas foi de entusiasmo: «todos davam testemunho em seu favor e admiravam-se» (Lc 4, 22). Contudo, como também aconteceu nos dias a seguir ao Domingo de Ramos, logo chegou a dúvida e até o escândalo: diziam entre eles «não é este o filho de José?». Talvez tivessem a ideia de que o Messias iria aparecer de maneira majestosa, desconcertante. A normalidade do Senhor surpreendeu-os. Jesus

era um homem que conheciam desde criança, com quem tinham partilhado a sua vida quotidiana, que tinha trabalhado no meio deles, e pensaram: como é que este pode ser o Messias?

Estavam habituados à sua companhia. Não há dúvida de que nos pode acontecer algo parecido. Por um lado, temos Deus tão perto, ao alcance da mão, que o coração se pode endurecer. Além disso, não somos imunes ao desejo de O procurar no extraordinário, nas ocasiões excepcionais, em que o coração reage com mais facilidade. Na verdade, qualquer circunstância – o trabalho de cada dia, as pessoas com quem tropeçamos – nos dá oportunidade para um encontro com Ele. Deus está no normal. «Bendita normalidade, que pode estar cheia de tanto amor de Deus!»<sup>[1]</sup>. Precisamente aí, no escondido e rotineiro, na monotonia concreta, nos espera.

---

A NOTÍCIA dos milagres que Jesus tinha realizado nas povoações do mar tinha chegado aos ouvidos dos nazarenos. Desejavam esta visita do Senhor porque queriam ser testemunhas de algum milagre do carpinteiro. Mas os milagres que acompanham as palavras do Senhor não são ações mágicas nem truques assombrosos, nem «pretendem satisfazer a curiosidade»<sup>[2]</sup> das pessoas. São “sinais” do amor de Deus, que manifestam o seu poder e «testemunham que o Pai O enviou» e «convidam a crer em Jesus»<sup>[3]</sup>.

Jesus concedia a cura quando encontrava fé nos que acudiam a Ele. Neste sentido Orígenes escreve: «Do mesmo modo que para os corpos existe uma atração natural da parte de uns pelos outros, como entre o íman e o ferro... assim tal fé exerce uma atração sobre o poder divino»<sup>[4]</sup>. Deus não resiste perante as nossas necessidades, se lhas apresentamos com fé e humildade. Assim vemos com o cego de Jericó, que Lhe pediu para recobrar a vista; com o leproso, que implorou a cura da pele; com a cananea, que insistiu a favor da sua filha; com a hemorroíssa, que se aproxima para Lhe tocar discreta e timidamente. Todos tinham um mínimo de fé, talvez ainda imperfeita e débil, mas aberta ao mistério da sua Pessoa. Jesus garantia-lhes frequentemente: «a tua fé te salvou» (Lc 18, 42).

Os habitantes de Nazaré, pelo contrário, escandalizaram-se. As suas más disposições tornaram impossível que aí pudesse realizar milagres (cf. Mc 6, 5). O Mestre, que fez vários milagres na vizinha Caná, em Naim, e noutras aldeias próximas, «apenas curou alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos» (Mc 6, 5). Ficaram em Nazaré muitas dores por aliviar e doentes por curar. «O meu povo não quis ouvir-me; Israel não quis obedecer. Por isso, entreguei-os à sua obstinação; deixei-os seguir os seus caprichos. Se o meu povo me tivesse escutado! Se Israel tivesse seguido os meus caminhos!» (Sl 81, 12-13). Uma petição brota do nosso coração ao meditar esta cena: “Senhor, arranca do meu coração a dureza que me fecha ao Teu amor”.

---

O EVANGELISTA comenta que Jesus se assombrou «pela sua incredulidade» (Mc 6, 6). À surpresa dos seus vizinhos, une-se o assombro do Senhor, que de algum modo se “escandalizou” também deles. «O fechamento do coração do seu povo permanece para Ele obscuro, impenetrável: como é possível que não reconheçam a luz da Verdade? Por que não se abrem à bondade de Deus, que quis partilhar a nossa humanidade?»<sup>[5]</sup>. O que podia ter sido um dia de festa e alegria terminou da pior maneira: os seus conterrâneos expulsaram-no violentamente (cf. Lc 4, 28-30). É uma manifestação de como a cegueira do coração, o fecho que resiste à graça, não alcança a salvação, porque esta é sempre um dom. Os homens e as mulheres de Nazaré exigiram prodígios porque procuravam uma segurança absoluta e queriam que Deus se lhes manifestasse com clareza. De certo modo, queriam «controlar» Deus, entendê-Lo completamente, pô-Lo ao seu serviço.

Queriam milagres sem cair na conta de que tinham diante dos olhos o «maior milagre do universo: todo o amor de Deus contido num coração humano, num rosto de homem»<sup>[6]</sup>. Quando vamos ter com Deus com esta atitude, formulando exigências, pensando que os nossos desejos e previsões são direitos, então não conseguimos nada, porque em Deus tudo é dom. «Tu, sozinho, sem contar com a graça, não poderás nada de proveito, porque cortaste o caminho das relações com Deus. Com a graça, pelo contrário, podes tudo»<sup>[7]</sup>. Precisamente onde melhor O conheciam foi o lugar da primeira rejeição, uma das mais dolorosas para o Senhor. Maria acreditou plenamente no mistério escondido no seu Filho. Não se

escandalizou, antes viveu perto d'Ele, plenamente feliz e maravilhada, ao vê-Lo tão humano e, ao mesmo tempo, ao descobrir a plenitude de Deus que habitava n'Ele. Pedimos-lhe que nos ensine a olhar para o Senhor com os seus olhos e a não fechar nunca o caminho à graça de Deus.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 148.

[2] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 548.

[3] *Ibid.*

[4] Orígenes, *Comentário ao Evangelho de Mateus*, 10, 19.

[5] Bento XVI, *Angelus*, 08/07/2012.

[6] *Ibid.*

[7] S. Josemaria, *Forja*, n. 321.

## Segunda-feira da IV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da IV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus encarnou para todos; Jesus liberta-nos do pecado; encontrar forças na confissão.*

### Sumário

- Deus encarnou para todos.
- Jesus liberta-nos do pecado.
- Encontrar forças na confissão.

---

PERANTE A DOR dos doentes ou a angústia dos endemoninhados, Jesus comove-se e acorre rapidamente a oferecer a sua misericórdia. No Evangelho de hoje, o Senhor cura um homem que sofria entre os sepulcros, possuído por uma multidão de demónios, na região de Gerasa. Era uma zona povoada por pagãos, de origem grega e síria. Por isso, não é de surpreender a presença de uma enorme vara de porcos, cuja criação e alimento eram proibidos aos judeus. Jesus expulsou os demónios que atormentavam este homem e permitiu-lhes ficar nos porcos, que eram cerca de dois mil; estes, então, lançaram-se «ao mar, do precipício abaixo, e os porcos afogaram-se» (Mc 5, 13).

Este episódio impressionante, além de mostrar o poder de Jesus, faz ver com clareza que a sua missão é universal e se estende a todos os povos. Para Deus, não há estrangeiros. No fim da cena, o homem tentou subir à barca para ficar definitivamente com Jesus, mas o Senhor disse-lhe: «Vai para casa, para junto dos teus, conta-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti» (Mc 5, 19). A sua missão será proclamar que a misericórdia de Deus também se derrama sobre os pagãos que ali habitavam. «Então ele foi-se embora e começou a apregoar na Decápole o que Jesus tinha feito por ele. E todos ficavam admirados» (Mc 5, 20).



Deus encarnou para todos os homens e mulheres. Movido por esta convicção, S. Josemaria indicava que «os que encontram Cristo não podem fechar-se no seu ambiente. Triste coisa seria essa redução! Têm de abrir-se em leque para chegar a todas as almas»<sup>[1]</sup>. Aquele homem do texto evangélico, curado por Jesus, foi motivo de admiração entre os que escutavam a sua mensagem de misericórdia: trata-se de um bom resumo da missão dos cristãos.

---

OS EVANGELISTAS sublinham o poder de Jesus sobre os demónios, que expulsa «pelo dedo de Deus» (Lc 11, 20). Nesta ocasião, descreve-se como o maligno tinha desfeito a vida deste homem. S. Marcos faz-nos compreender a sua situação com pormenores que tornam mais viva a sua desgraça: «Ninguém conseguia prendê-lo, nem sequer com correntes (...) Andava sempre, de dia e de noite, entre os túmulos e pelos montes, a gritar e a ferir-se com pedras» (Mc 5, 3-5). A sua desdita é uma representação gráfica e forte da perda de dignidade a que o pecado nos pode levar: solidão, escravidão, e até raiva para connosco mesmos.

Ao reconhecer Jesus de longe, o endemoninhado veio ao seu encontro, «correu a prostrar-se diante d'Ele» (Mc 5, 6). Assistimos a um colóquio insólito entre Jesus e o demónio, que acaba com estas palavras libertadoras: «Espírito impuro, sai desse homem!» (Mc 5, 8). O endemoninhado vivia amarrado ao seu próprio desespero e afastado da comunidade. As palavras do Senhor libertam-no do seu mal mais profundo, de tudo aquilo que o separa de Deus e impede a sua felicidade. «A libertação dos endemoninhados assume um significado mais amplo do que a simples cura física, uma vez que o mal físico é posto em relação com um mal interior. A doença da qual Jesus liberta é, antes de tudo, a do pecado»<sup>[2]</sup>.

Assim faz o Senhor com cada um de nós quando recorremos a Ele. «Senhor – repete-o de coração contrito –, que nunca mais Te ofenda! Mas não te assustes ao notar o lastro do teu pobre corpo e das paixões humanas: seria tolo e ingenuamente pueril que descobrisses agora que *isso* existe. A tua miséria não é obstáculo; é acicate para te unires mais a Deus, para O procurares com constância, porque Ele nos purifica»<sup>[3]</sup>.

---

OS MILAGRES suscitam habitualmente diversas reações: a par com pessoas que veem a sua fé fortalecida, encontramos também outras que resistem a crer. Alguns habitantes de Gerasa viram o endemoninhado «sentado e em perfeito juízo; e ficaram cheios de medo», por isso pediram a Jesus que «Se retirasse do seu território» (Mc 5, 15-17). Em vez de se compadecerem do homem dos sepulcros, os gerasenos calcularam as perdas económicas pelos porcos que se afogaram. Olharam exclusivamente para o seu próprio bem-estar. Jesus tinha-se tornado algo de incompreensível para eles e por daí pedirem-lhe que se fosse, afugentando a sua misericórdia.

Na essência do pecado está sempre uma certa rejeição de Deus, tanto no caso das ofensas grandes como no das pequenas. Ao rezarmos o Pai Nosso, seguindo o conselho de Jesus, pedimos a Deus que não nos deixe cair em tentação e que nos livre do mal, porque todos estamos expostos às insídias do maligno. Ninguém pode considerar-se à margem desta luta. E a primeira coisa, para não nos deixarmos arrastar pelo mal, é reconhecê-lo sem medo. Ao sentir essa fragilidade interior, pediremos a Deus com humildade a força de que necessitamos.

«Todos temos ao alcance da mão os meios idóneos para vencer o pecado e crescer em amor de Deus – pregava o beato Álvaro del Portillo –. Estes meios são os sacramentos». E, referindo-se ao sacramento da Penitência, questionava-se: «Reconheço os meus pecados, sem os esconder nem disfarçar, e confesso-os ao sacerdote, que me escuta em nome do Senhor? Estou disposto a lutar para que Deus Nosso Senhor reine na minha alma? Afasto de mim as ocasiões próximas de pecado?»<sup>[4]</sup>. Para não nos fecharmos à misericórdia de Deus, nem sequer em pequenos detalhes quotidianos, podemos recorrer ao refúgio de Maria Imaculada. Ao contemplá-la, aprendemos a alegria que brota do «sim» que pronunciou continuamente ante os projetos de Deus.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 193.

[2] S. João Paulo II, Audiência, 25/08/1999.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 134.

[4] Bto. Álvaro del Portillo, Homilia, 08/12/1979.

## Terça-feira da IV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da IV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a fé humilde da hemorroíssa; o pecado e a morte não têm a última palavra; sentir-se necessitados da cura de Cristo.*

### Sumário

- A fé humilde da hemorroíssa.
- O pecado e a morte não têm a última palavra.
- Sentir-se necessitados da cura de Cristo.

---

A CAMINHO DA casa de Jairo, Jesus parou e olhando à sua volta, perguntou: «Quem tocou nas minhas vestes?» (cf. Mc 5, 30). Uma multidão acompanhava o Senhor. Todos queriam estar próximos, escutá-l’O, pedir-Lhe algum favor... Uma mulher que padecia de frequentes hemorragias que a faziam sofrer muito e a impediam de ter uma vida normal, aproxima-se discretamente do grupo que rodeava Cristo. Depois de mil tentativas com todo o tipo de tratamentos, o evangelista diz-nos que «piorava cada vez mais» (cf. Mc 5, 26). A notícia da chegada de Jesus acende no seu coração uma chama de esperança. Ela não pretende exigir nada, não quer incomodar o Senhor, mas nasce no seu interior a fé no seu poder de cura.

«Se eu, ao menos, tocar nas suas vestes, ficarei curada» (cf. Mc 5, 28), pensa; tal era a sua vontade. Efetivamente, depois de o fazer, a hemorroíssa ficou curada. Quase poderíamos dizer que *roubou* um milagre ao Senhor. Jesus, ao sentir que «uma força» tinha saído dele, quis que se soubesse o que tinha acontecido e perguntou: «Quem tocou nas minhas vestes?» (cf. Mc 5, 30). Tudo convida a pensar que muitos estavam em contacto com ele, mas só esta boa mulher o “tocava” verdadeiramente. «Ela toca, a multidão aperta. Que significa “tocou” senão que acreditou?»<sup>[1]</sup>, comenta Sto. Agostinho. Tudo sucede rapidamente, quase de maneira instantânea. Ela aproximou-se, cheia de vergonha, mas «Nosso Senhor olhou em volta e

olha para ela. Já sabe aquilo que está a acontecer no interior daquele coração; percebeu a sua confiança: minha filha, a tua fé te salvou»<sup>[2]</sup>.

É invejável a fé operativa e humilde da hemorroíssa. «Também nós, se queremos salvar-nos, devemos tocar com fé o manto de Cristo – dizia S. Josemaria –. Estás bem persuadido de como há de ser a nossa fé? Humilde. Quem és tu, quem sou eu, para merecer este chamamento de Cristo? Quem somos nós para estar tão perto d’Ele? Tal como àquela pobre mulher no meio da multidão, ofereceu-nos uma oportunidade. E não só para tocar um pouco do seu traje, ou num breve momento a ponta do seu manto, a orla. Temo-lo a Ele próprio»<sup>[3]</sup>.

---

JAIRO, QUE ACOMPANHAVA Jesus, foi testemunha da cura da hemorroíssa. Talvez estivesse inquieto com a lentidão com a qual avançavam para sua casa. Chegaram então mensageiros que lhe disseram: «A tua filha morreu. Porque estás ainda a importunar o Mestre?». Interveio então Jesus, tranquilizando-o: «Não temas; basta que tenhas fé» (cf. Mc 5, 36). Uns momentos depois, ao aproximar-se de casa, encontrou um grande alvoroço. O Senhor mandou sair as pessoas, entrou no quarto e dirigindo-se à menina moribunda disse-lhe: «Menina, Eu te ordeno: levanta-te» (cf. Mc 5, 41). E imediatamente ela se ergueu, como se despertasse de um sono profundo.

No sacramento do perdão, Jesus diz-nos a cada um palavras semelhantes: levanta-te, eu perdoo-te, não desanimes porque a graça é muito mais forte que o pecado. Todos os que choravam na casa de Jairo pensavam que a menina tinha morrido. Mas perante Jesus, a morte nunca é definitiva. O pecado nunca tem a última palavra, porque a voz terna e forte do Pai volta a chamar-nos quando tivermos caído, dizendo-nos: «Eu te ordeno: levanta-te».

Para o olhar de Cristo, a morte não é mais que um sono. De um modo similar, se olharmos com os seus olhos para as pessoas que nos rodeiam, para as circunstâncias e as dificuldades existentes no caminho, não perderemos nunca a esperança; encontraremos motivos de otimismo também quando humanamente tudo pareça um beco sem saída. Se olharmos

com esses olhos de Cristo para nós mesmos e para os outros, descobriremos que é sempre tempo para voltar à vida. Podemos aprender de Jairo a «acreditar com fé firme naquele que nos salva (...); acreditar com tanta mais força quanto maior ou mais desesperada seja a doença que padeçamos»<sup>[4]</sup>.

---

OS RELATOS destes milagres, o da hemorroíssa e o da filha de Jairo, estão interligados. Em ambos os casos, a fé ocupa um lugar central juntamente com a vida nova que brota de Cristo. «De Cristo sai a vida a torrentes: uma virtude divina. Meu filho, – sugeria S. Josemaria – tu falas-Lhe, tocas-Lhe, alimentas-te d’Ele todos os dias: estás com Ele na Sagrada Eucaristia e na oração, no Pão e na Palavra»<sup>[5]</sup>.

A mulher venceu a sua timidez com audácia. Jairo superou também as dificuldades animado por Jesus. Ambos se sentiam muito necessitados e humilham-se prostrando-se aos seus pés. «Para ter acesso ao seu coração, ao coração de Jesus, só existe um requisito: sentir-se necessitado de cura e confiar-se a Ele. Eu pergunto-vos: cada um de vós sente-se necessitado de cura?»<sup>[6]</sup>. Esta combinação entre ter confiança em Jesus e, ao mesmo tempo, sentir-se muito necessitados d’Ele, é a chave para a salvação. Pelo contrário, a autossuficiência que descarta aquilo que não nasce de si próprio e a suspeita acerca do bem que Deus nos pode trazer, afasta-nos da cura.

Por ocasião da canonização do fundador da Obra, o Cardeal Ratzinger escreveu: «Um homem aberto à presença de Deus dá-se conta que Deus opera sempre e que também atua hoje; por isso devemos deixá-l’O entrar e facilitar-lhe que atue em nós. É assim que nascem as coisas que abrem o futuro e renovam a humanidade»<sup>[7]</sup>. Ninguém pode curar-se a si próprio. As nossas vidas encher-se-ão da misericórdia divina sempre que estivermos disponíveis para deixar que Deus atue. Assim sucedeu de uma forma sublime na vida de Maria. Desde o princípio ela disse «faça-se em mim» (cf. Lc 1, 38), porque estava convencida de que era Deus quem faria tudo.

---

## NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *Comentário ao Evangelho de S. João*, 26, 3.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 199.

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 193.

[5] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 61.

[6] Francisco, *Angelus*, 01/07/2018.

[7] Joseph Ratzinger, *Deixemos que Deus faça maravilhas*, Suplemento de L'Osservatore Romano, 06/10/2002.

## Quarta-feira da IV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da IV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a sabedoria de Jesus; fruto da intimidade com Deus; a verdadeira sabedoria.*

### Sumário

- A sabedoria de Jesus.
- Fruto da intimidade com Deus.
- A verdadeira sabedoria.

---

NUMA DAS PRIMEIRAS ocasiões em que Jesus, no início da Sua vida pública, visitou a sinagoga de Nazaré, os Seus vizinhos ficaram surpreendidos e comentaram entre si: «De onde Lhe vem tudo isto? Que sabedoria é esta que Lhe foi dada?» (Mc 6, 2). Podemos supor que o Senhor conhecia aqueles que estavam ali; talvez até tivesse trabalhado para alguns deles e tivesse ali muitos amigos. Por sua vez, os Seus concidadãos sabiam que Jesus era justo, mas nunca O tinham visto pregar ou fazer milagres. O que estava a acontecer naquele dia não era esperado. Por isso murmuravam: «Não é Ele o carpinteiro? (...) E não estão as Suas irmãs aqui entre nós?» (Mc 6, 3).

Em vários momentos, os evangelistas dizem-nos que Jesus Cristo estava cheio de sabedoria. S. Lucas mostra-o quando narra a conversa com os doutores do Templo: «Todos quantos O ouviam, estavam estupefactos com a Sua inteligência e as Suas respostas» (Lc 2, 47). Ao encerrar a história da vida oculta em Nazaré, acrescenta: «E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens (Lc 2, 52). Mais tarde, durante os anos de vida pública, a Sua pessoa e a Sua doutrina suscitaram admiração à Sua volta: «Nunca nenhum homem falou assim!» (Jo 7, 46). A sabedoria de Jesus levava-O a ensinar de um modo diferente ao dos escribas e fariseus: Ele mesmo Se situava acima da Lei que eles interpretavam e do Templo no qual eles adoravam.



Jesus veio porque quis transmitir-nos a sabedoria de Deus, que é mais profunda do que o rico conhecimento que podemos adquirir humanamente; uma sabedoria que está ao alcance de todo o coração bom. «Para ser verdadeiramente sábios – pregava certa vez S. Josemaria –, não é necessário ter uma cultura ampla», porque o Senhor distribui a Sua sabedoria «de mãos cheias entre aqueles que O procuram com coração reto»<sup>[1]</sup>. Podemos pedir ao Espírito Santo que nos conceda este dom, que nos leva a ver a realidade com um olhar divino. «Às vezes nós vemos a realidade segundo o nosso prazer, ou em conformidade com a situação do nosso coração, com amor ou com ódio, com inveja... Não, este não é o olhar de Deus. A sabedoria é aquilo que o Espírito Santo realiza em nós, a fim de vermos todas as realidades com os olhos de Deus»<sup>[2]</sup>.

---

ENCHER a nossa vida desta sabedoria divina não é uma questão de possuir grande conhecimento humano; não é algo que dependa diretamente das nossas qualidades ou do nosso empenho pessoal. É, antes de mais, um dom que o Senhor nos dá como fruto da intimidade com Ele. «Há um conhecimento que só se alcança com a santidade: e há almas obscuras, ignoradas, profundamente humildes, sacrificadas, santas, com um maravilhoso sentido sobrenatural», com um conhecimento surpreendente que sobretudo «está em conhecer a Deus e amá-l'O»<sup>[3]</sup>.

S. Paulo indica que a sabedoria autêntica permite conhecer a vontade de Deus e torna possível comportar-se «de modo digno do Senhor, para Seu total agrado; dando frutos em toda a espécie de boas obras e progredir no conhecimento de Deus» (Col 1, 10). O apóstolo do povo entende o Evangelho como uma sabedoria que não é «deste mundo, nem dos chefes deste mundo, votados à destruição. Ensinamos a sabedoria de Deus, mistério que permaneceu oculto e que Deus, antes dos séculos, destinou para nossa glória» (1Cor 2, 6-8).

Na sua vida com Cristo, os apóstolos adquiriram progressivamente esta sabedoria divina. A relação com Ele deixou gradualmente em cada um deles um traço de bom senso e prudência, delicadeza e magnanimidade, um profundo conhecimento da realidade, que se aperfeiçoaria com o envio do Espírito Santo. Também nós podemos receber este dom de muitas maneiras,

especialmente nos sacramentos. Quando recebemos o Senhor na Comunhão, ou ao fazer algum tempo de oração, entramos numa relação íntima com Ele que nos permite acolher a sabedoria divina e assim ser contemplativos no meio do mundo.

---

COM A SABEDORIA, sublinha a Escritura, vêm «todos os bens» (Sb 7, 11). Tão valioso é este dom que o rei Salomão o preferiu a qualquer outro: «Preferi-a aos cetros e aos tronos, e, em comparação com ela, vi que não eram nada as riquezas. Nem sequer a comparei às pedras preciosas, pois o ouro todo, diante dela, é um pouco de areia, e a prata, perante ela, será como lodo. Amei-a mais que a saúde e a beleza, e antes a quis ter a ela que a luz, pois a sua claridade jamais tem ocaso» (Sb 7, 7-10).

Guiados por ela, aprendemos a viver junto a Deus em todas as circunstâncias, entregando-nos aos nossos irmãos, porque «precisamente esta total gratuidade do amor é a verdadeira sabedoria»<sup>[4]</sup>. Cada dia apresenta-nos uma infinidade de momentos para viver segundo este dom de Deus. Quando dois esposos «brigam e depois não se olham no rosto, ou quando se olham fazem-no de cara torta: isto é sabedoria de Deus? Não! Ao contrário, quando dizem: «Bem, passou a tempestade, façamos as pazes», e retomam o caminho em frente, em paz: isto é sabedoria? Sim! (...) E isto não se aprende: trata-se de um dom do Espírito Santo»<sup>[5]</sup>.

Jesus não podia ficar muito tempo em Nazaré. A visita terminou abruptamente devido à hostilidade de alguns dos seus vizinhos. A Sua sabedoria não comoveu a todos, muito pelo contrário: foi a causa da sua rejeição. Mais tarde revelaria a Sua sabedoria justamente noutra escândalo: o da cruz. Aí «manifesta verdadeiramente quem é Deus, ou seja, poder de amor que chega até à Cruz para salvar o homem»<sup>[6]</sup>. É provável que a Mãe de Jesus estivesse a acompanhar o seu Filho em Nazaré naquele dia e tenha visto com dor a desconfiança nos olhos dos seus conterrâneos. Ela, que foi o trono que assentou nos seus joelhos a Sabedoria divina, pode ajudar-nos a acolher também esse dom na nossa vida.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, p. 354.

[2] Francisco, Audiência, 09/04/2014.

[3] S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, p. 354.

[4] Bento XVI, Audiência, 29/10/2008.

[5] Francisco, Audiência, 09/04/2014.

[6] Bento XVI, Audiência, 29/10/2008.

## Quinta-feira da IV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da IV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o apelo universal ao apostolado; estamos sempre acompanhados na missão; o estilo simples da evangelização.*

### Sumário

- O apelo universal ao apostolado.
- Estamos sempre acompanhados na missão.
- O estilo simples da evangelização.

---

JESUS QUIS que os doze apóstolos, após alguns meses de convivência com Ele, se lançassem a uma experiência da missão em primeira pessoa. «Começou a enviá-los dois a dois» (Mc 6, 7) para levarem a sua mensagem de salvação às aldeias vizinhas. O termo "apóstolos" significa, precisamente, "enviados". Durante aqueles dias, os doze foram protagonistas do poder de Deus, da eficácia que tinham as suas palavras e os seus atos. Eles próprios ficavam impressionados e surpreendidos com os milagres que realizavam em nome do Senhor.

A missão de toda a Igreja – portanto, de cada um de nós – está prefigurada neste primeiro envio. Para trazer o Reino de Deus, Jesus Cristo funda um novo povo universal, a Igreja. E para isso escolhe os doze apóstolos, que sucedem e substituem os patriarcas das doze tribos de Israel: eles são o germen da sua Igreja. Em nome de Jesus «expulsaram muitos demónios, ungiu com óleo muitos enfermos e curaram-nos» (Mc 6, 13). Esta missão levá-los-á a todos os cantos da terra: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15).

«Toda a Igreja é apostólica, na medida em que é *enviada* a todo o mundo. Todos os membros da Igreja, embora de modos diferentes, participam deste envio»<sup>[1]</sup>. Portanto, como sublinha o Concílio Vaticano II, «a vocação cristã, por sua própria natureza, é também vocação ao

apostolado»<sup>[2]</sup>. Também nós estávamos presentes naquele envio de Cristo, que é parte essencial da nossa chamada. Nós, cristãos, somos enviados, em primeira pessoa, como testemunhas duma mensagem recebida, dum encontro experimentado. Os discípulos, portanto, «devem falar em nome de Jesus e pregar o Reino de Deus, sem se preocuparem com o sucesso. O sucesso entregam-no a Deus»<sup>[3]</sup>.

---

OS DOZE partiram, conforme a indicação de Jesus, “dois a dois”. Esta indicação sugere que os apóstolos não vão sozinhos, mas que se ajudam e apoiam uns aos outros. A missão não é uma tarefa individual; pelo contrário, é levada a cabo na Igreja e faz parte da Igreja. Na missão apostólica, que diz respeito a todos, o cristão está consciente de que não está a fazer uma coisa *sua*. «Quando o cristão compreende e vive a catolicidade da Igreja, quando se apercebe da urgência de proclamar a notícia da salvação a todas as criaturas, sabe que deve fazer-se “tudo para todos, para os salvar a todos” (1Cor 9, 22)»<sup>[4]</sup>.

Por ocasião da canonização do fundador do Opus Dei, S. João Paulo II afirmou: «S. Josemaria estava profundamente convencido de que a vida cristã implica uma missão e um apostolado, de que estamos no mundo para o salvar com Cristo. Amava o mundo apaixonadamente, com *amor redentor* (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 604). Por isso, os seus ensinamentos têm ajudado tantos cristãos correntes a descobrir o poder redentor da fé, a sua capacidade de transformar a terra»<sup>[5]</sup>. E nessa missão, embora por vezes possamos encontrar-nos fisicamente sozinhos, na realidade acompanhamos todos os cristãos do céu e da terra, especialmente aqueles que partilham connosco uma vocação específica.

É importante notar que, na descrição da missão dos doze, Jesus está no centro de tudo: Ele chama, Ele envia, Ele confere o seu poder e concretiza o modo como os discípulos devem atuar. Mais ainda: Ele próprio é a mensagem, a sua própria pessoa. A Boa Nova não se resume numas regras morais ou num modo de vida, nem num conjunto de artigos sábios em que se deve acreditar. Cristão é aquele que segue Jesus, em Quem estamos todos reunidos desde antes da criação do mundo até ao fim dos tempos.

---

«JESUS CRISTO é o princípio e o fim, o alfa e o ómega, o rei do novo mundo (...). Ele é a luz, a verdade; mais ainda, o caminho, e a verdade, e a vida. Ele é o pão e a fonte de água viva, que satisfaz a nossa fome e a nossa sede. Ele é o nosso pastor, o nosso guia, o nosso exemplo, o nosso consolo, o nosso irmão (...). Jesus Cristo! Lembrai-vos: Ele é o objeto perene da nossa pregação»<sup>[6]</sup>.

Antes de partirem para a missão, Jesus dá aos discípulos algumas instruções muito concretas: «Que não levassem nada para o caminho, a não ser o bastão: nem pão, nem alforje, nem dinheiro; e que fossem calçados com sandálias, e não levassem duas túnicas» (Mc 6, 8-9). Não se trata de uma longa lista de critérios a ter em conta. Tudo se concentra num aspeto essencial: um estilo simples e pobre. Devem caminhar sem demasiados acessórios, com o indispensável, sem colocar a sua segurança em nada à margem do mandato de Cristo. Ao rejeitar o que é supérfluo, o que provavelmente é accidental, o discípulo caminha com mais facilidade ao ritmo estabelecido pelo Senhor. O pão que nos alimenta é a certeza de estarmos a cumprir uma missão divina. Tudo o que não esteja de algum modo ao serviço dessa missão passa para segundo plano.

Este modo de nos relacionarmos com as coisas materiais é parte essencial da mensagem cristã. «Assim, pois, o seguimento não é uma viagem cómoda por um caminho plano. Também podem surgir momentos de desalento (...). A cruz, sinal de amor e de entrega total, é o emblema do discípulo chamado a configurar-se com Cristo glorioso»<sup>[7]</sup>. Quando se levantar a nuvem de confusão, podemos imitar os primeiros discípulos que, depois do envio, «ainda têm dúvidas: não sabem o que fazer e reúnem-se com Maria, Rainha dos Apóstolos, para se tornarem zelosos arautos da Verdade que salvará o mundo...»<sup>[8]</sup>.

---

## NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 863.

[2] Concílio Vaticano II, *Apostolicam actuositatem*, n. 2.

- [3] Bento XVI, Homilia, 15/07/2012.
- [4] S. Josemaria, *Cartas* 4, n. 15.
- [5] S. João Paulo II, Audiência, 07/10/2002.
- [6] S. Paulo VI, Homilia, 29/11/1970.
- [7] S. João Paulo II, Catequese, 06/09/2000.
- [8] S. Josemaria, *Sulco*, n. 232.

## Sexta-feira da IV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da IV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: João Batista é um mártir da verdade; um coração limpo para amar a Deus; procurar a glória do Senhor e não a própria.*

### Sumário

- João Batista é um mártir da verdade.
- Um coração limpo para amar a Deus.
- Procurar a glória do Senhor e não a própria.

---

MAL TINHAM REGRESSADO os apóstolos da sua primeira experiência evangelizadora, o Novo Testamento fala-nos da morte de S. João Batista. Esta sucessão de acontecimentos parece sugerir que a missão apostólica exige a mesma vida, e que o martírio é a forma suprema de seguir Jesus Cristo, devido à semelhança entre ambos os destinos<sup>[1]</sup>. São-nos oferecidos alguns pormenores da morte de João, decapitado num dos palácios de Herodes durante a festa de aniversário do rei. Por causa da sua pregação corajosa e incómoda, e apesar da alta consideração que tinha por ele, Herodes mandou prendê-lo. «Não te é lícito ter a mulher do teu irmão» (Mc 6, 18), dissera o Batista. Foi Herodíade, a mulher com quem Herodes vivia e que odiava João, que motivou o seu martírio.

Certamente, o compromisso com a busca da verdade é exigente e afeta as profundezas do nosso ser. «A verdade tem a ver com a vida inteira. Na Bíblia, reúne os significados de apoio, solidez, confiança, como sugere a raiz *'aman* (daqui provém o próprio *Amen* litúrgico). A verdade é aquilo sobre o qual nos podemos apoiar para não cair. Neste sentido relacional, o único verdadeiramente fiável e digno de confiança sobre o qual se pode contar, ou seja, o único “verdadeiro” é o Deus vivo»<sup>[2]</sup>. A par de uma vida santa, cheia da misericórdia de Deus, a verdade cresce cada vez mais em nós.



Só atingimos a verdade plena em Jesus Cristo, que disse: «Eu sou a verdade» (Jo 14, 6); a verdade plena é esse encontro que sacia sem saciar. Ao ritmo de uma vida santa, repleta da misericórdia de Deus, a verdade crescerá cada vez mais em nós. Herodes, e o mesmo acontecerá com Pilatos durante a Paixão, sacrificou a verdade para evitar complicações. Embora apreciasse João e o escutasse com prazer, deixou-se levar pelas circunstâncias. É Herodes, mais do que João, quem estava realmente acorrentado: faltava-lhe o amor forte que move a liberdade para o bem e para a verdade.

---

O MARTÍRIO do Batista ocorreu num ambiente de frivolidade e vingança: um banquete e uma dança; um juramento imprudente, juntamente com o medo de parecer mal; o ódio e a raiva de Herodíade; a brutalidade de uma decapitação; etc. Perante a fidelidade de João, surge uma superficialidade oca, que termina com o assassinato de um homem inocente.

Herodes desperdiçou a oportunidade de ouvir as palavras e os conselhos de João. Dois anos depois, teve a sorte de encontrar Jesus Cristo na manhã da Sexta-feira Santa e novamente perdeu uma oportunidade de ouro. Nessa ocasião «Herodes, ao ver Jesus, alegrou-se muito, pois desde há muito tempo que o queria ver, por causa do que ouvia dizer acerca d'Ele» (Lc 23, 8); no entanto, não reconheceu o Salvador. Olhou-O com curiosidade, mas sem abertura de coração. Tendo-O à sua frente, só procurava mais espetáculo, um homem que pudesse diverti-lo com algum milagre. Jesus, que dialogava com toda a gente, no entanto «com Herodes, volúvel e impuro, nem uma palavra (...) nem chega a escutar a voz do Salvador»<sup>[3]</sup>.

A João, Herodes decapitou-o; a Jesus Cristo, «escarnecendo dele, revestiu-o com uma veste esplêndida e remeteu-o a Pilatos» (Lc 23, 11). A festa constante em que vivia esconde, por trás de uma máscara de risos, um profundo vazio de amor, falta de autocontrole e uma escassa sensibilidade para o sobrenatural. De modo oposto, queremos olhar para Jesus com os olhos limpos, com o coração delicado, aberto ao sobrenatural. Porque «este nosso coração nasceu para amar e, quando não se lhe dá um afeto puro, limpo e nobre, vinga-se e enche-se de miséria. O verdadeiro amor de Deus,

que pode traduzir-se por viver uma vida bem limpa, está tão longe da sensualidade como da insensibilidade e tão longe de qualquer sentimentalismo como da ausência de coração ou da sua dureza»<sup>[4]</sup>.

---

«É NECESSÁRIO que Ele cresça e eu diminua» (Jo 3, 29-30), disse João aos seus discípulos quando lhe chegaram notícias da pregação de Jesus. A sua missão estava cumprida, tinha visto e assinalado o Cordeiro de Deus. Já podia abrir caminho para o Messias, afastando-se para que Cristo crescesse, fosse ouvido e seguido. Com esta disposição de espírito, realista e humilde, enfrentou o seu martírio. «Visto que derramou o seu sangue pela verdade, certamente o derramou por Cristo»<sup>[5]</sup>, escreve São Beda. E com o seu testemunho precedeu a morte do Senhor.

O Batista, «com a liberdade dos profetas, repreendeu Herodes. Preso por esta audácia, não se preocupou com a morte, nem com um julgamento cujo fim era incerto, mas, no meio das suas cadeias, o seu pensamento dirigiu-se a Cristo que anunciara»<sup>[6]</sup>. A S. Josemaria, a fidelidade de João Batista fazia-lhe desejar como meta para a sua vida: «ocultar-se e desaparecer, que só Jesus brilhe»<sup>[7]</sup>. A descrição de S. João, que procura sinceramente a glória de Jesus e não a sua, são os traços que lhe permitiram dar o testemunho supremo do martírio.

«A vida cristã exige, por assim dizer, o “martírio” da fidelidade quotidiana ao Evangelho, ou seja, a coragem de deixar que Cristo cresça em nós e que seja Cristo quem orienta o nosso pensamento e as nossas ações»<sup>[8]</sup>. Maria, Rainha dos Mártires, apresentará ao Pai o nosso desejo de procurar a verdade e de partilhar esse encontro com valentia.

---

## NOTAS

[1] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2473: «O martírio é o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé; designa um testemunho que vai até à morte».

[2] Francisco, Mensagem para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 13/05/2018.

[3] S. Josemaria, *Via Sacra*, primeira estação, 3.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 183.

[5] S. Beda, *Homilia 23*, livro 2.

[6] Orígenes, *Homilia 27*, sobre S. Lucas 2-4.

[7] S. Josemaria, *Carta*, 28/01/1975.

[8] Bento XVI, Audiência, 29/08/2012.

## Sábado da IV semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da IV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o descanso era importante para Jesus; descansar com o Senhor na oração; todos somos ovelha e pastor.*

### Sumário

- O descanso era importante para Jesus.
- Descansar com o Senhor na oração.
- Todos somos ovelha e pastor.

---

AS MULTIDÕES seguiram o Senhor de um lado para o outro, sem se cansarem, atentas às suas palavras. A pregação do Reino de Deus e o apelo à conversão ocuparam todo o tempo e energia do Senhor. «Havia sempre tanta gente a chegar e a partir que eles nem tinham tempo de comer» (Mc 6, 31). A intensidade da missão foi tal que não houve um momento de paz. Os apóstolos partilharam esta dedicação de Cristo aos outros. Quando regressaram do seu primeiro envio, contaram a Jesus «tudo o que tinham feito e ensinado» (Mc 6, 30). Após estes dias intensos de missão apostólica, entusiasta, mas também esgotante, eles precisavam de descanso. Jesus, cheio de compreensão, estava preocupado em dar-lhes algum alívio. Então Ele diz-lhes: «Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco» (Mc 6, 31). Jesus compreende o cansaço dos seus apóstolos porque Ele próprio também estava «fatigado do caminho e do trabalho apostólico, tal como algumas vezes deve ter sucedido convosco, que vos sentis arrasados por já não poderdes mais. É comovedor observar o Mestre esgotado»<sup>[1]</sup>.

Trabalho intenso, preocupação com a família, serviço às pessoas à nossa volta, pressa e dificuldades... tudo isto requer esforço. Como é normal, aparecem «a fadiga, o cansaço, as manifestações de dor e de luta que fazem parte da nossa existência humana»<sup>[2]</sup>. Portanto, o descanso não é um capricho egoísta ou uma perda de tempo; pelo contrário, é muito necessário para o corpo e para o espírito. «Descanso significa represar: acumular

forças, ideias, planos... Em poucas palavras: mudar de ocupação, para voltar depois – com novos bríos – à atividade habitual»<sup>[3]</sup>. Se não descansarmos, provavelmente não seremos capazes de aproveitar ao máximo os talentos que Deus nos deu; mas, acima de tudo, como somos corpo e alma, se não descansarmos, provavelmente teremos dificuldades na nossa vida espiritual. Jesus, verdadeiro homem, sabia disso, pelo que preocupava com o descanso dos seus.

---

OS APÓSTOLOS partiram com Cristo «de barco para um lugar isolado, sem mais ninguém» (Mc 6, 32). O objetivo era passar algumas horas juntos e descansar da azáfama, para voltar depois a falar ao povo com ânimo acrescido. Tal como os apóstolos, também nós precisamos descansar com Cristo, de ir ao tabernáculo onde Ele nos espera e de lhe contar as nossas inquietações, preocupações e tarefas que temos levado a cabo ou que temos em mãos. Pois «a oração é indubitavelmente – em palavras de S. Josemaria – “tira mágoas” dos que amam Jesus»<sup>[4]</sup>.

No nosso diálogo com Deus, podemos saborear regularmente a maravilhosa realidade da filiação divina. Sentir que somos crianças amadas dá-nos «descanso em tempos de cansaço, paz em tempos de guerra, serenidade em tempos de conflito»<sup>[5]</sup>. Compreendemos, então, que o seu jugo não é tão pesado como nos pode parecer, porque Ele o transporta connosco. Trabalhamos nas coisas do nosso Pai e, desta forma, a fadiga converte-se oração. «Sempre que nos cansemos – no trabalho, no estudo, na tarefa apostólica – sempre que no horizonte haja trevas, então é preciso olhar Cristo: Jesus bom, Jesus cansado, Jesus faminto e sedento»<sup>[6]</sup>.

«Se aprendermos a descansar verdadeiramente, seremos capazes de autêntica compaixão; se cultivarmos um olhar contemplativo, levaremos a cabo as nossas atividades sem a atitude voraz de quem quer possuir e consumir tudo; se permanecermos em contacto com o Senhor e não anestesiarmos a parte mais profunda de nós mesmos, as coisas a fazer não terão o poder de nos tirar o fôlego nem de nos devorar»<sup>[7]</sup>.

---

«AO DESEMBARCAR, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas» (Mc 6, 34). Estas palavras dão um vislumbre da profundidade dos sentimentos do coração de Jesus, que se comove porque está "entristecido" por aquelas pessoas que não têm ninguém que as possa verdadeiramente guiar.

Três verbos se destacam no relato de Marcos. Primeiro, Jesus “viu-os”. O olhar do Senhor não é neutro, nem frio ou indiferente. Jesus não conta de dez em dez; na realidade, Deus só sabe contar até um. Ele vê uma multidão e com os seus olhos toca cada coração, a história escondida em cada um deles. Depois, acrescenta o evangelista, Ele “teve compaixão” deles. Completamente esquecido de si mesmo, a ternura invade todo o seu ser, pensa apenas na multidão que espera na praia, caminhando sem rumo, sem palavras de conforto, sem verdadeiros pastores. Finalmente, Ele “ensinou-os”. Certamente haveria muitas pessoas doentes a precisar de um milagre, mas o primeiro pão com que Ele as alimenta é a sua palavra, Ele dá-se como alimento a esta multidão faminta.

S. Josemaria repetia que cada um de nós, «para além de ser ovelha (...), é também, de alguma forma, Bom Pastor»<sup>[8]</sup>. Todos somos chamados a olhar para as pessoas como Jesus, a compadecer-nos como Jesus e a ensinar como Jesus. Podemos pedir a Maria que nos dê a fortaleza necessária para não desviarmos os ombros da nossa missão. Ela é uma Mãe que se compadece, que compartilha com Jesus o sofrimento e o amor. Ela está também perto de nós e «compreende tudo»<sup>[9]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 176.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 47.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 514.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 756.

[5] Javier Echevarría, *Memórias do Beato Josemaria Escrivá*.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 201.

[7] Francisco, Angelus, 18/07/2021.

[8] S. Josemaria, *Cartas 25*, n. 30.

[9] Bento XVI, Homilia 08/12/2005.

## V domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no V domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: a oração de protesto de Job; para Deus, qualquer pessoa é importante; um dia normal na vida de Jesus.*

### Sumário

- A oração de protesto de Job.
- Para Deus, qualquer pessoa é importante.
- Um dia normal na vida de Jesus.

---

«SE ME DEITO, digo: quando chegará o dia? Se me levanto: ‘Quando virá a tarde?’. E encho-me de angústia até chegar a noite» (Job 7, 4). Sobre Job caíram várias desgraças: perdeu os seus filhos e a sua riqueza; além disso, está doente com lepra, com dores e sintomas desagradáveis. Job lamenta-se diante de Deus e diante dos seus amigos. Sente-se sem esperança. A vida parece-lhe um esforço inútil, inconsistente e sem valor: o único aspeto positivo que nela vê é a sua fugacidade.

Job encontra-se em crise emocional e espiritual profunda. Ao ver o que lhe aconteceu, compreendemos muito bem o seu estado de espírito. De facto, talvez até já nos tenhamos sentido como ele. Possivelmente, também já encontramos pessoas assim, sobre as quais «recaem provações demasiado pesadas, provações desproporcionadas em relação à pequenez e à fragilidade humanas»<sup>[1]</sup>. Não sabemos muito bem o que lhes dizer, dói-nos o coração em sintonia com as suas mágoas e gostaríamos, do fundo do coração, de ter umas palavras de consolo para aliviar o seu peso. Não queremos ser como os amigos de Job, que tinham a intenção de o ajudar, mas que, mais que confortar, feriam.

É o próprio Senhor, que, no final do livro, consolará Job com ternura. Louvará a sua fé e a sua perseverança na oração, mesmo quando, no meio da dor, *protestou* filialmente com um diálogo sincero e confiante, cheio de



autenticidade. «O protesto é um modo de oração, quando se faz assim. Quando as crianças, os jovens protestam contra os pais, é uma forma para chamar a atenção e pedir que se ocupem deles. Se tens alguma chaga no coração, alguma dor, e te vem vontade de protestar, protesta também contra Deus, Deus ouve-te, Deus é Pai, Deus não se assusta com a nossa oração de protesto, não! Deus compreende. Mas sê livre, sê livre na tua prece, não aprisiones a tua oração nos esquemas preconcebidos! A Oração deve ser assim, espontânea, como aquela de um filho com o pai, que lhe diz tudo o que lhe vem à mente porque sabe que o pai o entende»<sup>[2]</sup>. Podemos aprender com Job, e com tantas pessoas que também hoje se parecem com ele, com a firmeza da sua fé e com a sua sinceridade para com Deus, que lhes permitiu experimentar a força da misericórdia divina em situações especialmente difíceis das suas vidas.

---

O SALMO convida a louvar o Senhor, porque Ele ajuda o Seu povo «conforta os corações despedaçados e enfaixa as suas feridas» (Sl 146, 3). Deus ama-nos com esse amor tão pessoal: interessa-Lhe o mais íntimo de nós mesmos, o nosso coração. Sabemos que não é alguém distante e que não governa o universo apenas em linhas gerais, nem o começa para logo de seguida o ignorar, mas «conta o número das estrelas, chama-as a todas pelos seus nomes» (Sl 147, 4). E muito melhor que aos astros, conhece-nos pelo nome e conhece as ações de cada um de nós. «Não ficas contente com essa certeza, segura, de que Deus se interessa até pelas mais pequenas coisas das suas criaturas?»<sup>[3]</sup>.

«Grande é o Senhor, e de grande poder; o seu entendimento é infinito. O Senhor eleva os humildes e abate os ímpios até à terra» (Sl 147, 5-6). Podemos encher-nos de gratidão ao considerar que Deus põe a Sua onnipotência ao serviço dos pequenos, dos humildes, dos que passam pela história despercebidos, aparentemente irrelevantes. Este é o cartão de visita do Senhor, que nos oferece uma chave para interpretar de uma maneira nova a realidade em que nos encontramos: Deus preocupa-se com cada um de nós, com predileção pelos mais pequenos e pelos mais humildes.

S. Paulo, na segunda leitura, não faz senão recordar-nos que, se queremos ser de Cristo, se pretendemos viver como autênticos filhos de

Deus, somos chamados a imitar a misericórdia que o Senhor nos oferece continuamente a cada um de nós, colocando-Se ao nosso serviço: «De facto, embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número. Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo» (1Cor 9, 19.22). Podemos renovar o desejo para que a nossa vida seja assim: uma dádiva, um serviço continuado a cada pessoa que consista em compreendê-la a fundo, em fomentar aquilo que une, em oferecer uma amizade sincera que, unida à caridade, seja realmente «luz divina que dá calor»<sup>[4]</sup>.

---

NO EVANGELHO deste domingo, encontramos Jesus de novo em Cafarnaum. Essa localidade, nas margens do Mar de Genesaré, foi relevante na vida do Mestre, que a elegeu para aí residir durante longas temporadas: com exceção de Jerusalém, nenhuma outra cidade reúne tantas recordações da passagem do Senhor pela terra. Por isso, é muito provável que a cena que nos descreve S. Marcos corresponda a um dia normal na vida de Cristo, em que o ordinário e o extraordinário se apresentam num contexto de vida quotidiana, a fim de nos mostrar em que consistia o trabalho diário do Senhor.

Jesus sai da sinagoga, vai a casa de Pedro e ali se encontra com a sogra dele que padece de febre. O Senhor estende-Lhe a mão e cura-a. Ao anoitecer, vem o momento das multidões: levam-Lhe todos os enfermos e endemoninhados, toda a população se junta à porta, e Jesus realiza um grande número de curas e expulsa muitos demónios. Vemos o Senhor próximo e disponível para acolher toda a dor física e moral que Lhe apresentam, para servir os doentes e aqueles que vivem em poder do demónio. Sem reservas, faz-Se acessível a todos e a todos dispensa o Seu amor. No dia seguinte, de manhã cedo, Jesus vai a um lugar solitário e aí passa muito tempo em oração, até que os discípulos O encontram e Lhe falam das multidões que andam à Sua procura. São horas de regressar ao trabalho. O Senhor, não só o aceita, como ainda o quer aumentar, como se o tempo passado em diálogo com o Pai tivesse dilatado o Seu coração ainda mais: propõe ir, não só a Cafarnaum, mas também às aldeias vizinhas, e «assim percorreu toda a Galileia» (Mc 1, 39), conclui o Evangelho.

«Misturai-vos com frequência entre os personagens do Novo Testamento – sugeria o fundador do Opus Dei –. Saboreai aquelas cenas comovedoras em que o Mestre atua com gestos divinos e humanos, ou relata, com frases humanas e divinas, a história sublime do perdão e do seu contínuo Amor pelos seus filhos»<sup>[5]</sup>. Ao contemplar estas cenas da vida de Cristo, podemos aprender a ser sensíveis como Ele às pequenas e grandes dores dos outros; e também às das pessoas que não conhecemos tão bem; a servir todos com generosidade, superando o comodismo; a fundamentar todo o nosso dia de trabalho e dedicação às pessoas na oração; a não pôr limites ao amor que o Senhor derramou nos nossos corações. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a converter esses ensinamentos em parte da nossa vida quotidiana.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 18/05/2022.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 619.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 565.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 216.

## V domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no V domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: cuidar dos mais necessitados; Deus ilumina a nossa vida para entregá-la; sair ao encontro do mundo.*

### Sumário

- Cuidar dos mais necessitados.
- Deus ilumina a nossa vida para entregá-la.
- Sair ao encontro do mundo.

---

EXISTEM MUITAS personagens nas Escrituras que exortam as pessoas a cuidar dos mais fracos. «Reparte o teu pão com o faminto, dá pousada aos pobres sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir» (Is 58, 7); compartilhar comida, dar uma casa, fornecer roupas. Deus, através do profeta, propõe estes três gestos que levam a cobrir as necessidades mais básicas do homem: recuperar as forças com o alimento, sentir-se amado num lugar e viver com a dignidade dos filhos.

As Escrituras dizem-nos repetidas vezes que Deus conta com a nossa criatividade para ajudar as pessoas que têm alguma dificuldade para satisfazer por si só essas necessidades. De facto, quando Jesus viu uma multidão faminta, não deu aos Seus discípulos um plano detalhado para resolver o problema, mas disse: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Lc 9, 13). Estas foram as Suas únicas instruções. Queria que os apóstolos pensassem como fazê-lo, que pusessem em jogo os seus próprios talentos e se esforçassem para encontrar recursos naquela situação. E embora o fruto do trabalho fosse insuficiente – «Só temos cinco pães e dois peixes» (Lc 9, 13) –, no final, todos ficaram saciados.

Jesus continua a realizar milagres semelhantes quando oferecemos a nossa ajuda a alguém necessitado. Provavelmente nem sempre multiplicará o número de pães, mas fará um prodígio maior: iluminará a vida daquela

pessoa. Quer dizer, não só saciará a fome material, mas também a fome espiritual, as necessidades mais profundas: sentir-se amado, acompanhado, ouvido. «Se deres do teu pão ao faminto e matares a fome ao indigente, a tua luz brilhará na escuridão e a tua noite será como o meio-dia» (Is 58, 10). Com os recursos materiais que pudermos prover, refletiremos a luz de Deus. Através do pão e da roupa, a outra pessoa perceberá que existe alguém para quem é importante e que escuta a sua súplica: «Então, se chamares, o Senhor responderá, se O invocares, dir-te-á: ‘Aqui estou’» (Is 58, 9).

---

O SALMISTA define assim a pessoa que vive atenta às necessidades dos que o rodeiam: «O seu coração é inabalável, nada teme; reparte com largueza pelos pobres, a sua generosidade permanece para sempre e pode levantar a cabeça com altivez» (Sl 111, 8-10). E acrescenta que não terá nada que o possa assustar, porque «está firme, confiado no Senhor». Este estilo de vida alimenta-se da convicção de que Deus é aquele que age, que inflama a própria vida para doá-la aos outros.

E esta atitude é compatível com a experiência da própria fraqueza. Com efeito, S. Paulo, que trabalhou incansavelmente pelos cristãos do seu tempo, conta que, ao chegar a Corinto, se apresentou «cheio de fraqueza e de temor» E esclarece que a sua pregação não se baseava nas suas próprias qualidades persuasivas, «mas na poderosa manifestação do Espírito Santo, para que a vossa fé não se fundasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus» (1Cor 2, 1-4). O próprio estado físico e mental de S. Paulo deve ter ajudado os coríntios a entender que o que estavam a ouvir vinha de Deus.

«Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte – diz Jesus no sermão da montanha –; nem se acende uma lâmpada para a colocar debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro, onde brilha para todos os que estão em casa» (Mt 5, 14-15). Deus ilumina a nossa vida –também as nossas sombras– precisamente para fazer chegar a todos a Sua luz. Quando, como S. Paulo, experimentamos as dificuldades desta tarefa, consolar-nos-á saber que «Uma centelha de luz, um pequeno ponto de luz, basta para iluminar uma multidão»<sup>[1]</sup>.

---

S. JOSEMARIA recordava, repetidas vezes, que «A nossa condição de filhos de Deus levar-nos-á – insisto – a ter espírito contemplativo no meio de todas as atividades humanas – luz, sal e levedura, pela oração, pela mortificação, pela cultura religiosa e profissional –, fazendo realidade este programa: quanto mais dentro do mundo estivermos, tanto mais temos de ser de Deus»<sup>[2]</sup>. O mundo não é obstáculo para encontrar o Senhor, muito pelo contrário. É o lugar onde os cristãos, unidos a Deus com a sua presença e as suas obras, contribuem para O tornar conhecido de todos os homens. Como o sal, dão um novo sabor às realidades terrenas. Como a luz, eles espalham no meio da escuridão «o amor de Deus, autêntica sabedoria que confere significado à existência e ao agir dos homens»<sup>[3]</sup>.

«Vós sois o sal da terra. Mas se ele perder a força, com que há de salgar-se? (...) Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte» (Mt 5, 13-14). Estas palavras mostram que os discípulos não podem ficar de braços cruzados, não podem ser sal ou luz sem estar em contacto com o mundo. «Por conseguinte, temos uma tarefa e uma responsabilidade pelo dom recebido: a luz da fé, que está em nós por meio de Cristo e da ação do Espírito Santo, não a devemos reter como se fosse nossa propriedade»<sup>[4]</sup>. Deus bate delicadamente, sem cessar, às portas do nosso coração, para enchê-lo com a Sua luz e a Sua força, e para expandir essa caridade nos que nos rodeiam, da forma como cada pessoa a necessita.

Quando Jesus inicia a Sua vida pública, Maria parece ocupar um plano discreto. Isso, no entanto, não significa que estivesse ausente. Não fazia grandes discursos nem intervenções excepcionais, mas o seu coração materno estava atento ao Filho e aos apóstolos. E quando chegou a hora da Paixão, a sua presença ao pé da cruz foi uma das maiores consolações que Jesus recebeu. Podemos pedir a Deus que, como a nossa Mãe, saibamos também dar conforto – sabor e luz – à vida dos que nos são próximos.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Crescer para dentro*, n. 261.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 740.

[3] Bento XVI, *Angelus*, 06/02/2011.

[4] Francisco, *Angelus*, 05/02/2017.

## V domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no V domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: Cristo pode mudar a nossa vida; muitos, como os apóstolos, deixaram a sua barca a Jesus; amar a Deus como Ele quer ser amado.*

### Sumário

- Cristo pode mudar a nossa vida.
- Muitos, como os apóstolos, deixaram a sua barca a Jesus.
- Amar a Deus como Ele quer ser amado.

---

FORAM MUITAS as pessoas que tiveram a oportunidade de ver o Senhor, de O escutar, de se alimentarem da sua presença. «O povo aglomerava-se à volta de Jesus para ouvir a palavra de Deus» (Lc 5, 1), diz-nos o Evangelho. O verbo que ele emprega – "aglomerar-se" – permite-nos intuir a quantidade de pessoas que se reuniam no lago de Genesaré. Tinham de se aglomerar para poderem aproximar-se de Jesus. Contudo, olhando em perspetiva todo o tempo da passagem do Senhor pela Terra, poderíamos perguntar: quantas destas pessoas deixaram que a mensagem de Cristo transformasse verdadeiramente as suas vidas? Talvez em muitos casos tenha acontecido o que muito tempo depois S. Josemaria viria a descrever: que a mensagem de Jesus pode passar «como passa a água sobre as pedras, sem deixar rasto»<sup>[1]</sup>.

Hoje em dia também podemos contemplar cenas semelhantes: há muitas pessoas, mesmo não-cristãs, que se sentem atraídas pela mensagem de Jesus; há inúmeros recursos que nos falam da sua pessoa, da sua figura, da sua mensagem... e captam sempre o nosso interesse. No entanto, quantos de nós convertemos diariamente a nossa vida a partir desse contacto com Jesus? Quantos de nós nos abrimos ao dom da piedade que transforma a nossa relação com Deus? O Senhor oferece-nos «uma amizade que muda a nossa vida e nos enche de entusiasmo, de alegria. Por isso, acima de tudo, o



dom da piedade suscita em nós a gratidão e o louvor. Este é, de facto, o mais genuíno motivo e o sentido mais autêntico do nosso culto e da nossa adoração. Quando o Espírito Santo nos faz perceber a presença do Senhor e todo o seu amor por nós, aquece o nosso coração e move-nos quase naturalmente à oração e à celebração»<sup>[2]</sup>.

---

NESSE MESMO LUGAR, esse mesmo dia, ocorreu também o fenómeno oposto. Tudo começou com uma iniciativa de Jesus: «subiu para um barco, que era de Simão, e pediu-lhe que a afastasse um pouco da terra» (Lc 5, 3), dado que assim seria mais fácil que a multidão pudesse vê-l'O e ouvi-l'O. Esse simples gesto foi o início de uma história de amor. Ao princípio, os pescadores pensaram que estavam a fazer um favor a Jesus. Mas, pouco a pouco, foram percebendo que era Ele que ia tomando o controlo da barca. Poucos minutos depois aperceberam-se de que tinham testemunhado algo extraordinário: uma pesca milagrosa. E no final, quando regressaram à costa, compreenderam que, no futuro, nada voltaria a ser igual. Foi como se tivessem aberto os olhos pela primeira vez.

O que aconteceu naquele dia em Genesaré, ao anoitecer, repetiu-se inúmeras vezes, tantas vezes quantas as pessoas que povoaram a terra. Muitos, infelizmente, não se aperceberam de que era Jesus quem lhes pedia a barca, e assim as suas vidas talvez se tenham desenrolado sempre numa só dimensão. Mas, felizmente, muitos outros deram-se conta. Antes de Genesaré, Deus tinha ido a Nazaré contar a Maria a aventura que tinha reservado para ela. E séculos depois, iria a Milão para converter Agostinho, a Sena para avisar Catarina, a Pamplona para sacudir Inácio; ao Uganda para chamar Carlos, ou a Logronho para despertar Josemaria. Todos eles disseram que sim e, como aqueles primeiros pescadores, para além de descobrirem todas as dimensões das suas vidas, mudaram também o curso da História.

---

UMAS PALAVRAS de S. Josemaria dão-nos a chave para entendermos por que razão os dois caminhos possíveis descritos no Evangelho de hoje são tão diferentes: «Deixar-me-ei empapar, transformar; converter-me-ei, dirigir-me-ei de novo ao Senhor, querendo-Lhe como Ele deseja ser

querido»<sup>[3]</sup>. Talvez a diferença entre as pessoas que naquele dia simplesmente ouviram o Senhor e os apóstolos que viram a sua vida transformada para sempre se encontre nessa intuição: querer a Deus «como Ele deseja ser querido». Enquanto um grupo se limitou a ouvir um conteúdo doutrinal, os outros compreenderam que, por detrás das ações de Jesus, havia amor. E, perante o amor, somos livres de passar ao largo, mas também somos livres de pôr em jogo a nossa vida e de nos lançarmos a uma aventura que promete a maior felicidade.

Por isso, contemplar esta cena pode ajudar-nos, entre outras coisas, a recordar esse convite a ser, em palavras de S. Josemaria, «enamorados de Deus»<sup>[4]</sup>. No entanto, abraçar esse convite pode exigir uma pergunta prévia: Como deseja o Senhor ser amado? Como deseja que eu O ame? A Sagrada Escritura oferece-nos múltiplas referências para encontrarmos a resposta: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua mente» (Dt 6, 5), diz o Deuteronomio; «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 13, 34), diz-nos o próprio Cristo. Em suma, «a mensagem cristã não é somente "informativa", mas "performativa". Isso significa que o Evangelho não é somente uma comunicação de coisas que se podem saber, mas uma comunicação que inclui factos e muda a vida»<sup>[5]</sup>.

Maria Santíssima é o melhor exemplo dessa dimensão transformadora que tem a presença de Cristo: ela disse «faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Essas palavras que repetimos no *Angelus* são a melhor expressão de docilidade à aventura de Deus. Trata-se de reconhecer que em cada dia «Jesus passa ao nosso lado e espera de nós – hoje, agora – uma grande mudança»<sup>[6]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 59.

[2] Francisco, Audiência, 04/06/2014.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 59.

[4] *Ibid.*, n. 60.

[5] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 2.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 59.

## Segunda-feira da V semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da V semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus revoluciona os lugares por onde passa; descobrir a alegria mais profunda; uma fé fundamentada no amor de Deus.*

### Sumário

- Jesus revoluciona os lugares por onde passa.
- Descobrir a alegria mais profunda.
- Uma fé fundamentada no amor de Deus.

---

A CHEGADA DE uma personalidade importante costuma produzir uma pequena revolução nos lugares que visita, principalmente se forem lugares que não estão acostumados a vivenciar grandes eventos. O que geralmente impera nas pequenas cidades é a normalidade da rotina, a cadência repetitiva de uma vida marcada pelo quotidiano de fazer sempre a mesma coisa, ver continuamente as mesmas pessoas. Portanto, a chegada de Jesus a Genesaré foi precisamente isso: uma revolução. Desde que O reconheceram, a notícia espalhou-se de boca em boca com a velocidade de quem não quer perder a oportunidade da sua vida. As praças daquelas terras ficaram cheias de doentes. Assim, o ruído das macas a tocar no chão tornou-se o som por excelência naquela área da Galileia.

«O Filho de Deus, na Sua encarnação, convidou-nos à revolução da ternura»<sup>[1]</sup>. É fácil imaginar que seria precisamente isso, ternura, que o olhar de Jesus emanaria ao curar cada doente, enquanto, como fez noutras circunstâncias semelhantes, produzia neles a verdadeira revolução: a de perdoar os seus pecados. Mas essa revolução exige um passo prévio: ao descer do barco, «imediatamente O reconheceram», diz-nos o Evangelho. Só pode ser curado por Cristo quem é capaz de reconhecê-l'O. Talvez, como os santos sabiam fazer, possamos começar por reconhecer Jesus na carne dos nossos irmãos doentes, sabendo olhar com ternura todas as feridas da

sua alma e do seu corpo. Sabemos que todos os detalhes do serviço que prestamos aos nossos amigos ou parentes, estamos realmente a fazê-los a Jesus Cristo (cf. Mt 25, 40). S. Josemaria afirmava que «Se nós, os cristãos, vivêssemos realmente de acordo com a nossa fé, far-se-ia a maior revolução de todos os tempos!»<sup>[2]</sup>.

---

SE OLHARMOS OS ACONTECIMENTOS de longe, vemos o Senhor cercado de agitação, barulho, gritos; um grande número de pessoas empurram-se tentando alcançá-l'O. No entanto, queremos descobrir o que acontece mais perto, no coração de Jesus. Além da ternura no Seu olhar, não há dúvida de que a alegria experimentada pelas pessoas curadas também encheria o Senhor, que soube alegrar-Se com o que era causa de felicidade para os outros. S. Paulo convida os romanos a alegrar-se com os que se alegram (cf. Rm 12, 15) porque sabe que esta é a atitude própria de quem tem os sentimentos de Cristo (cf. Fl 2, 5).

No entanto, sabemos que Jesus não veio para trazer a alegria temporária de uma cura física. Algum tempo depois, a caminho do Calvário, «à direita e à esquerda, o Senhor vê essa multidão que anda como ovelhas sem pastor. Poderia chamá-los um a um, pelos seus nomes, pelos nossos nomes. Aí estão os que (...) foram curados das suas doenças»<sup>[3]</sup>. De facto, Jesus sabia que, pouco tempo depois, alguns teriam apagado aquele dia da sua memória, deixando no esquecimento as maravilhas que o Messias operara nas suas vidas.

As pessoas de Genesaré que recuperaram a saúde certamente o fizeram porque acreditavam que Jesus podia fazer o milagre, acreditavam na Sua capacidade de vencer a doença. No entanto, talvez o seu coração ficasse a meio do caminho; só buscavam o Senhor na medida em que tinha algo imediato para lhes oferecer, não descobriram a profunda alegria de viver com Jesus. Pelo contrário, «a alegria cristã brota desta certeza: Deus está próximo, está comigo, está connosco, na alegria e no sofrimento, na saúde e na doença(...). E esta alegria persiste também nas provações, no próprio sofrimento, e não permanece na superfície, mas no profundo da pessoa que se recomenda a Deus e n'Ele confia»<sup>[4]</sup>.

---

PÔR EM CONTRASTE o que aconteceu em Genesaré, quando a multidão se precipitava à procura da cura, com o que aconteceu no Calvário, quando a multidão clamou pela crucificação, pode ajudar-nos a considerar devagar e honestamente o que exatamente buscamos quando procuramos Jesus. S. João, que conhecia tão bem o que estava no coração de Cristo, dá-nos uma pista para purificar a nossa fé: «Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem» (1Jo 4, 16). É algo que às vezes, sem querer, podemos esquecer nos momentos de dificuldade, quando nos parece que o Senhor está a dormir ou que não quer usar o Seu poder.

Porque, sem dúvida, esse é um dos grandes desafios da fé: abraçar o mistério da vontade de Deus quando o Senhor não usa o Seu poder quando a nós nos parecia que deveria fazê-lo. Acreditar em Jesus quando testemunhamos um milagre é fácil; o difícil é assistir a circunstâncias em que nos parece, erroneamente, que Deus não intervém. Às vezes, sem nos apercebermos, podemos comportar-nos como aqueles que gritavam no Calvário: «Salvou os outros e não pode salvar-Se a Si mesmo! Se é o rei de Israel, desça da cruz, e acreditaremos n'Ele» (Mt 27, 42).

Tantas vezes vemos injustiças, abusos e dores que nos podem fazer duvidar da presença de Deus. S. João viveu o mesmo: tempestades, perseguições, o martírio do Batista e dos outros onze apóstolos. E mais: S. João viveu o Calvário e, paradoxalmente, é isso que lhe permite afirmar que "conheceu e acreditou" no amor de Deus. É precisamente isso, que o Senhor não desça da cruz, que nos ensinou que a revolução da ternura não é um cúmulo de belos acontecimentos, mas a presença de um amor que se entrega até às últimas consequências. «A experiência da ternura consiste em ver o poder de Deus passar precisamente por aquilo que nos torna mais frágeis»<sup>[5]</sup>. Maria, nossa mãe, é quem melhor compreende o amor de Deus: ela nos ajudará a conhecê-lo O melhor e a crer n'Ele com mais firmeza.

---

## NOTAS

[1] cf. Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 88.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 945.

[3] S. Josemaria, *Via Sacra*, III estação.

[4] Bento XVI, Angelus, 16/12/2007.

[5] Francisco, Audiência, 19/01/2022.

## Terça-feira da V semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da V semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o verdadeiro sentido da Lei; Deus pede-nos a entrega do coração; a caridade é a Lei do Espírito Santo.*

### Sumário

- O verdadeiro sentido da Lei.
- Deus pede-nos a entrega do coração.
- A caridade é a Lei do Espírito Santo.

---

AO LONGO da sua vida pública, Jesus foi continuamente julgado pelos fariseus. Em não poucas ocasiões, como não encontravam de que O acusar (cf. Lc 6, 7), voltavam-se para o comportamento dos seus discípulos: queriam encontrar neles as faltas que não encontravam no Senhor. Numa ocasião, o escândalo farisaico foi devido a que os apóstolos tinham comido os pães sem ter levado a cabo todos os ritos previstos para a purificação das mãos. Talvez nos lembremos da nossa mãe a insistir na importância de lavar as mãos antes de comer. Muitas vezes o teremos feito a contragosto, sem dar grande importância à higiene nem à possibilidade de contrair alguma doença. Talvez obedecêssemos para evitar um mau bocado. Mas, depois, crescemos; e agora procuramos lavar as mãos por nossa conta porque descobrimos que não se tratava de um simples capricho: era um gesto importante, tinha um sentido, estava em causa a saúde.

Podemos dizer que nos fariseus que interpelam Jesus nunca cresceu interiormente o sentido da Lei. Continuavam a lavar as mãos, mas sempre por medo do castigo. «O medo oprime o coração e impede sair ao encontro dos outros, ao encontro da vida»<sup>[1]</sup>. Nunca entenderam que os mandamentos de Deus não eram um capricho, mas uma orientação amorosa para o bem das suas almas. Nunca compreenderam que «a Lei não foi feita para nos converter em escravos, mas para nos fazer livres, para nos tornar filhos (...)». A rigidez não é um dom de Deus. A mansidão, sim; a bondade, sim; a



benevolência, sim; o perdão, sim. Mas a rigidez, não»<sup>[2]</sup>. Detrás de cada mandamento está o desejo que Deus tem de que tenhamos o coração limpo para poder contemplá-lo a Ele (cf. Mt 5, 8). Este último é o importante.

---

NA VIDA CRISTÃ, estamos chamados a que a nossa adesão a uns preceitos se dê cada vez com maior pureza de coração, e não simplesmente pelo desejo de cumprir ou de nos sentirmos satisfeitos porque, supostamente, fizemos a nossa parte. De facto, podemos cair no erro dos fariseus e pensar que a vida cristã consiste numa série de coisas que «é preciso cumprir», convertendo o amplo horizonte da santidade num reduzido espaço, onde a única coisa que conta é cumprir à risca uma série de deveres. Por outro lado, também podemos cair na atitude contrária, que pensa que o único que conta para agir é «sentir amor» num sentido abstrato, reduzindo-o simplesmente a uma sensação agradável que vai e vem. Não é pouco frequente que as almas que caem num destes extremos, com a passagem do tempo, se esgotem e passem ao lado contrário do pêndulo.

É por isso que Jesus, no seu diálogo com os fariseus, traz à colação umas palavras do Livro de Isaías, que nos oferecem um caminho para entender o que o Senhor espera de nós: «Este povo honra-me só com os lábios, pois o seu coração está longe de mim» (Is 29, 13). O testemunho da Sagrada Escritura, já desde o Antigo Testamento, é unânime neste sentido: o que Deus nos pede é a entrega sincera do coração. Quem procura continuamente o diálogo sincero com Deus não cai no escrúpulo, porque descobre o seu profundo amor misericordioso; nem cai no laxismo, porque sabe que esse amor merece correspondência, e para tanto não chegam simplesmente as palavras. «“Obras é que são amores e não boas palavras” – costumava recordar S. Josemaria –. Obras, obras! Propósito: continuarei a dizer-te muitas vezes que Te amo – quantas to repeti hoje! –, mas, com a tua graça, será sobretudo a minha conduta, serão as bagatelas de cada dia – com eloquência muda – que clamarão diante de Ti, mostrando-te o meu Amor»<sup>[3]</sup>.

---

S. PAULO ERA «fariseu, filho de fariseus» (At 23, 6). Foi criado nesse ambiente que procurava dar glória a Deus com o cumprimento exato dos

mandamentos. «Quanto ao zelo pela Lei, fui irrepreensível» (Fil 3, 5), diz. Contudo, algo sucedeu na vida de Paulo que mudou radicalmente a sua visão do que Deus esperava dele: o encontro pessoal com Jesus Cristo. O que muda a partir de então não é que S. Paulo deixe de cumprir a Lei de Deus, mas que quer «ser encontrado n'Ele, não pela minha justiça que vem da Lei, mas por aquela que nasce da fé em Jesus Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé» (Fl 3, 8-9).

S. Paulo descobre que «a caridade é o pleno cumprimento da Lei» (Rm 13, 10). Viver a caridade implica reconhecer, em primeiro lugar, que somente Deus no-la pode dar, que é um dom do Senhor. «O mandamento do amor a Deus e ao próximo (...) está “escrito” nos corações pelo Espírito Santo. Por isso se converte na “Lei do Espírito” (...). É, mais ainda, o próprio Espírito Santo que se faz assim Mestre e guia do homem desde o interior do coração»<sup>[4]</sup>. A Nossa Senhora, que nunca viu escravidão na Lei, mas antes a liberdade do amor, podemos pedir ajuda para «viver segundo o Espírito Santo» que, em palavras de S. Josemaria, supõe «deixar que Deus tome posse de nós e mude os nossos corações desde a raiz, para os fazer à sua medida»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 24/10/2016.

[2] Francisco, Homilia, 24/10/2016.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 498.

[4] S. João Paulo II, Audiência, 09/08/1989.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 134.

## Quarta-feira da V semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da V semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o bem e o mal estão dentro de nós; para um cristão, toda a negação é uma afirmação maior; examinar a fundo o nosso coração.*

### Sumário

- O bem e o mal estão dentro de nós.
- Para um cristão, toda a negação é uma afirmação maior.
- Examinar a fundo o nosso coração.

---

«ESCUTAI-ME e procurai compreender. Não há nada fora do homem que ao entrar nele o possa tornar impuro. O que sai do homem é que o torna impuro» (Mc 7, 14-15). Mais tarde, já em privado, os seus discípulos pedem-lhe uma explicação mais detalhada sobre este mesmo assunto, que sem dúvida tinha também um forte carácter de novidade para eles. O Senhor parece ter um interesse especial em que isto ficasse gravado a fogo na alma de quem O seguia: é para o coração que Deus olha. Daí o cuidado especial que empregou para que as pessoas que O seguiam aprendessem a viver prestando atenção às coisas importantes. O Senhor vinha para realizar a Redenção, não para resolver disputas de horizontes estreitos.

O Evangelho mantém sempre a sua atualidade palpitante. Por isso, é bom que nos perguntemos na presença do Senhor se o que aconteceu aos fariseus nos acontece também a nós, que limpavam o copo por fora, sem se dar conta de que a sujidade estava dentro (cf. Mt 23, 26). Jesus «sublinha a primazia da interioridade, isto é, a primazia do “coração”»: não são as coisas exteriores que nos fazem ou não santos, mas é o coração que exprime as nossas intenções, as nossas escolhas e o desejo de fazer tudo por amor de Deus. As atitudes externas são consequência do que decidimos no coração e não o contrário: com atitudes externas, se o coração não muda, não somos verdadeiros cristãos. A fronteira entre o bem e o mal não está fora de nós,

mas sim dentro de nós. Podemos perguntar-nos: onde está o meu coração? (...). Sem um coração purificado, não se podem ter mãos verdadeiramente limpas nem lábios que pronunciem palavras sinceras de amor, de misericórdia, de perdão. Isto só pode ser feito pelo coração sincero e purificado»<sup>[1]</sup>.

---

A SAGRADA ESCRITURA tem para nós múltiplos indícios daquilo que Jesus queria transmitir aos fariseus: queria explicar-lhes que as negações a que por vezes Deus nos convida, na realidade, na sua outra face, transportam afirmações com um sentido positivo. A questão importante não estava nos alimentos que se podiam ou não tomar, mas sim no que se passava na interioridade da pessoa. É por isso que noutra trecho escutamos este convite do Senhor: «Trabalhai, não pelo alimento que perece, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna» (Jo 6, 27). Nessa mesma linha, S. Paulo recorda-nos que «os atletas privam-se de tudo; eles, para ganharem uma coroa perecível; nós, pelo contrário, uma que não murcha» (1Cor 9, 25). O Senhor quer que evitemos cair na ascética daqueles fariseus que viviam os preceitos, mas esqueciam o que havia no fundo daquilo que na realidade afirmavam.

O cristianismo é muito mais do que o que se vê à superfície. O Senhor convida-nos a procurar o que é duradouro, permanente. A nossa fé não é um grande “não”, como alguns poderiam interpretar erradamente. Viver cristãmente implica por vezes, é claro, dizer “não”, mas só na medida em que nos ajuda a dizer “sim” a coisas maiores. Jejuamos, mas para procurar essa comida que vale a pena, a que permanece. Bento XVI, na sua primeira homilia como sucessor de Pedro, recordando o seu predecessor, dizia: «Porventura não temos todos nós, de um modo ou de outro, medo, se deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós, se nos abrimos completamente a Ele, medo de que Ele possa tirar-nos algo da nossa vida? Não temos porventura medo de renunciar a algo de grandioso, único, que torna a vida tão bela? Não arriscamos, depois, de nos encontrarmos na angústia e privados da liberdade? E mais uma vez o Papa queria dizer: não! Quem faz entrar Cristo, nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande»<sup>[2]</sup>.

---

AO REVER a lista feita por Jesus sobre as coisas más que podem sair do nosso coração, pode ter o seu interesse deter-nos a descobrir o que se refere a nós pessoalmente. É verdade que o Senhor começa com palavras fortes, como “roubo” ou “homicídio”, e ao escutá-las talvez assumamos que isso não tem nada a ver connosco. No entanto, basta continuar adiante para descobrir que, nessa mesma lista, aparecem, por exemplo, a soberba ou a insensatez. A tendência fácil de ofuscar a paz familiar com disputas semelhantes às daqueles fariseus ou o não saber «não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente»<sup>[3]</sup>, é um sinal de que pode haver no nosso carácter mais farisaísmo do que pensamos. Pode acontecer que silenciosamente a soberba esteja a contaminar as nossas relações pessoais, ou que talvez não sejamos suficientemente sensatos para perceber que o que o Senhor nos pede é que nos preocupemos com as coisas do alto, não com as coisas da terra (cf. Col 3, 2).

Esta passagem do Evangelho convida-nos a examinar até que ponto o nosso coração se está a identificar cada vez mais com o Senhor. É S. Paulo que nos alerta novamente, para que percebamos que às vezes a soberba pode levar-nos a cair num modo superficial de viver a fé, tentando comportar-nos cristãmente, não para alegrar a Cristo, mas sim para satisfazer o nosso *ego*. «Se morrestes com Cristo para os elementos do mundo, porque é que vos submeteis a normas, como se estivésseis ainda dependentes do mundo? “Não tomes, não proves, nem sequer olhes!” Tudo isso acaba em corrupção à base de o usar segundo os preceitos e ensinamentos dos homens. Essas coisas têm uma aparência de sabedoria pela sua religiosidade afetada, pela sua aparente humildade e o seu rigor com o corpo, mas não valem senão para a satisfação da carne» (Col 2, 20-23)

Podemos pedir, com S. Josemaria: «*Cor Mariæ Dulcissimum, iter para tutum*; Coração Dulcíssimo de Maria, dá força e segurança ao nosso caminho na terra»<sup>[4]</sup>. Que a nossa Mãe nos ajude a purificar o nosso coração, para que daí, elevemos o nosso olhar e as nossas obras para Deus.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 30/08/2015.

[2] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 173.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 178.

## Quinta-feira da V semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da V semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus não se recusa a atender as almas; reconhecer-nos necessitados de Deus; o poder da fé de uma mãe.*

### Sumário

- Jesus não se recusa a atender as almas.
- Reconhecer-nos necessitados de Deus.
- O poder da fé de uma mãe.

---

AO LONGO da vida pública de Jesus, repete-se muitas vezes o mesmo padrão: o Senhor tenta isolar-Se para fazer uma pausa, rezar, refletir e partilhar com os seus Apóstolos, mas as multidões impedem-n'O de dispor dessas pausas. Outras vezes, tenta passar despercebido, mas este desejo não se chega a realizar: «Entrou numa casa e não queria que ninguém o soubesse. Mas não pôde passar despercebido» (Mc 7, 24). É comovente essa necessidade de Jesus, tão humana, de Se retirar em solidão. Mas é ainda mais comovente pensar como o Senhor não se isola e não se recusa a prestar atenção às pessoas.

Um dos milagres mais conhecidos de Jesus, a multiplicação dos pães e dos peixes, é precedido por uma cena deste género. O Senhor convida os Doze a irem à parte, «para um lugar isolado, sem mais ninguém. Vendo-os afastar-se, muitos perceberam para onde iam. E de todas as cidades, acorreram a pé para aquele lugar e chegaram lá primeiro que eles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão» (Mc 6, 32-34). O Mestre, que tinha em mente um programa tranquilo, dedica o dia inteiro a estas pessoas, a ponto de os seus Apóstolos O convidarem a mandá-las embora porque estava a ficar tarde.

São exemplos maravilhosos para quem quer santificar a vida corrente. S. Josemaria lembra-nos que «Cristo está interessado naqueles que não têm

tempo»<sup>[1]</sup>, ou seja, nas pessoas que vivem ocupadas, que trabalham intensamente. De facto, Jesus viveu assim, e é por isso que nós, os cristãos, somos chamados a compreender que «o tempo é curto para amar»<sup>[2]</sup>. Jesus não tinha um horário de atendimento, porque a Redenção não era para Ele um mero ofício. E é com essa atitude que também nós estamos chamados a encarar a nossa vida de cristãos.

---

QUANDO CORREU A NOTÍCIA de que Jesus tinha chegado a essa zona, muitas pessoas começaram a aglomerar-se à volta da casa onde Ele se encontrava. Mas para uma mulher em concreto, a presença de Jesus significava algo diferente, algo decisivo: a oportunidade de pedir a cura da sua filha que estava possessa de um espírito impuro. Dirige-se diretamente ao Senhor e, com uma atitude suplicante cheia de humildade, prostra-se a seus pés para Lhe pedir que faça esse milagre. Escreve S. Josemaria: «Ao considerar que são muitos os que desaproveitam a grande ocasião e deixam passar Jesus ao longe, pensa: donde me veio a mim esse chamamento claro, tão providencial, que me mostrou o meu caminho?»<sup>[3]</sup>. No Evangelho, há muitos que não se deram conta da magnitude do que estavam a contemplar. Felizmente, temos também o exemplo daquela mulher e de outras pessoas, como Jairo ou os amigos do paralítico.

As passagens evangélicas que nos narram este tipo de petições a Jesus têm um fator comum evidente, que é o da *necessidade*. A mulher que pede a cura da sua filha vê em Cristo a sua única opção para seguir em frente, para mudar o curso do seu destino. «Dizes: ‘Sou rico, enriqueci e não tenho necessidade de nada’, e não sabes que és um infeliz e miserável, pobre, cego e nu» (Ap 3, 17), recorda-nos com palavras fortes o Apocalipse.

A atitude confiada desta mulher, esse saber-se necessitada de Jesus, é uma imagem da fé autêntica. «Reconhecemo-nos pequenos, necessitados de salvação, é indispensável para acolher o Senhor. É o primeiro passo para nos abirmos a Ele. No entanto, esquecemo-nos frequentemente disto. Na prosperidade, no bem-estar, temos a ilusão de sermos autossuficientes, de bastarmos a nós próprios, de não precisarmos de Deus (...). Se pensarmos nisto, crescemos não tanto com base nos sucessos e nas coisas que temos, mas sobretudo nos momentos de luta e fragilidade. Na necessidade,



amadurecemos (...). Uma boa oração seria esta: “Senhor, olha para as minhas fragilidades...” e enumerá-las perante Ele. Esta é uma boa atitude diante de Deus. Na verdade, é precisamente na fragilidade que descobrimos quanto Deus se preocupa conosco»<sup>[4]</sup>.

---

O DIÁLOGO QUE SE GEROU entre Jesus e a mulher que recorreu a Ele é um exemplo de fé perseverante. Ela era sirofenícia de nascimento, ou seja, não pertencia ao povo eleito. É por isso que o Senhor, ao escutar a sua petição, lhe responde com estas palavras que, a princípio, soam tão duras: «Deixa primeiro que os filhos estejam saciados, pois não está certo tirar o pão dos filhos para o lançar aos cachorrinhos» (Mc 7, 27). Jesus está a dizer-lhe que a sua prioridade naquele momento era recuperar as ovelhas perdidas da casa de Israel. Mas não era a primeira vez que o Senhor parecia colocar obstáculos ao que Lhe era pedido: basta pensar em Caná, quando diz à sua Mãe que a sua hora ainda não tinha chegado (cf. Jo 2, 4).

No entanto, tal como nesse casamento, Jesus deixou-Se *vencer* uma vez mais pelo coração de uma mãe, que soube expressar o seu amor na maneira delicada de insistir: «Senhor, também é verdade que os cachorrinhos comem debaixo da mesa as migalhas das crianças» (Mc 7, 28). Ante essa resposta, saem espontaneamente as palavras de Cristo: «Mulher, que grande é a tua fé! Faça-se como desejas» (Mt 15, 28). Uma vez mais, a narrativa evangélica apresenta-nos a fé como essa chave que abre a Deus as portas do nosso coração para que Ele possa realizar a sua obra.

A fé grande desta mulher é um reflexo da fé de Santa Maria. «Podemos interrogar-nos: deixamo-nos iluminar pela fé de Maria, que é nossa Mãe? Ou então pensamos que Ela está distante, que é demasiado diversa de nós? Nos momentos de dificuldade, de provação, de obscuridade, olhamos para Ela como modelo de confiança em Deus que deseja, sempre e somente, o nosso bem?»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 199.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 39.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 200.

[4] Francisco, *Angelus*, 03/10/2021.

[5] Francisco, *Audiência*, 23/10/2013.

## Sexta-feira da V semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da V semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: podemos conduzir as pessoas a Jesus; Deus atua de diferentes maneiras; os tempos da atuação divina nem sempre são os nossos.*

### Sumário

- Podemos conduzir as pessoas a Jesus.
- Deus atua de diferentes maneiras.
- Os tempos da atuação divina nem sempre são os nossos.

---

O SENHOR, no seu afã por anunciar o Evangelho, pregou diante de grandes multidões, como o semeador que lança a semente à mão. Mas, simultaneamente, muitas vezes Cristo também se comportou como o médico que vem curar doentes, um de cada vez: escutava, olhava, examinava, curava. Numa certa passagem da Escritura, vemos que quem procurava Jesus não o fazia pelos seus próprios meios, uma vez que não tinha a capacidade de expressar a sua necessidade, mas era ajudado por outros: tratava-se de um surdo que mal podia falar. O Evangelho indica-nos que são provavelmente os seus familiares ou os seus amigos que «o trazem» e «suplicam» (cf. Mc 8, 22) a Jesus que impusesse as suas mãos sobre ele.

Esta cena pode ser uma imagem do nosso papel como apóstolos: nós também estamos chamados a partilhar com os nossos amigos a força curadora de Cristo que experimentámos na nossa vida. Muitas vezes, uma pessoa que não pode ouvir encontra, ao mesmo tempo, dificuldades para comunicar; e certamente muitas pessoas que nos rodeiam querem, no mais profundo da sua alma, ter uma relação mais próxima com Deus, mas talvez não saibam por onde começar. «Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto»<sup>[1]</sup>.

Podem servir-nos, nesta missão, os dois verbos que usa o evangelista: trata-se de «trazer» as pessoas e de «suplicar» a Jesus pela sua cura. A segunda parte parece mais simples de compreender, mas, a primeira, como se consegue? S. Josemaria oferece algumas pistas, recordando-nos que não se trata de «um empurrão material, mas da abundância de luz, de doutrina; o estímulo espiritual da vossa oração e do vosso trabalho, que é testemunho autêntico da doutrina; o cúmulo de sacrifícios, que sabeis oferecer; o sorriso, que vos vem à boca, porque sois filhos de Deus: filiação, que vos enche de uma serena felicidade – ainda que na vossa vida por vezes não falem contradições –, que os outros veem e invejam. Acrescentai, a tudo isto, a vossa generosidade e a vossa simpatia humana»<sup>[2]</sup>.

---

OS AMIGOS da pessoa surda-muda, cheios de fé, tinham pedido a Jesus que impusesse as suas mãos sobre o doente. Mas o Senhor decide atuar de um modo diferente: escolhe realizar a cura de maneira progressiva: «Jesus, afastando-se com ele da multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos e com saliva tocou-lhe a língua. Depois, erguendo os olhos ao Céu, suspirou e disse-lhe: “*Effathá*”, que quer dizer: “Abre-te”» (cf. Mc 7, 33-34). Algo semelhante tinha sucedido quando devolveu a vista a um cego, unguindo os seus olhos com a lama que tinha feito com a saliva (cf. Jo 9, 6). No entanto, noutras ocasiões tinha realizado milagres instantâneos, inclusive a pessoas que se encontravam em lugares afastados.

Sabemos que, tal como exclamamos todos os dias na Santa Missa, basta uma palavra de Jesus para curar qualquer mal. Mas isso poderia levar-nos a pensar que Deus «teria de» atuar sempre e em tudo dessa maneira. No entanto, o devir da nossa própria vida ensina-nos que não é assim. Tantas vezes experimentámos que Jesus nos conduz por caminhos que nos parecem atalhos, que atravessamos momentos aparentemente desnecessários, semelhantes àqueles gestos de tocar a língua ou os ouvidos daqueles doentes. Pode acontecer que nos tenhamos acostumado a que tudo à nossa volta funcione de uma forma aparentemente eficaz, veloz, sem necessidade de esperar... e queiramos que assim sejam todos os outros âmbitos da vida.

«O Senhor está próximo do seu povo, muito próximo. Ele mesmo o diz: “Que nação tem um Deus tão próximo como vós?”. A vida é um caminho que Ele quis percorrer junto de nós. Mas quando o Senhor vem, nem sempre o faz da mesma maneira. Não existe um protocolo da ação de Deus na nossa vida. Uma vez faz de certa maneira e noutra ocasião faz de maneira diferente, mas faz sempre. O Senhor leva o seu tempo, mas também tem muita paciência (...). Na vida, algumas vezes, as coisas podem ser muito sombrias. E temos vontade, se estamos em dificuldade, de descer da cruz. E este é o momento preciso: a noite é mais sombria quando a aurora se aproxima»<sup>[3]</sup>.

---

NO FINAL DA sua passagem pela terra, durante a Última Ceia, Jesus disse aos seus apóstolos que fizeram bem em chamá-lo Mestre (cf. Jo 13, 13). Referimos que o Senhor se tinha atribuído também as designações de médico (cf. Mt 9, 12) e de semeador (cf. Mt 13, 37). Estas três maneiras através das quais Jesus se caracteriza a si próprio podem servir-nos para compreender como é a sua ação na nossa vida, especialmente quando pensamos que Deus deveria atuar mais depressa, quando queremos que atue de acordo com os nossos tempos mais do que os seus.

Se pensarmos num maestro, damos-nos conta de que o seu trabalho de conduzir o próximo requer sempre um largo processo temporal. Também o médico não se comporta com precipitação: até a mais leve ferida costuma exigir várias sessões. Finalmente, se pensarmos no semeador, podemos observar que não existe semente que se cultive sozinha, que não necessite a paciente tarefa de ir uma e outra vez regar, melhorar as condições da terra, etc.

Escreveu S. Paulo aos Gálatas: «Meus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós» (cf. Gl 4, 19). O empenho da Santíssima Trindade é precisamente esse: formar Cristo em nós. «Daí, o desejo veemente de nos considerarmos corredutores com Cristo – afirmava S. Josemaria –, de salvar com Ele todas as almas, porque somos, queremos ser, *Ipse Christus*, o próprio Jesus Cristo e Ele deu-se a si mesmo em resgate de todos»<sup>[4]</sup>. E nesta espera para ser cada vez «mais Cristo», não temos melhor apoio que o de Maria: ela, apesar de ter uma santa

impaciência para ver o seu filho, esperou nove meses por Jesus que se formasse no seu seio e depois trinta anos para ver os seus prodígios.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 14.

[2] S. Josemaria, Carta 24/10/1942, n. 9.

[3] Francisco, Homilia, 28/06/2013.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 121

## Sábado da V semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da V semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus olha com misericórdia para as pessoas; Deus conta conosco para realizar os seus milagres; oferecer ao Senhor as nossas coisas habituais.*

### Sumário

- Jesus olha com misericórdia para as pessoas.
- Deus conta conosco para realizar os seus milagres.
- Oferecer ao Senhor as nossas coisas habituais.

---

JESUS, OLHANDO para a quantidade de gente que o seguia, disse: «Tenho compaixão desta multidão. Há já três dias que permanecem junto de Mim e não têm que comer» (Mc 8, 2). Esta é a segunda multiplicação dos pães que o Evangelista S. Marcos nos relata. Desta vez, são quatro mil pessoas que são alimentadas pelo Senhor, a partir de sete pães e alguns pequenos peixes (cf. Mc 8, 1-10). Este milagre não parte de um pedido explícito do povo: é o próprio Jesus que descobre, com o Seu olhar, que a humanidade sofre de uma carência. E por Sua própria iniciativa, decide resolver a situação. «Tinham fome e sede, e já se sentiam desfalecer» (Sl 107, 5), diz o salmista, mas Deus, na Sua liberdade soberana, responde pela boca do profeta: «Pois saciarei os fatigados e matarei a fome aos que desfalecem» (Jr 31, 25). Quando o evangelista nos diz que Jesus "sentiu pena" daquela multidão faminta, vislumbramos, como que por uma pequena fresta, o amor Trinitário do qual surgiu a Encarnação do Verbo.

«O acontecimento da Encarnação, de Deus que se faz homem como nós, mostra-nos o inaudito realismo do amor divino. Com efeito, o agir de Deus não se limita às palavras, aliás, poderíamos dizer que Ele não se contenta com falar, mas Se insere na nossa história e assume sobre Si a dificuldade e o peso da vida humana. (...). Este modo de agir de Deus é um forte estímulo a interrogarmo-nos sobre o realismo da nossa fé, que não se deve

limitar à esfera do sentimento, das emoções, mas deve entrar no concreto da nossa existência, ou seja, deve referir-se à nossa vida de todos os dias, e orientá-la também de modo prático»<sup>[1]</sup>. O realismo do amor divino traduz-se no desejo de alimentar os seus filhos. A misericórdia do olhar de Cristo para com as pessoas que O seguiam, e que O levou a fazer o milagre da multiplicação dos pães, é a mesma misericórdia que Deus continua a ter com cada um de nós.

---

QUANDO JESUS ANUNCIA o Seu desejo de alimentar a multidão, os Apóstolos põem aos Seus pés uma contribuição totalmente insuficiente: uns poucos pães acompanhados de alguns pequenos peixes. Evidentemente, do ponto de vista humano, essa tarefa era impossível: não havia outro remédio se não despedir a multidão e que cada família procurasse a sua própria alimentação. No entanto, a outra opção é entrar na aventura de Jesus. Mas isto implica que, embora o Senhor pudesse realizar sem qualquer ajuda aquele milagre, espera receber alguma coisa dos seus apóstolos, pelo menos uma pequena manifestação de não se querer conformar com despedir as pessoas. O raciocínio de Cristo é semelhante ao de um apaixonado: não se trata simplesmente de fazer alguma coisa, mas de fazê-lo juntos. O extraordinário tem a sua origem em Deus, mas quer fazê-lo através do que é habitual, com que contribuimos nós.

S. Josemaria costumava recordar o momento em que viu uns pescadores que, ao recolher da água uma grande quantidade de peixes, não tiravam do meio deles um miúdo que tinha metido as mãos entre as redes. «Aqueles pescadores rudes, nada refinados, devem ter sentido o seu coração estremecer e permitiram que o pequeno colaborasse; não o afastaram, embora realmente estorvasse. Pensei em vós e em mim; em vós, que ainda não conhecia, e em mim; nesse puxar pela corda todos os dias, em tantas coisas. Se nos apresentarmos diante de Deus Nosso Senhor como esse pequeno, convencidos da nossa fraqueza, mas prontos a secundar os seus desígnios, alcançaremos mais facilmente a meta: arrastaremos a rede até à margem, repleta de abundantes frutos, porque onde faltam as nossas forças, chega o poder de Deus»<sup>[2]</sup>.



E assim vamos descobrindo como as obras de Deus são também nossas, visto que Ele próprio nos quis envolver nessa tarefa. Vivemos numa época histórica concreta, num lugar concreto, acompanhados por pessoas específicas: Cristo quer tornar-nos participantes do seu desejo de alimentar essa multidão que tem sede da plena felicidade que o Filho de Deus traz ao mundo.

---

RECORDAR O MILAGRE da multiplicação dos pães pode servir-nos para ilustrar graficamente como foi a vida dos santos. Foram pessoas como nós, de carne e osso, com defeitos, erros, limitações. A imensa maioria deles, à partida, não gozava de um poder particular para influir nas decisões da sociedade nem nas pessoas que os rodeavam. Contudo, o encontro pessoal com Cristo levou-os a compreender que a sua tarefa era oferecer “os pães e os peixes” que tinham ao seu alcance; depois, o Senhor se encarregaria de alimentar a multidão.

Cada santo faz-nos lembrar que para mudar o mundo, «não há uma varinha mágica, mas há coisas pequenas em cada dia que temos de aprender. Mudar o mundo com as pequenas coisas de cada dia, com generosidade, partilhando, criando estas atitudes de fraternidade»<sup>[3]</sup>. Há múltiplos exemplos, como o santo cura de Ars ou Santa Teresinha de Lisieux, que, praticamente sem saírem do seu local, deixaram uma marca profundíssima em muitas almas. Também nós, cristãos comuns no meio do mundo, podemos colaborar nessa multiplicação de alimento a partir daquela convicção profunda de S. Josemaria: «Queres deveras ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento. Faz o que deves e está no que fazes»<sup>[4]</sup>.

Santa Maria é o melhor exemplo de uma pessoa que soube pôr tudo o que era seu ao serviço do Senhor. Não importa se os pães são poucos ou muitos, o importante é que ponhamos tudo o que temos aos pés de Jesus. E assim, seremos testemunhos dos prodígios de um Pai que anseia saciar a fome de todos os seus filhos.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 09/01/2013.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 14.

[3] Francisco, Discurso, 02/06/2017.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 815.

## VI domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no VI domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: o estigma do leproso; Jesus toca a nossa doença; contagiar o bem recebido.*

### Sumário

- O estigma do leproso.
- Jesus *toca* a nossa doença.
- Contagiar o bem recebido.

---

NO POVO de Israel, a lepra era vista como um castigo de Deus e causa de impureza. «Quando um homem tiver na sua pele algum tumor, impigem ou mancha esbranquiçada, que possa transformar-se em chaga de lepra, devem levá-lo ao sacerdote (...) o sacerdote que o examinou declará-lo-á impuro» (Lv 13, 1.3). Os doentes tinham de viver excluídos, fazer notar a sua condição com o modo de se vestir e, quando alguém se aproximasse, gritar: «Impuro, impuro!» (Lv 13, 45). Essas pessoas afetadas viviam sozinhas ou com outros leprosos, confiando que um dia conseguiriam recuperar a pureza e voltar a ter uma vida normal.

Neste contexto, foi até Jesus «um leproso. Prostrou-se de joelhos e suplicou-Lhe: «Se quiseres, podes curar-me» (Mc 1, 40). Uma pessoa que foi estigmatizada pelo povo recorre a Cristo. Pela sua atitude, vemos que também se sente indigno de pedir. Simplesmente implora-Lhe, em atitude de súplica, e sem sentir que tem quaisquer direitos: «Se quiseres...» Embora este tipo de doenças seja menos comum hoje em dia, e as medidas tomadas para prevenir e curar sejam diferentes, por vezes podemos sentir-nos, por uma razão ou por outra, como se estivéssemos excluídos, estigmatizados: sentimos que não estamos à altura do que deveríamos ser, de acordo com a nossa idade, a nossa experiência ou as nossas capacidades. Também podemos ser envolvidos pela sensação de que não estamos no nosso lugar ou de que sempre se espera que façamos melhor. Há até dias em

que a nuvem negra de pensar que somos insuficientes se pode instalar dentro de nós.

Estas perceções pessoais – não muito distantes das do leproso – podem também modificar a imagem que temos do rosto do Senhor, a ponto de assumir que na realidade é difícil para Ele olhar para nós com carinho, com aprovação, como se estivesse habitualmente insatisfeito com as nossas conquistas. Uma das manifestações desta falsa forma de ver Deus é que ela nos torna incapazes de nos amarmos uns aos outros; não nos permite descobrir, como dizia S. Josemaria, que: «saímos das mãos de Deus, que somos objeto da predileção da Santíssima Trindade, que somos filhos de um Pai tão grande. Peço ao meu Senhor que nos decidamos a apercebermo-nos disso, a saboreá-lo dia após dia: assim acuaremos como pessoas livres»<sup>[1]</sup>.

---

PARA curar a sua doença, o leproso sabe a quem deve recorrer. Está convencido da força de Jesus. Sabe que não depende de si mesmo, mas da bondade de quem recebe o seu pedido: «Se quiseres, podes curar-me» (Mc 1, 40). Aquele homem está consciente de que não deve deixar-se afundar pela sua impureza, mas antes abrir-se à descoberta do verdadeiro rosto da misericórdia do Pai: Jesus Cristo.

Assim, Jesus atende e escuta aquele a quem as pessoas evitavam. Cristo aproxima-Se do que se sentia indigno, e comove-Se com ele. «Compadecido, estendeu a mão, tocou-lhe e disse: “Quero: fica limpo”» (Mc 1, 41). O Senhor não atua como os homens. «A misericórdia de Deus supera qualquer barreira e a mão de Jesus toca o leproso. Ele não para à distância de segurança e não age por delegação, mas expõe-se diretamente ao contágio do nosso mal; e assim precisamente o nosso mal torna-se o lugar do contacto: Ele, Jesus, assume de nós a nossa humanidade doente e nós assumimos dele a sua humanidade que é sadia e cura. Isto acontece todas as vezes que recebemos com fé um sacramento: o Senhor Jesus «tocanos» e concede-nos a sua graça. Neste caso pensamos sobretudo no Sacramento da Reconciliação, que nos cura da lepra do pecado»<sup>[2]</sup>.

O Senhor nunca é detido pela nossa suposta indignidade. Pelo contrário, quanto menores nos vemos, mais Ele nos quer consolar e curar. Deus entra

no coração do homem através das feridas e nunca nos abandona, sempre nos ama. O fundador do Opus Dei definiu o amor de Deus com uma imagem gráfica: ama-nos mais do que todas as mães do mundo juntas<sup>[3]</sup>.

---

DEPOIS do milagre, Cristo pede ao leproso que seja discreto: «Não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua cura o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho» (Mc 1, 44). Jesus, tendo em conta que este é um dos Seus primeiros milagres, quer que a sua manifestação seja progressiva.

«Ele, porém, logo que partiu, começou a apregoar e a divulgar o que acontecera, e assim, Jesus já não podia entrar abertamente em nenhuma cidade. Ficava fora, em lugares desertos» (Mc 1, 45). O protagonista da cura não consegue conter a sua alegria e é-lhe impossível limitar-se a transmiti-la ao sacerdote que deverá verificar a cura. O perdão, sentir-se amado incondicionalmente, leva-nos a abrir-nos aos outros e a mostrar-nos próximos daqueles que temos ao nosso lado. Quando experimentamos a misericórdia divina, sentimos a necessidade de restabelecer os laços rompidos e difundir o bem recebido. O amor de Deus que nos perdoa e nos cura reintegra-nos na comunidade. «Se o mal é contagioso, o bem também é. Por conseguinte, é preciso que em nós abunde, cada vez mais, o bem. Deixemo-nos contagiar pelo bem e contagiemos o bem!»<sup>[4]</sup>.

Como podemos nós, quando por vezes endurecemos o rosto de Deus, redescobrir o Seu verdadeiro olhar? Recorrendo à Virgem Maria. Ela «vem ao nosso encontro como mãe, sempre disponível às necessidades dos seus filhos. Através da luz que emana do seu rosto, transparece a misericórdia de Deus. Deixemo-nos envolver pelo seu olhar: este diz-nos que somos todos amados por Deus, que jamais nos abandona!»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 26.

[2] Francisco, *Angelus*, 15/02/2015.

[3] cf. S. Josemaria, *Forja*, n. 929.

[4] Francisco, Angelus, 15/02/2015.

[5] Bento XVI, Homilia, 14/09/2008.

## VI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no VI domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: a novidade da Lei; instrumento de liberdade; raiz do pecado.*

### Sumário

- A novidade da Lei.
- Instrumento de liberdade.
- Raiz do pecado.

---

DEPOIS de pronunciar as bem-aventuranças, Jesus continua o sermão da montanha a falar sobre a Lei. Desde o princípio, o Senhor não se apresenta como alguém que veio abolir o que tinham dito Moisés ou os profetas, mas dar plenitude a essas palavras (cf. Mt 5, 17). E esta plenitude, este sentido mais profundo, implica não compreender a Lei como algo externo, alheio à pessoa que deve, contudo, fazer-se violência para cumpri-la; os preceitos de Deus, na realidade, sintonizam com o nosso coração e existem para mudá-lo e dispô-lo para a verdadeira felicidade.

Já o salmista afirma que serão bem-aventurados aqueles que guardarem os preceitos do Senhor «e o procuram com todo o coração» (Sl 118, 2). O livro de Ben Sira também indica que Deus «conhece todas as coisas do homem» (Sir 20): não fica apenas na superfície do ato, mas também Lhe importa a intenção com a qual foi realizado. Jesus não quer que sejamos movidos pelo simples desejo de cumprir, pois esta atitude não nos une aos outros, mas leva ao formalismo: realizar o que é estabelecido externamente, mas sem perceber o bem que isso causa na própria vida. O Senhor convida-nos, portanto, a sermos movidos por um amor como o Seu, que muitas vezes soube estar acima da própria Lei.

«A novidade de Jesus consiste, essencialmente, no facto de que Ele mesmo «completa» os mandamentos com o amor de Deus, com a força do

Espírito Santo que habita n'Ele. E nós, através da fé em Cristo, podemos abrir-nos à obra do Espírito Santo, que nos torna capazes de viver o amor divino. Por isso, cada preceito se torna verdadeiro, como exigência de amor, e todos convergem num único mandamento: ama a Deus com todo o coração, e ao teu próximo como a ti mesmo»<sup>[1]</sup>.

---

AO LONGO da história há quem tenha concebido a Lei como uma imposição arbitrária de Deus. Esta mentalidade leva a pensar que a única razão pela qual é conveniente cumpri-la é porque assim o estabeleceu Ele, para que se possa dizer: “Deus ditou um mandamento, mas também poderia ter decretado o contrário”. Essa abordagem impede-nos de perceber a bondade dos preceitos divinos e a profunda racionalidade que os sustenta: eles não são caprichos, mas respondem ao desejo de bem presente na natureza humana.

Não se trata, portanto, de conceber os mandamentos como imposições arbitrárias, mas «como um instrumento de liberdade, que me ajuda a ser mais livre, que me ajuda a não ser escravo das paixões e do pecado. (...) Quando cedemos às tentações e paixões, não somos senhores nem protagonistas da nossa vida, mas tornamo-nos incapazes de a gerir com vontade e responsabilidade»<sup>[2]</sup>. Deus, com a Sua Lei, traça um caminho que sacia a sede de plenitude que todos temos; um caminho pelo qual somos mais senhores de nós mesmos porque a nossa liberdade cresce cada vez mais. É por isso que a gravidade do pecado não é tanto a quebra de uma regra, mas o dano que fazemos a nós mesmos: perdemos protagonismo nas nossas vidas e deixamos que as nossas paixões nos dominem.

Como dizia S. Josemaria: «A liberdade adquire o seu sentido autêntico quando se exerce ao serviço da verdade que resgata, quando se gasta a procurar o amor infinito de Deus, que nos desata de todas as escravidões»<sup>[3]</sup>. Os mandamentos do Senhor não oprimem a liberdade, muito pelo contrário: «é “*lex perfecta libertatis*” (Tg 1, 25): lei perfeita de liberdade, como o próprio Evangelho, porque toda ela se resume na lei do amor e não apenas como norma exterior, que manda amar, mas também como graça interior que dá a força para amar»<sup>[4]</sup>.

---



NO SEU DISCURSO, Jesus, além de mostrar a plenitude da Lei –um caminho que se percorre com o coração e que nos liberta–, convida-nos a refletir sobre a origem do mal. A Lei mosaica proibia o assassinato e o adultério, mas Cristo vai mais além: «Todo aquele que se irar contra o seu irmão será submetido a julgamento» (Mt 5, 22); e «Todo aquele que olhar para uma mulher com maus desejos já cometeu adultério com ela no seu coração» (Mt 5, 28). A plenitude da Lei, o novo Evangelho de Jesus Cristo, portanto, não se refere apenas aos atos externos, mas também aos movimentos internos da pessoa: afetos, desejos, emoções...

O ensinamento de Jesus é dirigido à raiz do pecado. O homicídio é precedido pelo desejo de prejudicar o outro. O adultério é a consequência da rejeição do próprio cônjuge e do desejo de possuir outra pessoa. Esses males são concebidos, antes de tudo, na própria privacidade. E uma vez enraizados no coração, são exteriorizados através de atos concretos. É por isso que o Senhor nos encoraja a voltar o olhar para dentro e a refletir sobre os motivos que movem as nossas ações. Como dirá noutra ocasião: «o que sai da boca provém do coração; e é isso que torna o homem impuro. Do coração procedem as más intenções, os assassinios, os adultérios, as prostituições, os roubos, os falsos testemunhos e as blasfêmias» (Mt 15, 18-19).

S. Josemaria insistia na necessidade do exame de consciência para poder reconhecer a origem dos nossos pecados. «Repara na tua conduta com vagar. Verás que estás cheio de erros, que te prejudicam a ti e talvez também aos que te rodeiam. (...) Precisas de um bom exame diário de consciência, que te conduza a propósitos concretos de melhora, por sentires verdadeira dor das tuas faltas, das tuas omissões e pecados»<sup>[5]</sup>. Deus, com a Sua graça, ajudar-nos-á a acolher na nossa alma a plenitude da Lei que o Seu Filho revelou. Podemos dirigir estas palavras do fundador do Opus Dei à Virgem Maria: «se há em mim algo que te desagrade, diz-mo, para que o arranquemos»<sup>[6]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 13/02/2011

[2] Francisco, *Angelus*, 16/02/2020

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 27

[4] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 481

[6] *Ibid.*, n. 108

## VI domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no VI domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: as Bem-Aventuranças dão um sentido novo à nossa vida; a alegria tem raízes em forma de cruz; as bem-aventuranças convidam-nos à confiança.*

### Sumário

- As Bem-Aventuranças dão um sentido novo à nossa vida.
- A alegria tem raízes em forma de cruz.
- As bem-aventuranças convidam-nos à confiança.

---

CRISTO detém-se numa vasta planície, onde há lugar para muitas pessoas provenientes de toda a Judeia, de Jerusalém e até da costa de Tiro e Sidónia. À volta do Senhor, cria-se uma atmosfera de admiração; todos haviam acorrido ali para O ver e ouvir. E Jesus não deixa indiferente nenhum dos presentes: «Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus – começa a dizer – Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem e insultarem e proscreverem o vosso nome como infame, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos e exultai nesse dia, porque é grande no Céu a vossa recompensa» (Lc 6, 20-23).

Este passo das bem-aventuranças permite-nos constatar que Deus não está longe de nós, nem sequer na dor, na fome, no sofrimento, na perseguição... a sua proximidade «é o antídoto contra o medo de enfrentar a vida sozinho. Com efeito o Senhor, através da sua Palavra, *con-sola*, isto é, permanece *com* quem está *só*. Falando connosco, lembra-nos que estamos no Seu coração»<sup>[1]</sup>. A Palavra de Deus, que é sempre eloquente e interpela, fá-lo de modo especial nos momentos de fraqueza ou de injustiça. Mais ainda: permite-nos acolher a realidade de um modo novo em que sempre vemos possibilidade de semear o bem.

Com o passar dos séculos, todo o discurso que então proferiu e que está registado nas Escrituras, continua a mudar a vida de muitas pessoas. «As Bem-Aventuranças constituem um novo programa de vida, para nos libertarmos dos falsos valores do mundo e nos abirmos aos bens verdadeiros, presentes e futuros»<sup>[2]</sup>. Vindos d’Aquele que é a vida, estes ensinamentos são os únicos que satisfazem plenamente o desejo de autenticidade e verdade dos nossos corações.

---

NESTE DISCURSO de Jesus, vislumbramos um misterioso itinerário de vida que nos promete uma felicidade plena: é o próprio Filho de Deus que nos oferece alegria e regozijo. É um caminho cujo objetivo é maior do que o que podem oferecer outros projetos, muitas vezes igualmente bons, mas que não satisfazem as profundezas da nossa alma. «A bem-aventurança prometida coloca-nos perante as opções morais decisivas – diz o Catecismo da Igreja Católica –. Convida-nos a purificar o nosso coração (...) e a procurar o amor de Deus acima de tudo. E ensina-nos que a verdadeira felicidade não reside nem na riqueza ou no bem-estar, nem na glória humana ou no poder, nem em qualquer obra humana, por útil que seja, como as ciências, as técnicas e as artes, nem em qualquer criatura, mas só em Deus, fonte de todo o bem e de todo o amor»<sup>[3]</sup>.

Numa ocasião, um professor perguntou a S. Josemaria como orientar os seus alunos para a verdadeira liberdade. O fundador do Opus Dei recordou precisamente as bem-aventuranças: «Sei que ensinas aos alunos que a liberdade foi conquistada para nós por Cristo na Cruz – começou por dizer –; que Ele subiu ao patíbulo da Cruz pelo nosso amor, para conquistar a liberdade; que a libertação não é libertação da dor, das contradições, das calúnias, da difamação da pobreza (...). Não se revolta contra a pobreza, aceita-a; não se revolta contra o trabalho, aceita-o; não se revolta contra a autoridade, aceita-a; não se revolta contra a doença, aceita-a; não se revolta contra os pais, aceita-os e ama-os; nem contra os professores, que fazem um trabalho paterno e materno»<sup>[4]</sup>.

Mas esta aceitação não é uma atitude de abnegação passiva, como a de quem que se conforma com algo que não compreende; pelo contrário, é uma aceitação de alguém que, com a confiança de que Deus Pai está

misteriosamente por detrás de todas essas situações, enquanto não as pode remediar, as abraça com a serenidade com que Jesus abraçou a cruz para nos salvar a todos. A felicidade que as bem-aventuranças propõem tem as suas raízes em forma da cruz<sup>[5]</sup>.

---

«A CERTEZA do amor de Deus leva-nos a confiar na Sua providência paterna, mesmo nos momentos mais difíceis da existência. Sta. Teresa de Jesus expressa admiravelmente esta plena confiança em Deus Pai providente, mesmo no meio da adversidade: “Nada te perturbe, nada te espante; tudo passa. Deus não muda. A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta: Só Deus basta” (*Poemas*, 30). A Escritura oferece-nos um exemplo eloquente de total entrega a Deus, quando narra que Abraão maturara a decisão de sacrificar o filho Isaac. Na realidade, Deus não queria a morte do filho, mas a fé do pai. E Abraão demonstra-a plenamente, pois quando Isaac lhe pergunta onde está o cordeiro do holocausto, ousa responder-lhe que “Deus providenciará” (Gn 22, 8). E, justamente, logo depois ele experimentará a benévola providência de Deus, que salva o jovem e lhe recompensa a fé, cumulando-o de bênçãos»<sup>[6]</sup>.

O Catecismo da Igreja diz-nos que confiar em Deus, acreditar n'Ele, «é um ato autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade, nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (...). É ainda menos contrário à nossa dignidade prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador e entrar assim em comunhão íntima com Ele»<sup>[7]</sup>. As bem-aventuranças convidam-nos a esta confiança e comunhão com a vida de Cristo. Como contrapartida, oferecem-nos a vida eterna e a possibilidade de Jesus viver em nós, já nesta terra. As bem-aventuranças já estão inauguradas na vida da Virgem Maria e de todos os santos; acompanham-nos no nosso caminho.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 24/01/2021.

[2] Bento XVI, Angelus, 30/01/2011.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1723.

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 02/07/1974.

[5] cf. S. Josemaria, *Forja*, n. 28.

[6] S. João Paulo II, Audiência, 24/03/1999.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 154.

## Segunda-feira da VI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da VI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o consolo de escutar Jesus; a proximidade de Deus; humildade e confiança.*

### Sumário

- O consolo de escutar Jesus.
- A proximidade de Deus.
- Humildade e confiança.

---

ERA FREQUENTE alguns fariseus porem-se a discutir com Jesus. Numa dessas ocasiões, aliás, tentaram-no pedindo-lhe um sinal do céu. Apesar de terem seguramente já presenciado alguns milagres, não se sentiam ainda satisfeitos. Talvez esperassem uma manifestação mais espetacular da chegada do Reino de Deus (cf. Lc 17, 20-21), ou então procurassem outra oportunidade para interpretar retorcidamente esse novo sinal.

Esta atitude contrasta com a dos apóstolos. Para eles, bastava estarem com Jesus e escutá-lo para reconhecer que o Reino de Deus tinha chegado já. Quando depois do discurso do Pão da Vida muitos dos discípulos deixaram de seguir Cristo, S. Pedro disse em nome dos apóstolos: «Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna. E nós acreditámos e sabemos que Tu és o Santo de Deus» (Jo 6, 68-69). Não precisavam de grandes prodígios para acreditar n'Ele: conformavam-se com o que tinham ouvido dos seus lábios.

Para todos os cristãos, as palavras do Senhor supuseram sempre um enorme consolo, especialmente quando são lidas na santa Missa. O sacerdote beija o livro após a proclamação do Evangelho, como expressão de amor e de reconhecimento: o que ali está consignado provém da Revelação. Cristo, com a Sua palavra, torna-se presente no meio dos fiéis.

«A liturgia é o lugar privilegiado para a escuta da Palavra divina, que torna presentes os atos salvíficos do Senhor, mas é também o âmbito no qual se eleva a oração comunitária que celebra o amor divino. Deus e homem encontram-se num abraço de salvação, que encontra o seu cumprimento próprio na celebração litúrgica»<sup>[1]</sup>. Podemos pedir a Jesus para saber escutar as Suas palavras na Missa com o mesmo entusiasmo e simplicidade dos Apóstolos.

---

POR VEZES podemos desejar, tal como os fariseus, que o Senhor realize um signo mais espetacular quando enfrentamos uma dificuldade. Sentimos então necessidade de um consolo maior que nos ajude a viver com serenidade essa situação. No entanto, na Sagrada Escritura e nos sacramentos temos já esses sinais que alimentam e inflamam a nossa fé. São estes os caminhos privilegiados pelos quais o próprio Jesus vem ao nosso encontro para nos dar o seu amor e a sua proximidade. «Os Sacramentos expressam e realizam uma comunhão concreta e profunda entre nós, porque neles nós encontramos Cristo Salvador e, através dele, os nossos irmãos na fé. Os Sacramentos não são aparências, não são ritos, mas constituem a força de Cristo»<sup>[2]</sup>.

Acolher essa proximidade que o Senhor nos oferece nos sacramentos levar-nos-á a escutar a sua voz em todas as circunstâncias. Ele fala-nos «através dos acontecimentos da vida quotidiana, mediante as alegrias e os sofrimentos que a acompanham, através das pessoas que se encontram ao teu lado, da voz da consciência sequiosa de verdade, de felicidade, sedenta de bondade e de beleza»<sup>[3]</sup>. Jesus permanece sempre ao nosso lado, fala-nos e escuta-nos. A certeza de que compartilhamos a nossa vida com Ele liberta-nos de medos e enche-nos de esperança. «Que importa que tenhas contra ti o mundo inteiro, com todos os seus poderes? – escrevia S. Josemaria – Tu... para a frente! Repete as palavras do salmo: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação, a quem temerei?... *'Si consistant adversum me castra, non timebit cor meum'*. – Ainda que me veja cercado de inimigos, não fraquejará o meu coração”»<sup>[4]</sup>. Podemos, portanto, perguntar-nos: procuro abandonar nas mãos de Jesus as minhas preocupações, especialmente quando participo na Santa Missa?

---



A SIMPLICIDADE dos Apóstolos permitiu-lhes ver nos milagres e nas palavras de Jesus o sinal da sua missão messiânica. Pelo contrário, a soberba de alguns fariseus impediu-os de a reconhecer. De facto, embora o Senhor diga que não seria dado nenhum sinal a essa geração, certo é que mais adiante outro lhe será oferecido: a ressurreição de Cristo. Contudo, nem sequer perante essa evidência abandonarão a sua incredulidade. Embora tenham sabido pelos guardas o que acontecera (cf. Mt 28, 11-14), preferiram agarrar-se aos seus próprios modos de ver a reconhecerem o seu erro. Assim se cumpria o que dissera anteriormente: «Se não ouvem Moisés e os profetas, também não acreditarão, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos» (Lc 16, 31).

Como escreveu S. Pedro: «Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes» (1Pe 5, 5). A humildade permite-nos reconhecer que nem sempre estaremos –humanamente falando– à altura das circunstâncias e confiar na força que o Senhor nos dá. «Costumo dar –dizia S. Josemaria– o exemplo do pó que é elevado pelo vento até formar no alto uma nuvem dourada, porque recebe os reflexos do sol. Do mesmo modo, a graça de Deus nos eleva, e brilha em nós toda essa maravilha de bondade, de sabedoria, de eficácia, de beleza, que é Deus. Se tu e eu nos soubermos pó e miséria, pouquinho coisa, o Senhor porá o resto. É uma consideração que me enche a alma»<sup>[5]</sup>. Não é principalmente com as nossas boas obras que conquistamos o coração de Jesus, mas sim deixando que seja Ele a preencher a nossa vida e reconhecendo os dons que nos concedeu. Por isso, podemos pedir à Sua Mãe a humildade para não pôr obstáculos à ação de Deus na nossa alma, para que também Ele faça coisas grandes na nossa vida.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 05/10/2005.

[2] Francisco, Audiência, 06/11/2013.

[3] S. João Paulo II, Discurso, 05/06/2004.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 482.

[5] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 4.

## Terça-feira da VI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da VI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: evitar o fermento que acusa os outros; olhos e ouvidos de misericórdia; o olhar da filiação divina.*

### Sumário

- Evitar o fermento que acusa os outros.
- Olhos e ouvidos de misericórdia.
- O olhar da filiação divina.

---

OS DISCÍPULOS sobem para a barca com Cristo. Fica para trás a incompreensão dos fariseus. Talvez o Senhor tenha embarcado com um pouco de pena, pela dificuldade que implica muitas vezes tocar o coração do homem. E, talvez, enquanto se acomoda na cabeceira, entre redes e telas que usaria para se proteger de eventuais chuviscos, olha para a margem: muitas almas que veio salvar, não Lhe quiseram abrir a alma.

«O homem é um ser relacional. Se se interrompe a primeira e fundamental relação do homem – a relação com Deus – então já não resta nada mais que possa estar realmente em ordem. Desta prioridade trata a mensagem e a vida de Jesus. Ele quer, em primeiro lugar, chamar a atenção do homem para o núcleo do seu mal»<sup>[1]</sup>. A nossa tarefa é eminentemente espiritual; dirige-se a curar o mais profundo da alma – primeiro, a nossa – para, depois, poder oferecer o mesmo remédio santa aos que nos rodeiam. Daí que Cristo chame a atenção para a atitude dos fariseus e de Herodes. «Evitai com cuidado o fermento dos fariseus e o fermento de Herodes» (Mc 8, 15), dirá aos apóstolos, quando se afastaram da margem.

Eles reparavam somente no exterior, no cumprimento formal dos preceitos, e então tinham-se habituado a acusar os outros. Mas «primeiro há que tirar a viga do próprio olho, acusar-se a si próprio (...). Se algum de nós não tem capacidade de se acusar a si próprio, e depois, se é necessário, dizer

a quem se deva dizer as coisas dos outros, não é cristão; então, não entra nessa obra tão bonita de reconciliação, pacificação, ternura, bondade, perdão, magnanimidade e misericórdia que Jesus Cristo nos trouxe (...). Poupe os comentários sobre os outros e façamos comentários sobre nós próprios: este é o primeiro passo no caminho da magnanimidade»<sup>[2]</sup>.

---

JESUS CONTEMPLA com carinho aqueles homens que Ele próprio tinha elegido e pergunta-lhes «Porque estais a discutir que não tendes pão? Ainda não refletistes, nem entendestes?» (Mc 8, 17). E baixam os olhos ou encolhem os ombros como respondendo que não, que não conseguem seguir a linha do que lhes quer dizer. Acrescenta também: «Tendes a vossa inteligência obscurecida? Tendes olhos e não vedes; tendes ouvidos e não ouvistes?» (Mc 8, 18).

O Senhor estabelece uma conexão entre o coração, por um lado, e a capacidade autêntica de olhar e ouvir, por outro. Quando o coração está endurecido, tudo é visto com olhos humanos, só se ouve o que se quer ouvir; e, por fim, perde-se o horizonte sobrenatural da graça. Pode acontecer que, apesar de estarmos com Cristo na sua barca, no seu mundo, o desânimo nos invada por pensarmos que há coisas que nos faltam ou que tudo deveria ser diferente. Nesse caso, podemos contemplar como Jesus olhava e escutava e de que modo o seu coração estava sempre aberto ao diálogo com o seu Pai e a sentir-se interpelado pelos que o rodeiam.

«Visão sobrenatural! Calma! Paz! – recomendava S. Josemaria –. Olha assim para as pessoas, para as coisas, para os acontecimentos..., com olhos de eternidade»<sup>[3]</sup>. Quando nos assalte a tentação de nos convertermos nós próprios em juízes daquilo que nos rodeia, podemos recordar que «somos chamados, permanecendo na terra, a fixar o céu, a orientar a atenção, o pensamento e o coração para o mistério inefável de Deus. Somos chamados a olhar na direção da realidade divina, para a qual o homem está orientado desde a criação. Ali está contido o sentido definitivo da nossa vida»<sup>[4]</sup>. Então desenvolveremos, pouco a pouco, uma forma misericordiosa de olhar e de ouvir, cada vez mais semelhante à de Cristo.

---

DURANTE a vida experimentaremos frequentemente a nossa limitação, inclusivamente nos momentos de maior proximidade com o Senhor. «Estejamos sempre serenos – escrevia S. Josemaria –. Se somos piedosos e sinceros, não haverá penas duradouras e desaparecerão de todo essas outras que às vezes inventamos, porque não o são objetivamente. Viveremos com alegria, com paz, nos braços da Mãe de Deus, como seus filhos pequenos, que isso somos. De quando em quando, cada um tem no seu mundo interior um conflito pequeno, que a soberba se encarrega de tornar grande, para lhe dar importância, para nos arrancar a paz. Não façais caso dessas pequenas coisas. Dizei: sou um pecador, que ama Jesus Cristo»<sup>[5]</sup>.

O Mestre previne muitas vezes os seus discípulos para que não caiam naquela visão humana desprovida do verdadeiro sentido da sua missão salvadora e do seu poder. «Se nos colocamos perante Deus a perspectiva muda. Não podemos senão assombrar-nos de que sejamos para Ele, apesar de todas as nossas debilidades e os nossos pecados, filhos amados desde sempre e para sempre»<sup>[6]</sup>. A filiação divina «enche de esperança a nossa luta interior e dá-nos a simplicidade confiante dos filhos pequenos. Mais ainda: precisamente por sermos filhos de Deus, essa realidade leva-nos também a contemplar com amor e com admiração todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai, Criador»<sup>[7]</sup>.

Os discípulos preocupam-se porque não têm pão na barca, mas Jesus lembra-lhes que estão com Ele, e que Ele os multiplica sempre que quer. Podemos pedir à nossa Mãe para apurar cada vez melhor o nosso olhar para sermos cada vez mais sobrenaturais, para termos os olhos e ouvidos de filhos seus.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, *A infância de Jesus*, Principia Editora, Cascais 2012.

[2] Francisco, Homilia, 11/09/2015.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 996.

[4] Bento XVI, Homilia, 28/05/2006.

[5] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 15.

[6] Francisco, *Encontro com jovens em Atenas*, 06/12/2021.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 65.

## Quarta-feira da VI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da VI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus conta com aqueles que nos rodeiam; a oração ajuda-nos a olhar a realidade; felizes na terra e no céu.*

### Sumário

- Deus conta com aqueles que nos rodeiam.
- A oração ajuda-nos a olhar a realidade.
- Felizes na terra e no céu.

---

JESUS E OS SEUS DISCÍPULOS «chegam a Betsaida e trazem-lhe um cego, implorando-lhe que lhe toque» (Mc 8, 22). Os apóstolos André, Pedro e Filipe eram da mesma aldeia piscatória, situada junto ao Mar da Galileia. Provavelmente conheciam o cego e aqueles que o trouxeram até ao Senhor. O facto é que este não era um lugar que tivesse demonstrado grande fé em Jesus; na verdade, mais tarde, o Senhor lamentará a resposta de Corazim e Betsaida, apesar de terem testemunhado tantos milagres.

Talvez também nós, apesar de termos visto ou experimentado as obras de Deus, e de termos escutado tanto o Senhor, possamos por momentos ter uma fé fraca. Então agradecemos que Deus tenha colocado ao nosso lado pessoas, como os amigos do cego, que de alguma forma nos põem frente a Jesus, que nos falam d'Ele com palavras ou atos. Podemos pensar, por exemplo, «nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham para levar para casa o pão, nos doentes, nas religiosas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância para prosseguir no dia a dia (...). Esta é frequentemente a santidade "da porta ao lado", daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus»<sup>[1]</sup>.

«Um dia –não quero generalizar, abre o teu coração ao Senhor e conta-lhe a tua história– talvez um amigo, um cristão corrente como tu, te tenha desvendado um panorama profundo e novo, sendo ao mesmo tempo velho

como o Evangelho»<sup>[2]</sup>. Sempre de formas diferentes, é possível que esta cena se continue a repetir ao longo da nossa vida. De facto, Deus faz-se presente nas nossas relações e, se estamos atentos, através delas procura curar a nossa cegueira e fortalecer a nossa fé.

---

NAQUELA TARDE, Jesus «tomou o cego pela mão e conduziu-o para fora da aldeia, e pondo-lhe saliva nos olhos, impôs-lhe as mãos e perguntou-lhe: “Vês alguma coisa?”. Ele olhou para cima e disse: “Vejo homens como árvores andando”» (Mc 8, 22-24). Referindo-se àqueles primeiros gestos feitos pelo cego pela mão do Senhor – levantando os olhos da terra e vendo, pelo menos, entre as sombras – S. Jerónimo comenta: «maravilhosamente escreveu o Evangelista: “levantando os olhos”: aquele que, quando era cego, olhava para baixo, olhou para cima e foi curado. E “vejo os homens como árvores, andando” é equivalente a dizer: até agora só vejo as sombras, ainda não vejo a realidade»<sup>[3]</sup>.

Para levantar o olhar e descobrir a realidade autêntica, é necessário entrar em caminhos de oração. S. Josemaria aconselhava que um dos primeiros atos de serviço que se podia oferecer a quem fosse a um centro da Obra procurando reavivar a sua vida espiritual seria precisamente ajudá-los a rezar. «A princípio custará. É preciso esforçarmo-nos por nos dirigir ao Senhor, por lhe agradecermos a sua piedade paternal e concreta para conosco. A pouco e pouco o amor de Deus torna-se palpável – embora isto não seja coisa de sentimentos – como uma estocada na alma. É Cristo que nos persegue amorosamente: *eis que estou à porta e chamo*. Como anda a tua vida de oração? Não sentes às vezes, durante o dia, desejos de falar mais devagar com Ele? Não Lhe dizes: logo vou contar-te isto e aquilo; logo vou conversar sobre isso contigo? Nos momentos dedicados expressamente a esse colóquio com o Senhor, o coração expande-se, a vontade fortalece-se, a inteligência – ajudada pela graça – enche a realidade humana com a realidade sobrenatural»<sup>[4]</sup>.

Então, tal como o cego do Evangelho, levantaremos cada vez mais os olhos para o céu; e os contornos da realidade tornar-se-ão menos desfocados. «A oração é o alento da fé, a sua expressão mais apropriada.



Como um grito que vem do coração daqueles que acreditam e se confiam a Deus»<sup>[5]</sup>.

---

JESUS, CHEIO de paciência, «colocou-lhe novamente as mãos sobre os olhos, e ele começou a ver e ficou curado, de modo que viu todas as coisas claramente» (Mc 8, 25). A recompensa pela piedade que se acendeu no cego de Betsaida será maior do que ele poderia esperar: a primeira coisa que ele vê, depois da confusão das árvores, é o olhar do Filho de Deus. Talvez em poucos segundos, aquele que acabou de ser curado tenha tido uma amostra daquilo que nos sucederá a todos no céu, depois de uma vida inteira procurando Deus: «Será o momento de submergir no oceano do amor infinito, em que o tempo – o antes e o depois – já não existe. Só podemos tentar pensar que este momento é vida no sentido pleno, submergir-se de novo na imensidão do ser, ao mesmo tempo que estamos simplesmente a transbordar de alegria»<sup>[6]</sup>.

O caminho cristão, embora certamente tomando de forma realista os sofrimentos e dificuldades do presente, é um caminho alegre, porque olha para as coisas da perspectiva de Deus e sabe que conta com a sua constante companhia. S. Josemaria preveniu-nos sobre as visões da luta que colocam maior ênfase no sofrimento do que no consolo de Deus: «Nosso Senhor está na Cruz, mas não como algumas pessoas pensam. Alguns, quando lhes surge uma contradição, pensam que Jesus Cristo disse: estou aqui a sofrer, sofri vós!... Não! Ele disse: Eu sofro para que vós sejais felizes. Ele quer que sejamos felizes na eternidade e felizes na terra»<sup>[7]</sup>. Podemos pedir à nossa mãe, Maria, «uma fé forte, alegre e misericordiosa, que nos ajudará a ser santos, para que um dia possamos encontrar-nos com ela no Paraíso»<sup>[8]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 7.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 1.

[3] S. Jerónimo, *Comentário ao evangelho de S. Marcos*, V.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 8.

[5] Francisco, Audiência, 06/05/2020.

[6] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 12.

[7] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 26/05/1974.

[8] Francisco, Angelus, 15/08/2017.

## Quinta-feira da VI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da VI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: descobrir o verdadeiro Messias; a cruz fala-nos de quem é Jesus Cristo; o caminho da contrição.*

### Sumário

- Descobrir o verdadeiro Messias.
- A cruz fala-nos de quem é Jesus Cristo.
- O caminho da contrição.

---

AO AVANÇAR, pouco a pouco, no caminho cristão, há momentos em que nos encontramos perante duas perguntas que Jesus formula no Evangelho. Primeiro: quem dizem os homens que Eu sou? Para passar depois à pergunta que muda radicalmente a nossa vida: «Quem dizeis que Eu sou?» (cf. Mc 8, 28-29) Quem sou Eu para ti? Os apóstolos, no início, enquanto esperam que o Senhor responda por eles, vacilam. «Uns dizem João Batista; outros, Elias; e outros, um dos profetas». Não parece que tivessem uma posição clara. Pedro, audaz, contesta com firmeza: «Tu és o Messias». Aquelas palavras expressavam o auge da fé de Israel e, com ela, abraçavam o futuro e as expetativas da humanidade de todos os tempos.

«Com tudo, Pedro não tinha entendido ainda o conteúdo profundo da missão messiânica de Jesus, o novo sentido da palavra “Messias”. Demonstra-o pouco depois, dando a entender que o Messias que procurava nos seus sonhos é muito diferente do verdadeiro projeto de Deus. Perante o anúncio da Paixão, escandaliza-se e protesta, provocando a dura reação de Jesus. Pedro quer um Messias que realize as expetativas das pessoas, impondo a todos o seu poder. Também nós desejamos que o Senhor imponha o seu poder e transforme imediatamente o mundo (...). É a grande alternativa, que também nós devemos aprender sempre de novo: privilegiar as nossas expetativas, rejeitando Jesus ou acolher Jesus na verdade da sua missão e renunciar às nossas expetativas demasiado humanas»<sup>[1]</sup>.

Também nós, como aqueles primeiros discípulos, estamos chamados a descobrir pessoalmente o verdadeiro rosto de Jesus Cristo. Compreender a verdadeira natureza do seu Reino é uma tarefa que requer paciência e maturidade interior. Talvez nesta tarefa nos possa ajudar olhar para a vida dos santos: eles souberam renunciar às suas expectativas humanas para acolher as divinas.

---

NO CAMINHO que nos leva ao céu, convivem a fé alegre no Salvador, com a escuridão da cruz; a esperança de uma alegria para além de toda a medida humana, com as dificuldades inevitáveis do caminho que podem surgir também das nossas distrações. Uma parte não acontece sem a outra. «Como vivemos a fé? Permanece o amor de Cristo crucificado e ressuscitado no centro da nossa vida diária como fonte de salvação ou conformamo-nos com alguma formalidade religiosa para ter a consciência tranquila? Estamos apegados ao tesouro valioso, à beleza da novidade de Cristo ou preferimos algo que nesse momento nos atrai, mas que depois nos deixa um vazio dentro?»<sup>[2]</sup>.

O Senhor, para que a fé dos seus apóstolos amadurecesse, reuniu-os «e começou a ensinar-lhes que o Filho do homem tinha de sofrer muito, de ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas; de ser morto e ressuscitar três dias depois» (cf. Mc 8, 31). S. Josemaria, ao recordar os momentos de dificuldade que ele próprio tinha passado, referia que «a doutrina cristã sobre a dor não é um programa de fáceis consolações. Começa logo por ser uma doutrina de aceitação do sofrimento, inseparável de toda a vida humana. Não vos posso esconder – e com alegria, pois sempre preguei e procurei viver a verdade de que, onde está a Cruz está Cristo, o Amor – que a dor apareceu muitas vezes na minha vida; e mais de uma vez tive vontade de chorar (...). Quando vos falo de dor, não vos falo apenas de teorias. Nem me limito a recolher uma experiência de outros, quando vos confirmo que, se sentis, diante da realidade do sofrimento, que a vossa alma vacila algumas vezes, o remédio que tendes é olhar para Cristo. A cena do Calvário proclama a todos que as aflições hão de ser santificadas, se vivermos unidos à Cruz»<sup>[3]</sup>.

Não podemos traçar um perfil completo de Jesus sem olhar para a Cruz. Desfrutamos ao descobrir as alegrias diárias da sua vida oculta; a sua pregação e os seus milagres alimentam a nossa esperança; a ressurreição confirma-nos numa fé grande. Mas ver o Filho de Deus crucificado é parte essencial da vida de Jesus Cristo. Só então compreenderemos que Deus nos acompanha também na dor, na solidão e no sofrimento.

---

PARA RESPONDER a essa pergunta que todos nós sentimos no coração – quem é Jesus para nós – não é suficiente uma doutrina aprendida nos livros, mas supõe ter atravessado momentos bons e maus junto ao Senhor. De facto, S. Pedro é imediatamente corrigido pelo Senhor porque não consegue compreender que a cruz pode fazer parte do seu amor infinito. Inclusive mais tarde, o apóstolo «contemplou os milagres que fazia Jesus, viu os seus poderes (...), mas, num certo momento, Pedro negou Jesus (...). E foi precisamente nesse momento que aprendeu essa difícil ciência – mais que ciência, sabedoria – das lágrimas, do pranto»<sup>[4]</sup>. Trata-se do caminho da contrição que tanto nos aproxima do Senhor.

Não muito depois, após a ressurreição, numa nova confissão de fé nas margens do Mar da Galileia, Pedro «sentiu vergonha, recordou aquela tarde de Quinta-Feira Santa: as três vezes que tinha negado Jesus. Na praia de Tiberíades, Pedro não chorou amargamente como na quinta-feira, mas chorou»<sup>[5]</sup>. Desta vez, a sua dor transformou-se em confiança, numa fé mais madura. O maior dos apóstolos mostra-nos que nem sequer os nossos defeitos nos podem afastar de Jesus. A pergunta que o Senhor fez a Pedro – quem sou eu para ti? – só se compreende ao longo do caminho, que é um percurso de graça e de quedas, mas sempre junto de Jesus.

Reconhecemos também o Senhor quando tocamos os limites humanos ao descobrir que, com os nossos erros e faltas, o Senhor não se afasta de nós. A contrição, a dor que nos leva a limpar o olhar, permite ver com clareza que Deus é bom. Invocamos Maria como Rainha dos pecadores porque queremos ser cada vez mais conscientes de que necessitamos do perdão de Deus. Ela também está sempre connosco ao longo do caminho.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 17/05/2006.

[2] Francisco, Audiência, 01/09/2021.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 168.

[4] Francisco, Missa matutina, 20/02/2014.

[5] *Ibid.*

## Sexta-feira da VI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da VI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus traz luz no sofrimento; Deus correu o risco da nossa liberdade; unir a nossa vida à cruz de Cristo.*

### Sumário

- Jesus traz luz no sofrimento.
- Deus correu o risco da nossa liberdade.
- Unir a nossa vida à cruz de Cristo.

---

APÓS A CONFISSÃO de fé de Pedro, e depois de anunciar a sua Paixão e Morte, Jesus quer lançar luz sobre o sentido da dor na nossa vida. É verdade que o Filho de Deus ainda não tinha passado pela Cruz, mas já podia falar dela. Congrega os seus discípulos. Muitas outras pessoas se aglomeram para O escutar. «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Na verdade, quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há de salvá-la» (Mc 8, 34-35).

Não existe vida cristã que não passe pela cruz. Na realidade, não existe vida sobre a terra que possa poupar-se a fadigas e sofrimentos; todos experimentamos de perto, na nossa própria vida, a presença do mal, assim como a própria fragilidade e debilidade, como consequência do pecado. Sabemos, contudo, que ao princípio as cosas não eram assim. E essa harmonia foi a que Cristo quis, de certo modo, restabelecer, mas sempre respeitando a nossa liberdade de lhe abrir ou não a nossa alma.

«A Cruz de Jesus é a Palavra com que Deus respondeu ao mal do mundo. Às vezes parece-nos que Deus não responda ao mal, que permaneça calado. Na realidade, Deus falou, respondeu, e a sua resposta é a Cruz de Cristo: uma Palavra que é amor, misericórdia, perdão. É também julgamento: Deus julga amando-nos. Lembremo-nos: Deus julga amando-

nos. Se acolho o seu amor, estou salvo; se o recuso, estou condenado, não por Ele, mas por mim mesmo, porque Deus não condena, Ele unicamente ama e salva. A palavra da Cruz é também a resposta dos cristãos ao mal que continua a agir em nós e ao nosso redor. Os cristãos devem responder ao mal com o bem, tomando sobre si a cruz, como Jesus»<sup>[1]</sup>.

---

QUANDO S. JOSEMARIA contempla a cena da Via Sacra em que Jesus é condenado à morte, considera a capacidade que, nós, humanos, temos de aceitar ou não os seus desígnios, a nossa possibilidade de «dar curso» de modos muito diversos ao amor que Deus nos tem: «Que longe estão aqueles dias em que a palavra do Homem-Deus punha luz e esperança nos corações, aqueles longos cortejos de doentes que eram curados, as aclamações triunfais de Jerusalém, quando o Senhor chegou montado num manso burriquinho. Se os homens tivessem querido dar outro destino ao amor de Deus!»<sup>[2]</sup>.

«É um mistério da divina Sabedoria divina que, ao criar o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26), tenha querido correr o risco sublime da liberdade humana»<sup>[3]</sup>. «Este risco, desde os primórdios da História, conduziu efetivamente à rejeição do amor de Deus». Assim também, a liberdade «mantém-se como um bem essencial de cada pessoa humana, que é necessário proteger. Deus é o primeiro a respeitá-la e amá-la»<sup>[4]</sup>.

Considerando o decorrer da História humana, pode surpreender que, na própria origem, a pessoa tenha tomado livremente um caminho afastado da confiança no amor de Deus. Poderíamos até alguma vez pensar que seria melhor não ter «tanta liberdade» vendo como nos prejudicamos a nós mesmos. De facto, quando vemos que uma pessoa que nos é próxima não se dirige a um bom caminho, tantas vezes a quereríamos orientar noutra direção. É bom voltar o olhar para Deus e descobrir por que nos fez tão livres: a magnitude do risco que assume mostra por sua vez a magnitude do dom que é oferecido; só a partir da força da nossa liberdade pode surgir um amor verdadeiro que nos conduza à felicidade.

---



«SABEMOS QUE, na realidade, nada falta à eficácia imensa do sacrifício de Cristo. Mas o próprio Deus, na Sua Providência, que nunca compreenderemos plenamente, quer que participemos na aplicação da Sua eficácia. Isto é possível porque Ele nos fez participantes da filiação de Jesus ao Pai, pela força do Espírito Santo: “Ora, se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se com Ele sofreremos, para também com Ele sermos glorificados” (Rm 8, 17)»<sup>[5]</sup>.

Do lado aberto de Cristo na cruz manam os sacramentos da Igreja: ali está o maior tesouro de graça. Também podemos unir-nos pessoalmente à cruz de Jesus oferecendo cada coisa que fazemos unida ao sacrifício de Cristo, convertendo toda a nossa vida numa Missa. Do mesmo modo, «sempre que, bondosamente, vamos ao encontro de alguém que sofre, alguém que é perseguido e inerme, partilhando o seu sofrimento, ajudamos a levar a própria cruz de Jesus. E assim obtemos salvação, e nós mesmos podemos contribuir para a salvação do mundo»<sup>[6]</sup>.

Todos os santos deixaram crescer esta proximidade da cruz na sua vida. «Quer a Cruz. Quando de verdade a quiseres, a tua Cruz será... uma Cruz sem Cruz. E, com toda a certeza, tal como Ele, encontrarás Maria no caminho»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, palavras a seguir à Via Sacra no Coliseu, 29/03/2013.

[2] S. Josemaria, *Via Sacra*, 1.<sup>a</sup> estação.

[3] S. Josemaria, *Cartas* 37, n. 3.

[4] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018.

[5] Fernando Ocáriz, Mensagem, 20/09/2021.

[6] Bento XVI, *Via Sacra*, Meditação, 5.<sup>a</sup> estação, 2005.

[7] S. Josemaria, *Santo Rosário*, 4.º mistério doloroso.

---

## Sábado da VI semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da VI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a Transfiguração é um mistério que nos enche de luz; descer do Tabor para a existência quotidiana; na Santa Missa, enchemo-nos de luz.*

### Sumário

- A Transfiguração é um mistério que nos enche de luz.
- Descer do Tabor para a existência quotidiana.
- Na Santa Missa, enchemo-nos de luz.

---

QUANDO UMA PESSOA nos abre novas perspectivas para entendermos algum aspeto deste mundo, ou nos ajuda a compreender melhor a nossa própria vida, costumamos dizer que “nos trouxe alguma luz”. Antes disso, as coisas eram talvez um pouco mais obscuras e confusas. A Sagrada Escritura também usa com frequência o simbolismo da luz, e há passos do Evangelho que levam essa luminosidade à sua plenitude. S. Marcos conta-nos que «seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os, só a eles, a um monte elevado. E transfigurou-se diante deles. As suas vestes tornaram-se resplandecentes, de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia branquear assim» (Mc 9, 2-3). A figura de Jesus Cristo fica cheia de luz, não há ali qualquer mistura de escuridão. E como se isso não bastasse, os discípulos ouvem a voz de Deus Pai. Tudo no Tabor se torna um mistério luminoso.

«A Transfiguração convida-nos a abrir os olhos do coração ao mistério da luz de Deus, presente em toda a História da Salvação. Já no início da Criação, o Todo-Poderoso diz: “*Fiat lux*”, “Faça-se a luz” (Gn 1, 3), e a luz foi separada das trevas (...). A luz é um sinal que revela algo de Deus: é como o reflexo da Sua glória, que acompanha as Suas manifestações. Quando Deus aparece, “o Seu esplendor é como a luz, das Suas mãos saem raios” (Hab 3, 4). A luz, diz-se nos Salmos, é o manto com que Deus se

envolve (cf. Sl 104, 2). No livro da Sabedoria, o simbolismo da luz é usado para descrever a própria essência de Deus: a sabedoria, a efusão da glória de Deus, é “um reflexo da luz eterna”, superior a toda a luz criada (cf. Sb 7, 27.29 ss). No Novo Testamento, Cristo constitui a manifestação plena da luz de Deus. A Sua ressurreição derrotou para sempre o poder das trevas do mal. Com Cristo ressuscitado, a verdade e o amor triunfam sobre a mentira e o pecado. N’Ele a luz de Deus ilumina agora definitivamente a vida da humanidade e o caminho da História. “Eu sou a luz do mundo”, diz Ele no Evangelho, “quem Me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12)»<sup>[1]</sup>.

---

EM 1931, em Madrid, enquanto celebrava a Missa na festa da Transfiguração do Senhor, S. Josemaria viveu um momento especial. Talvez considerando aquela luminosidade do Tabor, o fundador do Opus Dei compreendeu com muita clareza que, daí para a frente, os cristãos correntes seriam apóstolos com a missão de atrair a Cristo todas as atividades do mundo.

Escreve nas suas notas pessoais daquele dia: «Chegou o momento da Consagração: no momento de levantar a Sagrada Hóstia, sem me distrair – acabava de fazer *in mente* a oferta ao Amor Misericordioso –, veio-me ao pensamento, com extraordinária força e clareza, aquela passagem da Escritura: *et si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum* (Jo 12, 32), “quando for exaltado sobre a terra, atrairei tudo a Mim”. Normalmente, perante o sobrenatural, tenho medo. Depois vem o *ne timeas!* Sou Eu. E compreendi que seriam os homens e as mulheres de Deus que levantarão a Cruz com a doutrina de Cristo sobre o cume de toda a atividade humana»<sup>[2]</sup>.

«No acontecimento da Transfiguração, contemplamos o encontro misterioso da História, que se constrói diariamente, com a herança bem-aventurada que nos espera no Céu, na plena união com Cristo, Alfa e Ómega, princípio e fim (...). Tal como os discípulos, também nós devemos descer do Tabor para a vida quotidiana, onde os acontecimentos humanos interpelam a nossa fé. No monte, nós vimos. Nos caminhos da vida, somos chamados a proclamar incansavelmente o Evangelho, que ilumina os passos dos crentes»<sup>[3]</sup>.

---

A MISSÃO DO CRISTÃO consiste em «acender pequenas luzes no coração das pessoas; ser pequenas lâmpadas do Evangelho, carregando um pouco de amor e esperança»<sup>[4]</sup>. Na mesa de trabalho de S. Josemaria, costumava haver, como *despertador* da presença de Deus, uma peça que conduz a eletricidade de um lado para o outro, evitando que se desvie da corrente. Nós, cristãos, somos chamados a ser transmissores da luz que trazemos dentro. «Apesar das nossas pobres misérias pessoais, escreveu o fundador do Opus Dei, somos portadores de essências divinas de um valor incalculável: somos instrumentos de Deus. E como queremos ser bons instrumentos, quanto mais pequenos e miseráveis nos sentirmos, com verdadeira humildade, mais Nosso Senhor porá tudo o que nos falta»<sup>[5]</sup>.

Um dos momentos mais luminosos do nosso dia, em que nos unimos totalmente a Deus e ouvimos a Sua voz, é a Santa Missa. Nela, o presente fica de alguma forma transfigurado. Através da liturgia, o mundo como que entra na claridade do Céu.

Através da liturgia, o mundo entra na clareza do céu. A proximidade de Cristo irrompe no nosso dia. Ali podemos procurar orientação para a nossa vida, luz para a nossa alma, a renovação dos nossos afetos. *Sursum corda*, dizemos antes do prefácio: corações ao alto, como aconteceu naquele dia com Pedro, Tiago e João, no Tabor. E como ficaram cheios de luz e de alegria, não queriam que esse momento acabasse. Santa Maria, Rainha dos Anjos, deve ter partilhado tantos momentos de claridade junto de Cristo, dos quais não temos registo. Podemos pedir-lhe que ilumine o nosso coração quando descobrirmos nele algum recanto de escuridão.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 06/08/2006.

[2] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 207.

[3] S. João Paulo II, Encontro, 06/08/2001.

[4] Francisco, Angelus, 06/08/2017.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 2, n. 26.

## VII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no VII domingo do Tempo Comum (Ciclo A). Os temas propostos são: a santidade de Deus; Jesus é o caminho; amar os inimigos.*

### Sumário

- A santidade de Deus.
- Jesus é o caminho.
- Amar os inimigos.

---

A VONTADE do Senhor é compartilhar com os homens a Sua vida divina. Deus encarrega Moisés de transmitir este Seu desejo aos filhos de Israel: «Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo» (Lv 19, 1). O chamamento à santidade também está presente desde o início na pregação de Jesus. Nas margens do Mar da Galileia, o Mestre propõe às multidões um elevado modelo de vida: «sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48).

Estas palavras podem soar surpreendentes, pois não há um dia em que não sintamos a nossa imperfeição, os nossos limites e os nossos erros. Ao conhecer, mesmo que superficialmente, a fragilidade que nos costuma acompanhar, é fácil preocuparmo-nos: como posso aspirar a essa perfeição de que Jesus fala? Ou melhor, de que tipo de perfeição fala o Senhor? Certamente, não se trata do perfeccionismo humano, mas do modo de ser de um Deus que é amor, gratuidade e misericórdia. Esta certeza fez S. Josemaria exclamar: «Dá-me, Senhor, o amor com que queres que Te ame»<sup>[1]</sup>. O amor não é um recurso próprio, mas um presente que recebemos de Deus para compartilhar. «Quem acolhe o Senhor na própria vida e O ama com todo o coração é capaz de um novo início. Consegue cumprir a vontade de Deus: realizar uma nova forma de existência animada pelo amor e destinada à eternidade»<sup>[2]</sup>.

Procurarmos encher-nos da santidade de Deus e da Sua perfeição, tão diferente da que imaginamos, não é uma meta inatingível, porque temos a ajuda do Espírito Santo. «Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?» (1Cor 3, 16), recorda S. Paulo aos Coríntios. «A santidade cristã não é, primariamente, obra nossa, mas fruto da docilidade (...) o Espírito Santo pode purificar-nos, pode transformar-nos, pode moldar-nos dia após dia»<sup>[3]</sup>.

---

COM A ENCARNAÇÃO de Deus em Seu Filho Jesus Cristo, este ideal de perfeição não é abstrato, mas toma corpo. Em Cristo, Deus fez-Se carne para estar perto de cada homem, para nos revelar o Seu amor infinito de uma forma muito compreensível. No Seu Filho, chama-nos a uma vida de proximidade, de comunhão com Ele. «A santidade de Deus é-nos comunicada em Cristo»<sup>[4]</sup>. Jesus é a fonte de toda a santidade, porque «todos nós participamos da Sua plenitude, recebendo graças sobre graças» (Jo 1, 16).

A nossa perfeição não está, portanto, apenas em perseguir objetivos que são alcançados com muito esforço. Embora isso esteja presente, aquela perfeição à qual Deus nos chama é, antes, abrir-nos a compartilhar esse caminho com Jesus, segui-Lo de perto, viver como Ele viveu e ser testemunhas dessa alegria.

«O grande segredo da santidade reduz-se a parecer-se cada vez mais com Ele, que é o único e amável Modelo»<sup>[5]</sup>. Se deixarmos Jesus habitar em nós, aprenderemos a viver como verdadeiros filhos de Deus; porque, como ensina S. Josemaria, a santidade nada mais é do que a «plenitude da filiação divina»<sup>[6]</sup>.

Em cada Eucaristia –onde revivemos a morte e ressurreição de Jesus– proclamamos esta santidade que é o próprio Deus: “Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus do universo”. Ele, que é três vezes santo, permite-nos participar da Sua própria santidade. Dando-nos o Seu Corpo e o Seu Sangue, podemos conseguir o que seria totalmente impossível com as nossas próprias forças: tornarmo-nos um com Cristo, até chegarmos à plena identificação com Ele. Recebemos, pois, no Senhor, todas as riquezas de



Deus, como nos recorda S. Paulo: «Tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (1Cor 3, 22-23).

---

A SANTIDADE que Deus nos dá, tornando-nos um pouco mais semelhantes a Ele, está orientada para um dom gratuito e generoso aos nossos irmãos. Jesus encoraja-nos a amar como Ele nos amou, tentando preencher com o nosso amor o vazio dos corações que nos cercam. «Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas» (Mt 5, 39-41). A proposta de Jesus é tão radical que inclui algo que, humanamente falando, parece uma quimera: amar os inimigos. Ou seja, aqueles que nos ofenderam, não pensam como nós, complicam a nossa vida ou, simplesmente, achamos antipáticos. Se isto «dependesse apenas de nós, seria impossível. Mas lembremo-nos de que quando o Senhor pede algo, quer dá-lo». E não só nos ajuda, mas também nos deu o exemplo pedindo perdão por aqueles que O crucificaram (cf. Lc 23, 34).

Escrevia S. Josemaria: «Se temos de amar também os inimigos –refiro-me aos que nos colocam entre os seus inimigos; eu não me sinto inimigo de ninguém nem de nada– com maior razão teremos de amar os que apenas estão afastados, os que nos são menos simpáticos, os que pela sua língua, pela sua cultura ou pela sua educação parecem o oposto de ti ou de mim»<sup>[7]</sup>. Desta forma, a verdadeira santidade assume a forma de amar uma pessoa que se opõe a nós ou fala mal de nós, saudar outra pessoa que talvez acreditemos não merecer, ou perdoar quando algo nos magoou. «Eis a novidade do Evangelho, que muda o mundo sem fazer rumor»<sup>[8]</sup>. Além disso, também nós teremos que pedir perdão muitas vezes, com ou sem razão, para restabelecer a unidade, que é o mais importante. Podemos recorrer a Maria para nos ajudar a amar os nossos irmãos de todo o coração.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 270.

- [2] Bento XVI, *Angelus*, 20/02/2011.
- [3] Francisco, *Homilia*, 23/02/2014.
- [4] S. João Paulo II, *Homilia*, 18/02/1996.
- [5] S. Josemaria, *Forja*, n. 752.
- [6] S. Josemaria, *Carta* 10, n. 8.
- [7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 230
- [8] Bento XVI, *Homilia*, 18/02/2007.

## VII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no VII domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: um programa de Cristo para dilatar o coração; abafar juízos com gratidão e alegria; somos todos chamados a amar os nossos inimigos.*

### Sumário

- Um programa de Cristo para dilatar o coração.
- Abafar juízos com gratidão e alegria.
- Somos todos chamados a amar os nossos inimigos.

---

«UMA MEDIDA BOA, cheia, recalcada e a transbordar vos será lançada nas dobras do vosso vestido» (Lc 6, 38). São estas palavras que Jesus usa para descrever o número de dons com que Deus, como um bom Pai, nos quer encher. E para receber tantos bens, teremos que dilatar o nosso coração e torná-lo adequado a essa riqueza. O Senhor aponta todo um programa de crescimento para a nossa capacidade de receber: «Amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar nada por isso (...); sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados. Perdoai e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á» (Lc 6, 35-38). O que Jesus nos promete lembra-nos um pouco o que pedimos na oração eucarística durante a Missa: «Que aqueles de nós que recebemos o Corpo e o Sangue do teu Filho, como participamos deste altar aqui, sejamos cheios de graça e bênção»<sup>[1]</sup>.

Talvez possa parecer um pouco difícil para nós trilharmos esse caminho que Jesus nos indica para ampliar o coração: amar aqueles que não nos amam, perdoar, não julgar, dar sem esperar retribuição... No entanto, as palavras de Cristo são claras. Deus quer, de alguma maneira, “caber” no nosso interior, até podermos repetir S. Josemaria: «Meu Deus, que alegria! Como és grande, e formoso, e bom! E eu, que tolo eu sou, que pretendia entender-te. Que pouca coisa serias, se coubesses na minha cabeça! Cabe-

me no coração, o que não é pouca coisa»<sup>[2]</sup>. Somos filhos queridíssimos de Deus e não queremos renunciar a essa dignidade incomparável, não queremos pôr obstáculos ao teu desejo de nos amar sem medida. Diz Santo Ambrósio: «Tu também, se fechas a porta da tua alma, deixas Cristo de fora. Embora Ele tenha o poder de entrar, Ele não quer, no entanto, ser inoportuno, Ele não quer obrigar à força»<sup>[3]</sup>. Essas palavras de Cristo, que provavelmente nos custarão esforço para pôr em prática, são capazes de preparar o nosso coração para que Deus possa reinar nele.

---

UMA DAS COISAS que Jesus recomenda para que o nosso coração seja capaz de receber todo o carinho do nosso Pai Deus é não julgar os outros: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados» (Lc 6, 37). Muitas vezes acontece que, quando criticamos, é porque antes nos julgamos a nós próprios com um olhar errado. É muito mais fácil falar mal das pessoas quando não olhamos para nós mesmos ou para os outros com os olhos de Deus. «O dedo que apontamos e o juízo que fazemos dos outros são muitas vezes um sinal da nossa incapacidade de aceitar a nossa própria fraqueza, a nossa própria fragilidade»<sup>[4]</sup>.

«Por que razão, ao julgar os outros, pões na tua crítica a amargura dos teus próprios fracassos?»<sup>[5]</sup>, pergunta S. Josemaria. «O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo, enquanto o Espírito o traz à luz com ternura. A ternura é a melhor maneira de tocar o que é frágil em nós (...). Paradoxalmente, até o Maligno nos pode dizer a verdade, mas, se o faz, é para nos condenar. Sabemos, no entanto, que a Verdade que vem de Deus não nos condena, mas sim nos acolhe, nos abraça, nos sustenta, nos perdoa»<sup>[6]</sup>.

A falta de paz interior atua como uma lente de aumento para procurar os defeitos dos outros. A tristeza interior, que nasce de não aceitar as nossas limitações com serenidade, muitas vezes encontra uma via de escape no juízo crítico. Duas atitudes nos podem servir para seguir a indicação de Jesus para julgar menos e, em consequência, dar a Deus mais espaço nos nossos corações. Por um lado, agradecer tudo o que nos cerca como um presente de Deus. E, por outro lado, procurar descobrir e alegrar-nos com os

dons que Deus dá aos outros. Então, afogaremos o mal dos nossos juízos com abundância de gratidão e alegria<sup>[7]</sup>.

---

NÃO É DIFÍCIL pensar que o convite de Jesus para amar os inimigos é algo excepcional, heroico ou fora do comum. Não é difícil cair na tentação de pensar que é um convite para os outros, não para si mesmo. O dano que alguém nos fez, seja grande ou pequeno, se não conseguirmos passá-lo pelo coração de Cristo, pode converter-se num autêntico impedimento para receber os dons de Deus. Temos dificuldade em perdoar. No entanto, as palavras de Jesus são inequívocas: «Amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar nada em troca» (Lc 6, 35). Para amar como Deus, precisamos de ser libertados dos limites estreitos da nossa dimensão e entrar na lógica divina.

«Qual é o sentido destas palavras? Porque é que Jesus pede para amar os nossos próprios inimigos, ou seja, um amor que excede a capacidade humana? (...). A misericórdia de Deus, que se fez carne em Jesus, é a única que pode "desequilibrar" o mundo do mal para o bem, a partir do pequeno e decisivo "mundo" que é o coração do homem (...). Para os cristãos, a não-violência não é um mero comportamento tático, mas sim um modo de ser da pessoa, a atitude de alguém que está tão convencido do amor de Deus e do Seu poder, que não tem medo de enfrentar o mal unicamente com as armas do amor e da verdade (...). Este é o heroísmo dos "pequenos", que acreditam no amor de Deus e o difundem, mesmo à custa da sua própria vida»<sup>[8]</sup>.

Santa Maria encarnou todas as atitudes que Cristo nos recomenda para nos dar exemplo de magnanimidade. Não podemos imaginá-La a julgar os outros, a fazer aceção de pessoas, ou a recusar-se a perdoar. É por isso que Ela foi capaz de trazer a Deus no Seu seio. Podemos pedir à nossa Mãe que nos faça cada vez mais parecidos com ela.

---

## NOTAS

[1] Oração Eucarística I.

[2] S. Josemaria, Notas de uma reunião de família, 9-VI-1974.

[3] Sto. Ambrósio, Comentário sobre o Salmo 118, 12.13-14.

[4] Francisco *Patris corde*, n. 2.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 52.

[6] Francisco *Patris corde*, n. 2.

[7] cf. S. Josemaria, *Sulco*, n. 864.

[8] Bento XVI, *Angelus*, 18-II-2007.

## Segunda-feira da VII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na segunda-feira da VII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: rezar com a confiança de que Deus sabe mais; a generosidade de Deus é maior do que os nossos desejos; a oração dos filhos de Deus.*

### Sumário

- Rezar com a confiança de que Deus sabe mais.
- A generosidade de Deus é maior do que os nossos desejos.
- A oração dos filhos de Deus.

---

«MESTRE, trouxe-te o meu filho que tem um espírito mudo (...) Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram» (Mc 9, 17-18). A angústia levou este bom pai aos pés de Jesus. Tinha recorrido aos seus discípulos, mas eles, incapazes de enfrentar-se com essa situação, não puderam ajudá-lo. «O Senhor quer que peçamos muito: apresenta-nos tantos exemplos de teimosia no santo Evangelho! Gente que lhe arranca os milagres à força de pedir; por vezes pondo-se diante d'Ele, com as suas misérias que clamam»<sup>[1]</sup>.

Perante a impotência dos discípulos, a fé do pai parece vacilar; no entanto, abre o seu coração a Cristo e confia-lhe os seus desejos com simplicidade: «Mas, se podes alguma coisa, socorre-nos, tem compaixão de nós» (Mc 9, 22). Na altura, Jesus exclama: «Se podes...! Tudo é possível a quem crê». Jesus quer realizar os milagres ansiados pelas pessoas; mais ainda, quer superar as suas expectativas, mas necessita de que aquelas almas abram as portas com fé. Em todo o tipo de dificuldades, «podemos fazer muito: rezar, rezar e rezar! E depois, na medida do possível, fazer o que está na nossa mão. E, por cima disto, temos de contar com a Providência divina, que é outro modo de fazer e de deixar fazer»<sup>[2]</sup>.

A oração não é uma fórmula para obter o que desejamos; é, antes, um modo de nos prepararmos para receber os dons que Deus quer enviar-nos. Além disso, os planos divinos também contam com a nossa oração de intercessão para poderem ser levados a cabo, da mesma maneira que contam com as nossas ações. Aquele pai do Evangelho pede ajuda com humildade a Jesus, mas reconhecendo que o Senhor sabe mais.

---

A ORAÇÃO é o caminho para compreender que Deus é o verdadeiro protagonista da missão. «Pode tornar-se-nos estranho –escreveu Sto. Agostinho– que aquele que conhece as nossas necessidades antes de lhas expormos nos exorte a orar. O nosso Deus e Senhor não pretende que lhe manifestemos os nossos desejos, pois ele seguramente não pode desconhecê-los; mas e pretende que, pela oração, aumente a nossa capacidade de desejar, para assim nos tornarmos mais capazes de receber os dons que nos prepara. Os seus dons, com efeito, são muito grandes, e a nossa capacidade de receber é pequena»<sup>[3]</sup>.

«Falo a cada um –pregava S. Josemaria em 1966– para vos recordar que há que rezar, rezar muito! Rezar durante todo o dia e durante toda a noite. Se dormes normalmente de um sono único, oferece esse sono; e se alguma vez acordas, levanta em seguida o coração a Deus»<sup>[4]</sup>. O sono, na maior parte das vezes, não tem mérito nenhum. No entanto, saber-nos olhados e queridos por Deus em cada coisa que fazemos, também enquanto dormimos, converte toda a nossa vida numa oferenda, enchendo-a de fruto. Que não fará, então, com os nossos desejos de O servir!

Por isso, se nos torna tão benéfico repetir a súplica deste bom pai a Jesus: «Eu creio! Ajuda a minha pouca fé!» (Mc 9, 24). Se a nossa petição desejasse conseguir de Deus uma confirmação dos nossos desejos ou aspirações, estaríamos a limitar a Sua generosidade, sempre maior do que imaginamos. «Ponde-me à prova –diz o Senhor do universo– e vereis se não vos abro os reservatórios do céu e não espalho em vosso favor a bênção em abundância. (Ml 3, 10).

---



«SENHOR, TU puseste-me aqui, Tu confiaste-me isto ou aquilo. Resolve Tu tudo o que seja necessário resolver, porque é teu e porque eu sozinho não tenho forças. Sei que és meu pai, e sempre vi que as crianças, que os filhos estão confiantes nos seus pais: não têm preocupações, nem sequer sabem que têm problemas, porque os seus pais lhes dão tudo resolvido. Meus filhos, com esta firme confiança temos de viver e temos de rezar sempre, porque é a única arma com que contamos e a única razão da nossa esperança»<sup>[5]</sup>.

Para quem se aproximasse do calor do Opus Dei, S. Josemaria queria que aprendessem a ter uma oração de filhos, queria que a relação com Deus fosse a de quem sabe que tudo recebe do Alto. A generosidade brota mais facilmente quando tem diante um coração agradecido. Pelo contrário, se pedirmos como quem exige um direito, fundado nos nossos presumíveis méritos ou até nas nossas orações, fá-lo-emos sempre com um ânimo empequenecido. Deus quer que peçamos como filhos que descansam nessa divina filiação.

«Maria encontra-se em oração, quando o Arcanjo Gabriel lhe vai levar o anúncio a Nazaré. O seu “eis-me!”, pequeno e imenso, que naquele momento faz saltar de alegria toda a criação, na história da salvação tinha sido precedido por muitos outros “eis-me!” (...). Não há melhor maneira de rezar do que colocar-se, como Maria, em atitude de abertura, de coração aberto a Deus»<sup>[6]</sup>. «Maria, Mestra da oração. – Olha como pede a seu Filho em Caná. E como insiste, sem desanimar, como perseverança. – E como consegue»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, citado em Julián Herranz, *En las afueras de Jericó*, Rialp, Madrid 2007, p. 172.

[2] *Ibid.*, pp. 177-178.

[3] Sto. Agostinho, *Carta a Proba*, n. 130.

[4] S. Josemaria, citado em Javier Echevarría, *Lembrando o Bto. Josemaria Escrivá*, Lisboa, Diel 2000, p. 160.

[5] *Ibid.*, p. 166.

[6] Francisco, Audiência, 18/11/2020.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 502.

## Terça-feira da VII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na terça-feira da VII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o verdadeiro Messias; as ambições dos apóstolos; tornar agradável a convivência.*

### Sumário

- O verdadeiro Messias.
- As ambições dos apóstolos.
- Tornar agradável a convivência.

---

NO IMAGINÁRIO popular dos israelitas no tempo de Jesus, o Messias esperado seria um líder chamado a conduzir o povo para a libertação do domínio estrangeiro de forma a instaurar depois uma nova ordem política. Por isso, é fácil imaginar a perturbação dos Apóstolos quando o Senhor lhes anuncia a sua Paixão: «O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens que o hão de matar» (Mc 9, 31). O Messias não vai ser um triunfador, humanamente falando. Apesar de Jesus acrescentar também a luminosa profecia da sua ressurreição – «mas, três dias depois de ser morto, ressuscitará» (Mc 9, 31) –, os discípulos ainda não estão preparados para aceitar este evento e assimilar o seu significado profundo. O evangelista comenta que «eles não entendiam esta linguagem e tinham receio de o interrogar» (Mc 9, 32).

Muitas vezes pode acontecer termos uma ideia preconcebida da realidade. E, mesmo sabendo que essa visão é imperfeita ou precipitada, nem sempre é fácil alterá-la. Por detrás desta atitude, pode esconder-se um certo medo de que a verdade contradiga os nossos desejos ou os nossos planos e se foque em aspetos da nossa vida que reclamam uma conversão. O exame de consciência é um bom momento para «reler com calma o que acontece no nosso dia, aprendendo a observar nas avaliações e escolhas aquilo a que damos mais importância, o que procuramos e porquê, e o que

afinal encontramos. Aprendendo sobretudo a reconhecer o que sacia o meu coração»<sup>[1]</sup>.

«Que eu veja com os teus olhos, Cristo meu, Jesus da minha alma»<sup>[2]</sup>: assim rezava S. Josemaria, sobretudo nos últimos anos da sua vida. Podemos pedir ao Senhor a valentia de querermos sempre converter-nos e que nesses momentos de exame purifique o nosso coração para encontrarmos o verdadeiro Messias na nossa vida habitual.

---

A IDEIA de um Messias mundano estava tão enraizada nos Apóstolos que eles ignoraram as palavras do Senhor e puseram-se a comentar um assunto que realmente os preocupava: que lugar teria cada um no futuro reino e a qual deles daria Jesus maior autoridade. Entretiveram-se com estas conversas enquanto percorriam os caminhos da Galileia. Quando chegaram a Cafarnaum, o Senhor perguntou-lhes o que discutiam pelo caminho. Eles ficaram em silêncio, talvez envergonhados por terem conversado nas suas costas com uma lógica diferente da dos ensinamentos do Mestre.

Jesus decidiu então, com paciência, partilhar e ensinar o seu modo de pensar: «Sentando-se, chamou os Doze e disse-lhes: “Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servo de todos”. E, tomando um menino, colocou-o no meio deles, abraçou-o e disse-lhes: “Quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber, não me recebe a mim, mas àquele que me enviou”» (Mc 9, 35-37).

O Senhor põe um menino no centro para conseguirmos compreender que, para entrar no Reino, é necessário sermos menos calculistas e mais despreocupados, fazermo-nos pequenos e simples; que devemos abandonar as ambições e inquietações nas mãos de Deus. A verdadeira autoridade não está em dominar os outros, mas em servir todos. Cristo não nos ensina a renunciar a uma espécie de mediocridade ou a negar os próprios talentos; recorda-nos a necessidade de orientar os nossos pensamentos, desejos e esforços para o mais importante: o amor a Ele e aos outros, que se manifesta no serviço. Com S. Josemaria, podemos repetir: «Jesus, que eu seja o último em tudo... e o primeiro no Amor»<sup>[3]</sup>.

---

CRISTO apresenta-se como servo de todos: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos» (Mc 10, 45). Também nós podemos converter a nossa vida numa continuação desse serviço de Cristo aos outros: enquanto realizamos o nosso trabalho, na vida familiar e nas nossas relações de amizade.

A caridade, que é o que move ao serviço autêntico, pode concretizar-se nos esforços de cada dia por tornar a vida um pouco mais agradável àqueles que nos rodeiam. «Ganhar em afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza e em todas as virtudes que tornam amável o relacionamento – escreve o prelado do Opus Dei – é importante para que as pessoas possam sentir-se acolhidas e ser felizes»<sup>[4]</sup>. Assim manifestou Jesus Cristo o seu desejo de servir todos os homens: escutando as pessoas que se aproximavam d'Ele, explicando pacientemente os seus ensinamentos às gentes, lavando os pés dos Apóstolos, compadecendo-se das necessidades dos que O seguiam...

«Repeti muitas vezes – dizia S. Josemaria – que quero ser *ut iumentum*, como um jumento diante de Deus –. E essa deve ser a tua atitude e a minha, mesmo que nos custe. Peçamos humildade à Santíssima Virgem, que se chamou a si própria *ancilla Domini*. Serviço. Com que devoção dizeis *serviam!* cada dia? É só uma palavra ou é um grito que sai do fundo da alma?»<sup>[5]</sup>. No trabalho e nas restantes ocupações podemos exercitar essas virtudes que nos levam a alegrar o dia aos outros, tornando-os participantes do amor de Deus que nos move.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 05/10/2022.

[2] S. Josemaria, Apontamentos de uma meditação, 19/03/1975.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 430.

[4] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/11/2019.

[5] *Ibid.*

## Quarta-feira da VII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quarta-feira da VII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: viver em comunhão com os outros; apreciar aquilo que nos une às outras pessoas; a diversidade manifesta a perfeição divina.*

### Sumário

- Viver em comunhão com os outros.
- Apreciar aquilo que nos une às outras pessoas.
- A diversidade manifesta a perfeição divina.

---

OS DISCÍPULOS ainda têm dificuldade em entender Jesus, especialmente quando lhes fala da Paixão e Morte que O espera. Continuam a reger-se apenas pela visão humana. Amam Jesus Cristo, sem dúvida, mas ainda não de modo incondicional, antes projetam n'Ele as suas expectativas terrenas. Contudo, é inegável que são sempre sinceros, a sua atitude é a de quem quer aprender. Dizem ao Senhor, com simplicidade e clareza, tudo o que pensam, tudo o que se perguntam no seu interior. Contam-Lhe as coisas de que falam entre si e relatam-Lhe as suas deslocações apostólicas. Em certa ocasião, «João disse-lhe: 'Mestre, vimos um homem expulsar demónios em Teu nome, alguém que não nos segue, e quisemos impedi-lo porque não nos segue'. Jesus disse-lhes: 'Não o impeçais, porque não há ninguém que faça um milagre em Meu nome e vá logo a seguir dizer mal de Mim. Quem não é contra nós é por nós'» (Mc 9, 38-40).

Podemos imaginar a paciência do Senhor ao fazer-lhes esta correção. Talvez se divertisse um pouco com estes primeiros passos daqueles que tinha escolhido para serem Apóstolos. Os discípulos atuavam com boa intenção, mas ainda lhes faltava aproximarem-se do núcleo das realidades, descobrirem os múltiplos estratos da verdade. Ainda viam a realidade de forma muito básica, como que a preto e branco. Mas Jesus mostra-lhes que ela possui um riquíssimo colorido, e que aquele homem que fazia o bem em

Seu nome não era tão alheio a Cristo como parecia. «Que grande coisa é compreender uma alma!»<sup>[1]</sup>, exclamava Sta. Teresa de Jesus. Qualquer pessoa disposta a fazer o bem merece o nosso delicado respeito, interesse, empatia e afeto. «Em virtude de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus, que é comunhão e comunicação-de-Si, trazemos sempre no coração a nostalgia de viver em comunhão, de pertencer a uma comunidade. Como afirma São Basílio, "nada é tão específico da nossa natureza como entrarmos em relação uns com os outros, termos necessidade uns dos outros"»<sup>[2]</sup>.

---

SANTO AGOSTINHO escreveu que, tal como na Igreja Católica «se pode encontrar aquilo que não é católico, assim fora da [Igreja] Católica pode haver algo de católico»<sup>[3]</sup>. Cada manifestação do bem no mundo é motivo de alegria para quem ama a origem de todo o bem. Na passagem do Evangelho que contemplamos, «a atitude dos discípulos de Jesus é muito humana, deveras comum, e podemos encontrá-la nas comunidades cristãs de todos os tempos, provavelmente até em nós mesmos. Em boa-fé, aliás, com zelo, gostaríamos de proteger a autenticidade de uma certa experiência (...). E então não conseguimos apreciar o bem que os outros praticam»<sup>[4]</sup>.

S. Josemaria, falando com uma pessoa que vivia numa zona com poucos católicos, disse: «Na tua terra, há muitos que não são cristãos, mas que pertencem de alguma forma à Igreja, pela sua retidão e pela sua bondade. Estou certo de que, se soubessem o que é a fé católica, quereriam ser católicos (...). Nós pertencemos ao corpo da Igreja: somos uma parte desse corpo maravilhoso. E eles, se cumprem a lei natural, têm como que um batismo de desejo»<sup>[5]</sup>.

O espírito de comunhão leva-nos a focar-nos em tudo o que nos une aos outros, e não naquilo que nos separa. Jesus convida os Seus discípulos «a não pensar segundo as categorias de 'amigo/inimigo', 'nós/eles', 'quem está dentro/quem está fora', 'meu/teu', mas sim a ir mais além, a abrir os nossos corações para podermos reconhecer a sua presença e a ação de Deus também em ambientes insólitos e imprevisíveis, e em pessoas que fazem parte do nosso círculo. É uma questão de estarmos mais atentos à realidade



do bem, do belo e do verdadeiro que se faz, do que ao nome e à proveniência de quem que o faz»<sup>[6]</sup>.

---

NA ORDEM NATURAL, Deus criou uma multidão imensa de anjos; muitas galáxias e planetas; incontáveis espécies de animais, vegetais e minerais. Não é, pois, de estranhar que, na ordem sobrenatural, o Espírito Santo tenha suscitado, ao longo dos séculos, inúmeros carismas que enriquecem a Sua Igreja de uma forma maravilhosa. É evidente que o Senhor ama a pluralidade, provavelmente porque esses incontáveis carismas, como, de certo modo, as criaturas materiais, refletem a Sua infinita perfeição, numa diversidade de luzes.

À imagem de Deus, cada um de nós, cristãos, deveria amar entusiasticamente o pluralismo e a multiplicidade. Como numa grande família, alegram-nos e orgulham-nos os frutos de santidade de tantas instituições, tão diversas umas das outras, que deixaram um sulco amplo e profundo na História da Igreja, e que configuraram também de muitas formas a sociedade em que vivemos.

Todo o trabalho que estas realidades eclesiais têm feito e continuam a fazer, bem como o de outras mais recentes, é sem dúvida um presente de Deus para o mundo. Por isso, S. Josemaria aconselhava: «Alegra-te quando vires que outros trabalham em bons campos de apostolado. E pede, para eles, graça de Deus abundante e correspondência a essa graça»<sup>[7]</sup>.

Podemos pedir a Maria que nos ajude a estar sempre abertos ao amplo horizonte da ação do Espírito Santo, para que «sejamos sempre capazes de nos apreciarmos e estimarmos reciprocamente, louvando o Senhor pela "fantasia" infinita com que Ele atua na Igreja e no mundo»<sup>[8]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Sta. Teresa de Jesus, *Livro da Vida*, 23, 17.

[2] Francisco, Mensagem, 24/01/2019.

[3] Sto. Agostinho, *Sobre o Batismo contra os Donatistas*, PL 43, VII, 39, 7.

[4] Francisco, Angelus, 30/09/2018.

[5] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 22/02/1970.

[6] Francisco, Angelus, 30/09/2018.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 965.

[8] Bento XVI, Angelus, 30/09/2012.

## Quinta-feira da VII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na quinta-feira da VII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: chamados a ser um Evangelho vivo; ser testemunhas coerentes com a nossa fé; o pecado não pode preencher o coração.*

### Sumário

- Chamados a ser um Evangelho vivo.
- Ser testemunhas coerentes com a nossa fé.
- O pecado não pode preencher o coração.

---

«QUEM vos der a beber um copo de água, por serdes de Cristo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa» (cf. Mc 9, 41). Um copo de água não parece uma grande coisa apesar de poder ser importante depois de ter estado a caminhar debaixo do ardente sol da Judeia. Mas a Jesus não lhe interessa tanto o valor material do gesto, mas o seu significado: dar um copo de água a um dos seus discípulos é um sinal de abertura, de acolhimento. Enquanto percorria os caminhos da Palestina para anunciar o Reino de Deus, Jesus agradecia os gestos de hospitalidade e carinho que recebia dos seus amigos, tanto em Betânia –na casa de Marta, Maria e Lázaro– como noutros lugares. Talvez gostássemos de ter sido uma dessas personagens do Evangelho: amigos de Jesus, pessoas que tiveram a sorte de o receber nas suas casas, de lhe oferecer alguma coisa com simplicidade, mas com genuíno afeto. Muitas delas abriram-lhe as portas das suas casas, mas, sobretudo, as portas dos seus corações.

Jesus continua a bater à nossa porta. Torna-se próximo nos sacramentos, na Sagrada Escritura, nas pessoas necessitadas que nos rodeiam... certamente que também não falta na nossa vida o bom exemplo de pessoas que, como os discípulos, nos encaminham para Cristo. Possivelmente encontramos-las na nossa família, entre os nossos amigos, num professor, numa catequista... Pessoas que foram muito importantes para nós

precisamente porque eram mulheres e homens de Deus. Isto é o que todo o discípulo de Jesus está chamado a ser: alguém que é de Cristo e que, por isso, pode ser recebido no seu nome. «Todos nós, os batizados, somos discípulos missionários e estamos chamados a ser no mundo um Evangelho vivo»<sup>[1]</sup>.

---

DEPOIS DE TER salientado o grande valor que significa levar o seu nome e a sua presença aos outros, o Senhor também avisa de como é grave fazer o contrário: «Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor seria para ele que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós movidas por um jumento e o lançassem ao mar» (cf. Mc 9, 42). Se um cristão se assume como tal, mas depois não pensa, não sente e não atua como alguém que está no caminho para Deus, cai na incoerência e torna difícil que as outras pessoas se aproximem de Cristo; deforma o seu amabilíssimo rosto e cria como que um muro em vez de construir pontes que levem à salvação. O Concílio Vaticano II afirma com clareza que muitas vezes os cristãos «antes esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião»<sup>[2]</sup>.

É muito grande a força negativa da incoerência. Todos encontramos pessoas que se afastaram da Igreja porque sentiram uma vida dupla em alguns cristãos, porque se sentiram tratadas duramente ou com excessiva rigidez, porque foram vítimas de injustiças no âmbito laboral ou social. É verdade que, pelo pecado, todos somos débeis e temos, em certa medida, tendência a comportarmo-nos de modo contraditório. Por isso, «para viver com coerência cristã é necessária a oração, porque a coerência cristã é um dom de Deus. (...). Senhor, que eu seja coerente – podemos suplicar –. Senhor, que não escandalize nunca. Que seja uma pessoa que pense como cristão, que sinta como cristão, que atue como cristão»<sup>[3]</sup>. Porque, assim como a incoerência faz muito mal, a coerência cristã faz um grande bem. O testemunho cristão agita silenciosamente os corações. Semeia nas outras pessoas uma inquietação santa sobre a qual o Espírito Santo começa a fazer o seu trabalho.

---

«SE A TUA MÃO é para ti ocasião de pecado, corta-a – diz Jesus –; porque é melhor entrar mutilado na vida do que ter as duas mãos e ir para a Geena, para esse fogo que não se apaga. E se o teu pé é para ti ocasião de pecado, corta-o; porque é melhor entrar coxo na vida do que ter os dois pés e ser lançado na Geena. E se um dos teus olhos é para ti ocasião de pecado, deita-o fora; porque é melhor entrar no reino de Deus só com um dos olhos do que ter os dois olhos e ser lançado na Geena, onde o verme não morre e o fogo não se apaga» (cf. Mc 9, 43.45.47-48). Depois de ter alertado sobre a gravidade da incoerência de vida, que afasta as outras pessoas da salvação, Jesus usa exemplos gráficos para nos persuadir a olhar para a nossa vida presente com olhos de eternidade. Porque o requisito prévio para pôr em prática aquelas palavras, aquilo que Jesus assume ao pronunciá-las, é o nosso grande desejo de sermos felizes com Deus: essa aspiração a “entrar na vida” ou a “entrar no Reino”.

O Senhor quer que afastemos de nós o pecado, o que inclui evitar qualquer ocasião próxima de ofender a Deus, porque sabe que isso não preencherá o nosso coração. Se experimentamos que «não há nada melhor no mundo do que estar na graça de Deus»<sup>[4]</sup>, quereremos pôr os meios necessários para afastar de nós tudo o que nos possa afastar do Senhor, com humildade e fortaleza. S. Josemaria encorajava-nos a que nunca nos desanimássemos ao descobrir dentro de nós a inclinação para o mal. «Não te envergonhes –dizia– de descobrir que tens no coração o "*fomes peccati*", a inclinação para o mal, que te acompanhará enquanto fores vivo, porque ninguém está livre dessa carga. Não te envergonhes, porque Nosso Senhor, que é onnipotente e misericordioso, deu-nos todos os meios idóneos para superar essa inclinação: os Sacramentos, a vida de piedade, o trabalho santificado. Emprega-os com perseverança, disposto a começar e recomeçar»<sup>[5]</sup>.

Maria ajuda-nos no caminho para a verdadeira felicidade. «Na *Salvé Rainha*, chamamos-Lhe “vida nossa”: parece exagerado, porque a vida é Cristo (cf. Jo 14, 6), mas Maria está tão unida a Ele e tão perto de nós que não há nada melhor do que colocar a vida nas suas mãos e reconhecê-l’A «vida, doçura e esperança nossa»<sup>[6]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 09/02/2014.

[2] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 19.

[3] Francisco, Homilia, 27/02/2014.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, 286.

[5] S. Josemaria, *Forja*, 119

[6] Francisco, Audiência, 01/01/2019.

## Sexta-feira da VII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar na sexta-feira da VII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o matrimónio é uma realidade natural; os esposos refletem o amor de Deus pelos homens; Deus está presente nas dificuldades.*

### Sumário

- O matrimónio é uma realidade natural.
- Os esposos refletem o amor de Deus pelos homens.
- Deus está presente nas dificuldades.

---

ENQUANTO SE DIRIGE a Jerusalém, Jesus detém-se nalguns lugares da Judeia. As multidões reúnem-se para O escutar. Aproximam-se também uns fariseus, mas a sua atitude contrasta com a simplicidade dos outros. Esses fazem-lhe uma pergunta comprometedora «para o experimentar» (Mc 10, 2): querem saber se é lícito ao marido repudiar a sua mulher. As escolas rabínicas discutiam sobre quais eram os motivos suficientes para o repúdio, com posições que iam desde admiti-lo por razões muito banais até reservá-lo só para casos graves. A casuística era intrincada, e o propósito oculto dos fariseus era enredar Jesus. Por isso, devem ter ficado surpreendidos ao escutar a sua resposta, que atribui as concessões da lei de Moisés à dureza do coração humano. Cristo reafirma o desígnio primordial de Deus, que «desde o princípio da criação, Deus fê-los homem e mulher. Por isso –diz Jesus– o homem deixará seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher, e serão os dois um só. Pois bem, o que Deus uniu não o separe o homem» (Mc 10, 6-9).

O Senhor recorda uma verdade que o pecado tinha obscurecido: que o matrimónio é uma realidade natural criada por Deus, desde o princípio, e, portanto, boa e santa. Tem como característica própria a total entrega mútua entre homem e mulher, para assim criar o espaço idóneo para o amor. «Quem está enamorado não projeta que essa relação possa ser apenas por

um certo tempo; quem vive intensamente a alegria de se casar não está a pensar em algo de passageiro; aqueles que acompanham a celebração duma união cheia de amor, embora frágil, esperam que possa perdurar no tempo; os filhos querem não só que os seus pais se amem, mas também que sejam fiéis e permaneçam sempre juntos. Estes e outros sinais mostram que, na própria natureza do amor conjugal, existe a abertura ao definitivo. A união, que se cristaliza na promessa matrimonial para sempre, é mais do que uma formalidade social ou uma tradição, porque radica-se nas inclinações espontâneas da pessoa humana. E, para os crentes, é uma aliança diante de Deus, que exige fidelidade»<sup>[1]</sup>.

---

O CATECISMO DA IGREJA afirma que os sacramentos são «como “forças que saem” do Corpo de Cristo (...) são as “obras-primas de Deus” na nova e eterna Aliança»<sup>[2]</sup>. Também explica os sacramentos são «sinais eficazes da graça»<sup>[3]</sup>. Isto pode ajudar-nos a compreender o valor imenso do sacramento do matrimónio: o compromisso dos esposos é acolhido por Deus para manifestar aí, através desse vínculo, o amor divino. «Os esposos são, portanto, para a Igreja o chamamento permanente daquilo que aconteceu sobre a Cruz; são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação da qual o sacramento os faz participar»<sup>[4]</sup>. «Segundo a tradição latina, são os esposos que, como ministros da graça de Cristo, mutuamente se conferem o sacramento do Matrimónio, ao exprimirem, perante a Igreja, o seu consentimento»<sup>[5]</sup>, continua a dizer o Catecismo.

«Quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do matrimónio, Deus, por assim dizer, “espelha-Se” neles, imprime neles as suas características e o carácter indelével do seu amor. O matrimónio é o ícone do amor de Deus por nós. Com efeito, também Deus é comunhão: as três Pessoas –Pai, Filho e Espírito Santo– vivem desde sempre e para sempre em unidade perfeita. É precisamente nisto que consiste o mistério do matrimónio: dos dois esposos, Deus faz uma só existência. Isto tem consequências muito concretas na vida do dia-a-dia, porque, «em virtude do sacramento, os esposos são investidos numa autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja»<sup>[6]</sup>.



Por isso, S. Josemaria ensinava que o matrimónio é «sinal sagrado que santifica, ação de Jesus, que invade a alma dos que se casam e os convida a segui-l'O, transformando toda a vida matrimonial num caminhar divino pela Terra. Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união»<sup>[7]</sup>. Cada espaço da vida familiar passa a ser parte dessa transformação operada por Deus: desde a relação entre os esposos até aos esforços económicos para sustentar os filhos; passando pela educação, tarefas domésticas, abertura a outras famílias, lazer, etc.

---

AO MESMO TEMPO que conhecemos a grandeza do sacramento do matrimónio, não se nos ocultam as dificuldades que aparecem na vida matrimonial. Temos consciência de que os problemas, em algumas ocasiões, podem levar à rutura daquela comunhão. Talvez aconteça que «há situações próprias da inevitável fragilidade humana, a que se atribui um peso emotivo demasiado grande. Por exemplo, a sensação de não ser completamente correspondido, os ciúmes, as diferenças que podem surgir entre os dois, a atração suscitada por outras pessoas, os novos interesses que tendem a apoderar-se do coração, as mudanças físicas do cônjuge e tantas outras coisas que, mais do que atentados contra o amor, são oportunidades que convidam a recriá-lo uma vez mais»<sup>[8]</sup>.

Não hão de faltar crises na história de um casal e, na realidade, na de toda a comunidade humana. É importante aprender saber que, nesses momentos, Deus não está ausente nem se esqueceu de nós. Pelo contrário, são justamente ocasiões de descobrir mais maduramente a sua proximidade, são oportunidades de tornar mais forte a nossa fé e o nosso amor para com as outras pessoas. «Nestas circunstâncias, alguns têm a maturidade necessária para voltar a escolher o outro como companheiro de estrada, para além dos limites da relação (...). A partir duma crise, tem-se a coragem de buscar as raízes profundas do que está a suceder, de voltar a negociar os acordos fundamentais, de encontrar um novo equilíbrio e de percorrer juntos uma nova etapa. Com esta atitude de constante abertura, podem-se enfrentar muitas situações difíceis»<sup>[9]</sup>. No entanto, não há receitas aplicáveis a todos os casais: Deus chama à santidade cada pessoa, cada casal, e os caminhos que nos levam a Ele são sempre diversos.

Podemos pedir a Santa Maria, Rainha da família, que nos abramos a receber de Deus uma caridade cada vez maior, amadurecida nas dificuldades inevitáveis, que nos ajude, seguindo os conselhos de S. Josemaria, a «partilhar as alegrias e os possíveis dissabores; a saber sorrir, esquecendo-se das preocupações pessoais para atender os outros; a escutar o outro cônjuge ou os filhos, mostrando-lhes que são amados e compreendidos deveras»<sup>[10]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 123.

[2] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1116.

[3] *Ibid.*, n. 1131.

[4] S. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 13.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1623.

[6] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 121.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 23.

[8] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 237.

[9] *Ibid.*, n. 238.

[10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 4.

## Sábado da VII semana do Tempo Comum

*Reflexão para meditar no sábado da VII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o Reino de Deus pertence aos que são como as crianças; um caminho de infância espiritual; tornar-se como criança requer maturidade.*

### Sumário

- O Reino de Deus pertence aos que são como as crianças.
- Um caminho de infância espiritual.
- Tornar-se como criança requer maturidade.

---

NO TEMPO de Jesus era costume os chefes da sinagoga abençoarem as crianças, e também os pais aos filhos e os mestres aos seus discípulos. Por isso, pareceu muito natural às pessoas que escutavam o Senhor aproximar d'Ele os seus filhos pequeninos para lhes pegar ao colo e os abençoar. Porém, esse bom desejo pareceu inoportuno aos discípulos. Talvez pensassem que se tratava de uma interrupção que se devia evitar, de modo que decidiram repreender as pessoas que tentavam aproximar-se de Cristo. O Evangelho diz-nos que «vendo isto, Jesus indignou-se e disse-lhes: “Deixai vir a Mim as criancinhas, não as estorveis: dos que são como elas é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele”» (Mc 10, 13-15).

Há que ter em conta a consideração que se tinha para com as crianças na antiguidade: a verdade é que pouco contavam com elas e a ninguém teria ocorrido que se pudesse aprender algo delas. Pelo contrário, «como a criança é importante aos olhos de Jesus! Poder-se-ia mesmo observar que o Evangelho está profundamente permeado pela verdade sobre a criança. Até seria possível lê-lo, no seu todo, como o “Evangelho da criança”. Na verdade, que quer dizer: “Se não vos converterdes voltando a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus”? Porventura não apresenta Jesus a criança como modelo também para os adultos? Na

criança, há algo que nunca poderá faltar em quem deseja entrar no Reino dos Céus. Ao Céu, estão destinados aqueles que são simples como as crianças, quantos são cheios de confiante abandono, ricos de bondade e puros como elas»<sup>[1]</sup>.

«Não queiras ser grande. – Criança, criança sempre», aconselhava S. Josemaria. «A tua triste experiência quotidiana está cheia de tropeços e de quedas. Que seria de ti se não fosses cada vez mais pequeno? Não queiras ser grande, mas menino. Para que, quando tropeçares, te levante a mão de teu Pai-Deus»<sup>[2]</sup>.

---

«ESTAMOS NUM século de invenções –escrevia Sta. Teresinha de Lisieux nos finais do Século XIX–. Não vale a pena cansar-nos a subir uma escada pelos seus degraus: se os ricos têm um ascensor que lhes poupa este trabalho, quero também eu ver se encontro um ascensor que me eleve até onde habita o meu Jesus, pois sou pequenina demais para trepar pela íngreme escada da perfeição. Então procurei nos Livros Sagrados algum indício do ascensor, com que sonhava, e dei com os olhos nestas palavras que a própria Sabedoria eterna pronunciara: “Quem é pequenino, venha a mim” (Pr 9, 4)»<sup>[3]</sup>.

Fazer-se pequeno. O Senhor fez Sta. Teresinha do Menino Jesus descobrir este caminho para aceder à santidade. «Sempre desejei ser santa – confiava à sua superiora–. Mas sempre que me pus em paralelo com os santos, pude facilmente verificar que há entre eles e mim a mesma diferença que entre uma montanha, cujo cimo se vai perder nas nuvens e um grãozinho de areia que todos pisam aos pés sem darem sequer pela sua existência. Mas em vez de desanimar, disse a mim mesma: Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis; portanto, apesar da minha pequenez, posso aspirar à santidade»<sup>[4]</sup>.

Também S. Josemaria teve experiências análogas na sua vida, embora com matizes e timbres diferentes. No *Caminho* dedica todo um capítulo a numerosas considerações sob o título “Infância espiritual”. O fundador do Opus Dei sempre se viu perante Deus como um menino, como um instrumento inadequado que, no entanto, se sentia seguro nos braços do seu

Pai do Céu: «Em todas as circunstâncias, a minha oração tem sido a mesma com tonalidades diferentes. Tenho-lhe dito: Senhor, Tu colocaste-me aqui; Tu confiaste-me isto ou aquilo, e eu confio em Ti. Sei que és meu Pai e tenho visto sempre que as crianças confiam absolutamente nos pais»<sup>[5]</sup>. E aconselhava também: «Que sejais muito crianças! Quanto mais, melhor (...). Fomentai a fome, a aspiração de ser como crianças. Convençei-vos de que é a melhor forma de vencer a soberba. Persuadi-vos de que é o único remédio para que a nossa maneira de atuar seja boa, grande, divina»<sup>[6]</sup>.

---

«CAMINHO DE INFÂNCIA. – Abandono. – Infância espiritual. – Nada disto é ingenuidade; é forte e sólida vida cristã»<sup>[7]</sup>. Ser-se criança perante Deus não tem nada a ver com sentimentalismo nem com puerilidade, antes «requer uma vontade rija, uma maturidade bem temperada, um carácter firme e aberto»<sup>[8]</sup>. A vida de infância, «supõe uma fé viva na existência de Deus, uma submissão prática ao seu poder e à sua misericórdia, um recorrer confiado à Providência d’Aquele que nos dá a sua graça para evitar todo o mal e conseguir todo o bem»<sup>[9]</sup>.

A pessoa que empreende o caminho da infância deve trabalhar o seu coração para acolher os dons de Deus e adquirir as virtudes das crianças, que só se alcançam a troco de «renunciar à soberba, à autossuficiência; reconhecer que, sozinhos, nada podemos, porque necessitamos da graça, do poder do nosso Pai, Deus, para aprender a caminhar e para perseverar no caminho. Ser pequeno exige abandonar-se como se abandonam as crianças, crer como creem as crianças, pedir como pedem as crianças»<sup>[10]</sup>.

«Tudo isto aprendemos na intimidade com Maria. A devoção à Virgem não é moleza; é consolo e júbilo que enche a alma precisamente porque exige o exercício profundo e íntegro da Fé, que nos faz sair de nós mesmos e colocar a nossa esperança no Senhor. (...). Porque Maria é Mãe, a sua devoção ensina-nos a ser filhos»<sup>[11]</sup>.

---

## NOTAS

- [1] S. João Paulo II, *Carta às Crianças*, 13/12/1994.
- [2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 870.
- [3] Sta. Teresa de Lisieux, *História de uma Alma*, Manuscrito C, 2v. 3r.
- [4] *Ibid.*
- [5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 143.
- [6] *Ibid.*, n. 147.
- [7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 853.
- [8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 10.
- [9] Bento XV, Discurso, 14/08/1921.
- [10] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 143.
- [11] *Ibid.*